

A ODISSEIA

menelaos stephanides

ODYSSEUS

traduzido por **Janaína R. M. Potzmann**

MITOLOGIA HELÊNICA

A Odisseia

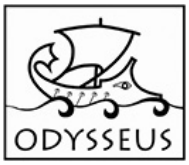
Recontada por Menelaos Stephanides

Tradução Janaína R. M. Potzmann

Revisão técnica e notas Luiz Alberto Machado Cabral

Quarta Edição

Primeira Edição Digital 2016



A Odisseia

Título Original: ΟΔΥΣΣΕΙΑ
Autor: Menelaos Stephanides
Editor: Stylianos Tsirakis
Tradução: Janaina Rossi Moreira
Revisão técnica e notas: Luiz Alberto Machado Cabral
Preparação de texto: Cely Arena
Revisão ortográfica: Pedro Ulsen
Projeto gráfico: Isabella Lotufo
Conversão Digital: Tiago Cirilo
Ilustrações: Iannis Stephanides

Todos os direitos desta edição reservados à:
© 2000 Odysseus Editora Ltda.

Odysseus Editora Ltda.
R. dos Macunis, 495 - CEP 05444-001
Tel./fax [11] 3816-0835
e-mail: contato@odysseus.com.br

www.odysseus.com.br

ISBN: 978-85-7876-051-9

Quarta Edição
Prmeira Edição Digital 2016

A Odisseia

Um oráculo dizia que Troia não poderia ser conquistada sem Aquiles. Outro afirmava que seriam necessárias as flechas de Héracles. Um terceiro, que Neoptólemo também deveria estar guerreando ao lado dos gregos, e, um quarto, que era indispensável que os gregos se apossassem do Paládio,(1) a estátua divina de Palas Atena, que garantia a salvação da cidade. Nenhum oráculo, porém, dissera que Troia só seria tomada se os gregos contassem com o auxílio de Odisseu(2). E, no entanto, jamais a cidade de Príamo teria sido conquistada sem o intelecto, a insistência e a ousadia dele, pois foi Odisseu quem idealizou o Cavalo de Madeira no qual os gregos entraram em Troia. E não apenas isso: foi ele quem descobriu Aquiles, quando a mãe deste o mantinha escondido, receosa de que o filho perecesse em combate; foi ele quem conseguiu trazer, da ilha de Lemnos, o herói Filoctetes, que possuía as flechas de Héracles; e foi ele quem, por fim, conseguiu roubar o Paládio!

Mesmo que não tenha havido nenhuma profecia a seu respeito, a verdade é que Troia jamais seria conquistada sem a participação de Odisseu. Contudo, o exército grego levou dez anos para tomar a fortificada cidadela de Ílion,(3) e um outro período de dez anos estava chegando ao fim e só ele ainda não regressara. Ninguém sabia se estava vivo ou morto. Os deuses, porém, tudo sabem: Odisseu está vivo e irá retornar...

1 Paládio: o Paládio é uma escultura divina, dotada de propriedades mágicas, que se supunha representar a deusa Palas. Não é mencionada nos poemas homéricos. Na Ilíada, é evidente que a estátua cultual de Atena, venerada em Troia, era uma representação da deusa sentada, enquanto o Paládio é uma imagem da divindade em pé, denotando a rigidez característica dos antigos xóana (ídolos de madeira da época arcaica). O Paládio tinha a virtude de garantir a integridade da cidade que o possuísse e lhe prestasse culto. Para a história de sua origem, veja, desta mesma coleção, Ilíada: a Guerra de Troia.

2 Odisseu é o nome grego. Ulisses deriva do nome latino Ulixes, que é uma variação dialetal. Sobre a origem grega de seu nome, a mitologia nos proporciona duas histórias curiosas. Uma delas tinha origem num trocadilho sobre o nome Odysseus: no dia em que Anticleia estava a ponto de dá-lo à luz, no monte Nérito, ela foi surpreendida pela chuva e a água impediu-a de prosseguir seu caminho. O nome Odysseus seria, assim, um fragmento aproximado da frase grega que significa “Zeus choveu no caminho”. A Odisseia dá outra interpretação do nome de seu herói: teria sido Sísifo quem assim denominou a criança porque ele próprio “era detestado por muitas pessoas” (com efeito, o nome Odysseus lembra o verbo grego odyssomai: “ser odioso”).

3 Ílion: segundo a lenda, Dárdano, filho de Zeus, fundou a Dardânia (Ilíada, XX, 213), um distrito a noroeste de Troia, e casou-se com Bátea, filha do rei local, Teucro. Seus descendentes foram Trós (de

quem o distrito de Troia e os troianos tiraram seus nomes) e Ilos, fundador da cidade de Troia, conhecida consequentemente como Ílion. Para a história de sua fundação, veja, desta mesma coleção, Ilíada: a Guerra de Troia.

Sumário

A Odisseia

ODISSEU VIVE E VOLTARÁ

Os deuses decidem-se pela volta de Odisseu
Atena aparece para Telêmaco
Os pretendentes delapidam os bens de Odisseu
Assembleia popular em Ítaca
Sinal divino
Telêmaco parte em viagem
Telêmaco com Nestor
Telêmaco em Esparta

A JORNADA DE ODISSEU

Odisseu na ilha de Calipso
Possêidon impede o retorno de Odisseu
Na ilha dos Feácios
O encontro com Nausícaa
No palácio do rei Alcínoo
Odisseu compete nos jogos
Odisseu conta a sua história
O encontro com os Cícones e os Lotófagos
Na terra dos ciclopes
Na ilha de Éolo
Na terra dos Lestrigões
Na ilha de Circe
Viagem ao Hades
O encontro com as sereias
Entre Cila e Caribdes
Os bois de Hélios

O RETORNO A ÍTACA

Odisseu desperta em Ítaca
Na cabana de Emeu
Telêmaco retorna a Ítaca
O encontro de Odisseu e Telêmaco
O plano para enfrentar os pretendentes
Odisseu chega ao palácio
O encontro com Penélope
euricleia reconhece Odisseu

O fim dos pretendentes

O arco de Odisseu
Odisseu participa da prova

Começa a luta
Penélope reconhece Odisseu
O encontro com o velho Laerte

O poeta da Íliada e da Odisseia (por Menelaos Stephanides)

Sobre o Autor

Coleção Mitologia Helênica



ODISSEU VIVE E VOLTARÁ

Os deuses decidem-se pela volta de Odisseu

Musa, deusa, ajude-me a cantar os tormentos do ardiloso Odisseu, que por tantos anos penou nos altos mares desde que pisou o sagrado castelo de Troia, sempre ansiando retornar à pátria com seus companheiros. Estes, no entanto, pereceram todos, porque pecaram ao abater os bois de Hélios.

Quanto aos outros aqueus, os que não morreram na guerra ou nos mares, todos, cedo ou tarde, voltaram para casa. E ele, que mais que ninguém desejava rever sua pátria e sua querida esposa, ainda não voltou... porque o mantinha em suas cavernas Calipso, a venerável deusa, que o queria para seu marido. Mesmo quando, passando-se os anos, chegou o desejado dia do retorno, as batalhas não foram poucas, mesmo dentro de seu próprio palácio. Embora os deuses desejassem seu retorno, Possêidon ainda reservava muita maldade para o herói, não deixando que ele chegasse à sua amada ilha, Ítaca.

Porém, agora o deus do mar estava longe, no país dos etíopes, onde lhe ofereciam rico sacrifício. Enquanto se entretinha com a farta oferenda, os outros deuses reuniam-se no Olimpo. Primeiro falou Zeus. Lembrara-se de Egisto, que Orestes havia matado, alcançando com isso grande glória:

– É pena – disse Zeus – que os mortais censurem os imortais pelas desgraças que os atingem, quando a culpa não é do destino, mas da própria mente humana. Vejam o que fez Egisto: tomou de Agamêmnon, quando este se encontrava longe, na guerra, a esposa e o trono. E depois da volta do chefe dos aqueus, assassinou-o dentro de sua própria casa. Ainda que o advertíssemos, por meio de Hermes, que não o fizesse e restituísse ao marido a rainha Clitemnestra. Hermes lhe falava para seu próprio bem, mas ele não ouviu e agora pagou por tudo o que fez.

– Zeus, meu pai – disse então Atena –, Egisto recebeu o castigo que merecia e que assim sofra quem cometer tais vilanias! A mim, no entanto, corta-me o coração ver o divino Odisseu, que tantos anos padece amargamente longe dos seus, cativo em uma ilha, no meio do imenso mar! Lá o mantém há anos Calipso, a filha de Atlas. Ela tenta com palavras sedutoras fazê-lo esquecer a pátria, mas o infeliz só anseia por ver, ainda que de longe, um pouco de fumaça saindo dos telhados dos lares de Ítaca, e então poder morrer. Mas, por que, meu pai, você não se compadece dele? Ou será que foram poucos os sacrifícios que já lhe ofereceu Odisseu e, por isso, está tão

irado com ele?

– Minha filha, como foi que lhe escaparam tais palavras dos lábios? – respondeu Zeus. – Posso eu esquecer o divino Odisseu, que ninguém alcança na força do intelecto e ricos sacrifícios que ofereceu a todos os deuses? Mas os mares, você bem sabe, governa-os Possêidon, o abalador da Terra,(4) que tem um ódio indelével por Odisseu desde que este cegou seu filho, o ciclope Polifemo. Assim, o deus o mantém longe da pátria e o carrega de tormentos e amarguras infinitas. Mas pensemos agora nós, os outros deuses, em como Odisseu voltará para casa, pois o abalador da Terra não pode teimar eternamente contra a nossa vontade.

Alegrou-se Atena com as palavras de Zeus:

– Pai, primeiro entre os deuses, uma vez que já decidimos que Odisseu deve retornar, que o alado Hermes vá correndo à ilha Ogígia comunicar nossa resolução à deusa Calipso. Quanto a mim, irei à casa de Odisseu, em Ítaca, encontrar seu filho Telêmaco, a fim de encorajá-lo e dizer-lhe que resista aos odiosos pretendentes que reivindicam a mão de sua mãe e lhe arruinam o patrimônio. Dir-lhe-ei, ainda, que vá a Pilos e a Esparta informar-se sobre o retorno de seu pai.

Atena aparece a Telêmaco

Concordaram Zeus e todos os deuses. Então, Atena pegou sua pesada lança de guerra e, como um relâmpago, voou do Olimpo a Ítaca. Ao chegar, tomou a forma de Mentes, o rei de Tafos, e dirigiu-se à entrada do palácio. No pátio estavam os pretendentes. Passavam seu tempo jogando dados: alguns servos lhes preparavam comida, outros limpavam as mesas, cortavam as carnes, punham água no vinho e o despejavam nas taças.

Telêmaco foi quem primeiro notou o estrangeiro. Àquela hora tinha o pai em seu pensamento e, como ouvia os pretendentes a fazer barulho, disse a si mesmo: “Ah! Quem dera ele viesse de algum lugar, os expulsasse e tomasse novamente o poder em suas mãos!”. Assim cogitando, reparou no estrangeiro e correu ao seu encontro. Pareceu-lhe indelicado deixá-lo parado, sozinho. Assim que se aproximou, pegou-o amigavelmente pelo braço e tomou-lhe a pesada lança das mãos:

– Bem vindo, estrangeiro. Passe para dentro. Nosso lar é seu também. Venha sentar-se, coma à vontade e depois nos diga quem é e que necessidade

o trouxe até nós.

Assim, ele conduziu a deusa disfarçada para dentro do alto palácio. Entrando, deixou a lança apoiada no porta-lanças belamente entalhado, onde já havia outras que pertenciam a Odisseu. Em seguida, fez Atena sentar-se num lindo trono, delicadamente trabalhado, estofado de linho e com um escabelo aos pés. Tomou também um assento para si, igualmente entalhado, e sentaram-se assim os dois, um perto do outro e longe dos pretendentes, para que o estrangeiro não ficasse incomodado e Telêmaco pudesse perguntar-lhe se tinha notícias de seu pai. Veio imediatamente uma criada, trazendo água que entornou em uma bacia de prata, para que lavassem as mãos. Em seguida, estendeu-lhes uma bela mesa, enquanto o despenseiro trazia comida deliciosa e bem feita. De pé, o copeiro se encarregava de encher-lhes as taças.

Os pretendentes delapidam os bens de Odisseu

Os pretendentes também se sentaram às mesas preparadas e se lançaram à comida e à bebida, virando um após outro os copos transbordantes. Tendo comido e bebido à vontade, veio-lhes o desejo de dançar e cantar. Um deles entregou a harpa a Fêmio, o cantor de doce voz, que por necessidade divertia os pretendentes. Dedilhou sua lira e, quando começou a tocar, Telêmaco inclinou-se para falar ao visitante desconhecido, de modo que os outros não o escutassem:

– Meu bom estrangeiro, não me leve a mal pelo que vou lhe dizer. Veja, contudo, de que se ocupam eles! Só se preocupam com diversão e conforto, comendo e bebendo às custas do homem cujos ossos – quem sabe onde!? – estão a apodrecer... Mas, se o vissem de repente diante dos olhos, prefeririam ter asas nos pés a todos os bens do mundo! Porém, ele está desaparecido e não temos esperança alguma de revê-lo. E nem creio em quantos dizem que voltará... Mas agora, diga-me, estrangeiro, quem é você, quem são seus pais, de onde vem, como chegou à nossa ilha e o que deseja de nós. Diga-me, ainda, se vem pela primeira vez ou se é velho amigo de nossa casa, porque meu pai sempre teve laços de amizade com os homens bons e dignos.

Atena respondeu-lhe diligentemente com estas palavras:

– Com alegria lhe direi tudo o que me perguntou. Sou Mentes, filho do

glorioso Anquíalo, e governo os táfios, um povo do mar. Agora estou a caminho de Chipre, em busca de bronze. Seu pai e eu éramos ternos amigos. Quando você for visitar seu avô, o velho guerreiro Laerte, pergunte-lhe de mim. Sei que não vem mais à cidade, mas vive na montanha, a amargar uma dolorosa existência. Dizem que só uma velha criada cuida dele. Ela lhe dá de comer e beber quando, nas encostas onde cresce a vinha, seus joelhos cedem ao cansaço do trabalho. Passei por aqui porque alguém me disse que Odisseu havia voltado... mas vejo que os deuses ainda impedem o seu retorno! Odisseu vive, mas deve estar em alguma ilha remota, cercado pelas ondas, onde homens perversos o obrigam a ficar... Entretanto, profetizarei uma coisa, ainda que não seja adivinho e não entenda de sinais divinos: algo me diz que, mesmo que o mantenham preso a ferros, ele descobrirá um modo de escapar, e não está longe o dia da sua volta. Engenhosidade como a dele não se encontra em outro facilmente. Diga-me, porém: você é filho de Odisseu? Pois já é um homem feito e muito parecido com ele no rosto, nos olhos e nos modos.

– Sim – respondeu Telêmaco. – Assim o destino arranjou as coisas: ter eu por pai o homem mais desventurado deste mundo...

– Você é um excelente filho, todavia, e de glorioso clã. Tal estirpe os deuses não deixarão que pereça! Mas agora, permita-me que lhe pergunte uma coisa: que gente é essa? Que banquete é esse? Com que intuito? Estão festejando algo? Esses homens me parecem parasitas. Que atitudes são essas? Qual homem de juízo pode ver tudo isso sem ficar indignado e enfurecido?

– Eu lhe contarei sobre todas as nossas amarguras, já que é um amigo. Esta casa seria feliz se meu pai estivesse aqui. Desapareceu, porém, porque até os deuses invejaram sua glória. Ah! Se eu ficasse sabendo que foi morto em Troia, entre seus companheiros, estaria satisfeito... Porque, então, erguer-lhe-iam um monumento e eu o lembraria com orgulho. Mas deve ter perecido de modo inglório, deixando a mim amarguras e tormentos. A razão é que não choro somente pela ruína de meu pai. Vieram à nossa casa todos esses que você está vendo. São os filhos dos soberanos de Zante, de Cefalônia, de Dulíquios... Querem se casar com minha mãe. Para atingir seu objetivo nos extorquem, devoram nossos haveres e não vão embora enquanto minha mãe não se decidir por um deles. Enquanto nossa casa caminha para a perdição, até mesmo a mim eles dirigem ameaças de morte!

Indignou-se Atena:

– É com austeridade que lhe falo, Telêmaco. Você não é mais criança, e sim um homem feito. Ah, onde estará Odisseu que ninguém alcançava em inteligência, ousadia e força... Viesse ele, de repente, parar à porta com elmo e escudo, segurando duas lanças (tal como o conheci outrora), minando as forças desses pretendentes, eles encontrariam a sua própria perdição no olhar de Odisseu! Contudo, um conselho ainda lhe darei: chame o povo em assembleia para que saibam todos o que você sofre por conta desses malfeitores e, a estes, ordene que juntem suas coisas e saiam daqui. Faça também com que os deuses sejam testemunhas de que terão um fim amargo se não tomarem seu rumo. Dou-lhe, também, mais um conselho, e é preciso que ouça... Procure saber se o seu pai vive ou se morreu. Junte vinte bons marujos em um navio e vá para Pilos, falar com o velho Nestor. Ele, mesmo que nada saiba, algum bom conselho irá lhe dar. Depois, dirija-se a Esparta, à casa de Menelau, que foi o último de todos a retornar da guerra. Alguma coisa ele também lhe dirá. Caso você fique sabendo que seu pai está vivo, então tenha paciência, pois ele voltará para casa. Se, no entanto, descobrir que morreu, erga em sua honra um alto monumento e ofereça os sacrifícios fúnebres. Desses aqui, porém, é preciso que encontre um modo de se livrar. Você já é um jovem valoroso, Telêmaco! Seja com malícia, seja de maneira manifesta, deve se desembaraçar de todos eles. Você bem sabe que glória teve Orestes(5) ao matar Egisto, o assassino do seu célebre pai. Quanto a você, veja só que alto, que bravo homem é! Mostre sua força e audácia, para que as gerações futuras falem de você com admiração... Mas chegou a hora de deixá-lo. Esperam-me os meus e já está tarde. Apenas trate de pensar nas coisas todas que lhe disse e encontre uma maneira de levá-las a cabo.

Então, Telêmaco falou:

– Foi como um pai que você me disse essas coisas todas, estrangeiro. Não esquecerei seus conselhos. Todavia, não se apresse em ir embora. Fique, tome um banho para que se sinta mais confortável e, em seguida, siga para o navio satisfeito, com um presente que lhe darei de coração. Será precioso, belíssimo, tal como se oferece aos bons amigos.

– Preciso ir embora, Telêmaco – disse a deusa. – Você me reteve por muito tempo; quanto ao presente que tanto quer me dar, guarde-o. Eu o aceitarei quando voltar, trazendo-lhe um outro que seja digno do seu.

Tendo dito essas palavras, a deusa transformou-se em uma águia e

imediatamente alçou voo em direção ao céu. Admirado, Telêmaco então percebeu que não falava com Mentes, mas com a própria Atena, o que lhe deu força e coragem. Os conselhos da deusa ele seguiria fielmente.



Fêmio ainda cantava e todos ouviam em silêncio. Agora interpretava uma canção sobre a volta dos aqueus de Troia. Ao ouvi-la, de seu quarto, Penélope desceu as escadas. Acompanhavam-na duas criadas. Seus olhos estavam cheios de lágrimas:

– Você sabe muitas outras histórias, Fêmio, que se tornaram canções e encantam os homens. Cante uma delas para que eles escutem enquanto bebem... mas essa que está a cantar faz sangrar meu coração. Não mais a cante! Afinal, uma dor incurável devora-me as entranhas, pois enquanto eu viver não esquecerei o homem cuja glória se espalhou por toda a Grécia!

Então, o prudente Telêmaco disse:

– Por que, mãe, censurar o cantor? Que culpa tem ele? A culpa é de Zeus, que faz as coisas acontecerem como quer. Ademais, será só o meu pai que

perdeu o caminho de volta? Muitos não voltaram. Por isso, vá lá para cima cuidar dos seus afazeres e de suas criadas. Com o resto, deixe que se preocupem os homens, sobretudo eu, que agora sou o chefe desta casa.

Penélope perdeu a fala. Nunca Telêmaco a contrariara como agora. "E não é que já se tornou um homem?", disse a si mesma. Com dissimulada alegria, suavizou a dor e, satisfeita, obedeceu.

Assembleia popular em Ítaca

Assim que a incomparável mulher se retirou, os pretendentes iniciaram a balbúrdia.

– Parem! – gritou-lhes Telêmaco. – Não permanecerão aqui dentro por muito tempo. Pela manhã, chamarei o povo em assembleia e direi tudo o que está se passando.

Os pretendentes morderam os lábios, perplexos por Telêmaco ter-lhes falado com audácia. Antínoo, o mais insolente de todos, levantou-se e disse:

– De onde é que você tirou coragem para se dirigir a nós dessa maneira? Dos deuses, talvez? Saiba, todavia, que Zeus nunca deixará que você se torne rei, mesmo sendo filho de Odisseu!

– Deixe o garoto, Antínoo – disse Eurímaco, outro pretendente, cheio de malícia. – Os deuses sabem quem será o rei em Ítaca. Mas fale-me, criança – disse voltando-se para Telêmaco –, quem era aquele com quem você estava conversando? Trouxe alguma notícia do pai, ou veio por alguma outra razão? Parecia um nobre. Como partiu sem que o conhecêssemos?

– Quanto a mim, o que me dilacera – respondeu Telêmaco – é o desaparecimento de meu pai. E de quantos adivinhos minha mãe chama para perguntar sobre ele, eu a nenhum dou crédito, pois já não sou criança, Eurímaco! Quanto ao estrangeiro, pois bem: é amigo querido, vindo de Tafos. Tratava-se de Mentes, o filho do célebre Anquíalo.

Isso disse, embora soubesse que o estrangeiro era a própria Atena.

No outro dia, a mando de Telêmaco, os arautos convocaram o povo para uma assembleia, à qual compareceu muita gente. Chegaram também os pretendentes. Por fim, veio o incomparável filho de Odisseu. Vestia seu melhor traje, de espada à cinta e calçando belas sandálias. Uma graça celestial o envolvia. Parecendo um deus, avançou e sentou-se no trono de seu pai. Toda a multidão olhava-o admirada.

O primeiro a falar na assembleia foi Egípcio, ancião combatente, agora já curvado pelos anos. Olhou Telêmaco e disse:

– Você parece ser um jovem de valor e um homem razoável. Que os deuses o bendigam e Zeus o proteja sempre. Diga-me somente, porém, o motivo da assembleia. Não nos reunimos desde que Odisseu partiu. Estará vindo de Troia o nosso exército? Anseio por ver meu filho, mas acho que o perdi para sempre... – e, dizendo isso, escondeu seu rosto, pois os olhos se encheram de lágrimas.



Então, o arauto entregou o bastão a Telêmaco, para que tomasse a palavra. Pegando este o cetro, levantou-se e disse:

– Quisera eu ter alguma notícia do exército para lhes dar. Assim eu também teria sabido algo de meu pai... mas nada sei. Todavia, eu os chamei para

contar-lhes dois grandes tormentos meus. Um deles é que aquele que para todos era como um pai e poderia pôr ordem em tudo está desaparecido. Porém, minha maior aflição é outra: a permanência de todos esses que se instalaram na casa de minha mãe já há três anos, mesmo contra nossa vontade. Cheios de insolência e atrevimento, insistem e pressionam. Comem às nossas expensas, abatem nossos animais, bebem nossos vinhos seletos e não levam em conta o mal que fazem. Contudo, também não há ninguém com a força de Odisseu para expulsá-los da casa. Foi assim que me veio a ideia de combatê-los sozinho, haja o que houver. Ouçam também vocês, pretendentes: tenham vergonha dos vizinhos, temam aos deuses, levantem e sigam seu caminho, antes que a ira divina caia sobre suas cabeças! A menos que meu pai tenha sido injusto com o povo e agora eu deva pagar por isso... Mas ele era bom e sensato, e isso todos sabem. Ao dizer isso, lançou, exaltado, o bastão de sua mão. E, como estava cheio de dor, lágrimas encheram seus olhos.

Sinal divino

Todo o povo compadeceu-se dele, mas não os pretendentes. Com efeito, Antínoo levantou-se e disse:

– Foi de modo muito descuidado que você nos falou, rapazinho, porque a culpa não é nossa, mas de sua própria mãe. Ela conhece mais artimanhas que qualquer mulher na Grécia...a ponto de nos enganar, a ímpia, fingindo tecer uma mortalha para Laerte. Ela nos disse que, assim que acabasse, tomaria um de nós por esposo. Porém, o tecido jamais termina, porque ela o desfaz à noite! Assim, zombou de nós por três anos, até que a surpreendemos desfazendo o pano à luz da candeia. Mas escute-nos agora: envie Penélope a seu respectivo pai e que ele escolha, sozinho ou com ela, o pretendente que quiser. Caso contrário, fiquem ambos sabendo que, se só o que importa a ela é zombar de nós para colher honras e lançar-nos humilhações, então ficaremos aqui e devoraremos toda a sua riqueza!

– Ouça, Antínoo: jamais expulsarei de casa a mulher que me deu à luz e me criou, esteja meu pai vivo ou morto. Uma coisa assim não querem nem os deuses nem os homens. Se, no entanto, restar a vocês uma gota de dignidade, devem sair do palácio de meu pai e ir para seus lares. E que ora um, ora outro, ofereça o alimento e a bebida para os banquetes. Contudo, se pensam

que é melhor comer às custas alheias sem dar sequer uma moeda, então chamarei os deuses em meu socorro, e o grande Zeus lhes retribuirá por esses abusos! Todos vocês, então, desgraçados, serão ceifados pela morte!

Assim disse Telêmaco. Nesse momento, Zeus enviou duas águias, que, com suas largas asas abertas, fizeram círculos sobre a assembleia, pressagiando grandes desgraças. Depois, atiraram-se uma sobre a outra, sangrando com as garras aduncas seus pescoços e cabeças. Quando finalmente se foram, voaram à direita, sinal de que os deuses estavam para mandar alguma mensagem.



Todos então ficaram perplexos, e muitos com medo. Enfim, o adivinho Aliterses, respeitável ancião que sabia explicar todos os sinais do céu, veio à frente e disse:

– Escutem-me todos, mas prestem ainda mais atenção os pretendentes, pois negra desgraça pende sobre suas cabeças! Não tardará Odisseu a aparecer. O dia em que voltará a Ítaca está muito próximo e esse dia reserva para todos vocês uma negra morte. Por isso, parem imediatamente com o mal que estão a fazer. Era isso que tinha a lhes dizer. Todos me conhecem. Jamais faço uma profecia se não sinto dentro de mim a força de um deus. As coisas acontecerão a Odisseu como eu lhe disse: "Voltará à sua pátria irreconhecível, ao cabo do vigésimo ano e depois de haver perdido todos os companheiros". E eis como estão se saindo as coisas!

Às palavras proféticas de Aliterses respondeu Eurímaco atrevidamente:

– Ora, vá vaticinar em outro lugar, velho; aos seus filhos, não a nós! É a eles que deve proteger para que não venham a sofrer algum mal. Posso eu também profetizar como você faz. Milhares de pássaros voam sob a luz do Sol e, embora nada queiram dizer com isso, fica a repetir que Odisseu voltará. Apesar de tudo isso, ele está morto, e quem dera expirasse você também para que não pudesse mais dizer suas falsas profecias! A ninguém tememos agora. Nem a Telêmaco, que começou a nos amedrontar com os deuses. Havemos de dilapidar todos os seus bens, e estaremos fazendo o certo, já que sua mãe quer zombar de nós e adiar continuamente esse casamento. Porém, não recuaremos, porque a doce Penélope muito nos agrada!

– Ouça, Eurímaco! – disse Telêmaco. – Ouçam vocês também, os outros pretendentes! Não lhes cairei aos pés, tampouco darei importância ao que dizem, porque tudo veem os deuses e tudo sabe o povo. Quero apenas encontrar um navio para ir a Pilos e a Esparta saber da volta de meu pai. Se acaso eu descobrir que ainda vive, esperarei por ele. Se, contudo, souber que morreu, erguerei em sua honra um monumento e oferecerei os sacrifícios fúnebres necessários. Depois disso, então, poderei dizer à minha mãe que se case de novo, se quiser.

Então levantou-se Mentor, o antigo servo de Odisseu, fiel amigo e homem prudente:

– Ouça o que direi, povo de Ítaca! Quem dera tivéssemos um rei duro e impiedoso, pois isso mereceríamos! Esquecemo-nos de quão bondoso e compassivo era Odisseu, que se portava como um pai em relação a todos nós. Quanto aos pretendentes, muito bem: se querem agir desse modo, que assim seja... Se, todavia, ele voltar de repente, então verão que alto preço

pagarão por tudo isso. Quanto a vocês outros, que fazem? Um povo inteiro não pode conter esses poucos?

Porém, Liócrito, outro pretendente bem atrevido, ralhou:

– Ah, Mentor, seu velho imbecil e tagarela! Que está a falar às gentes, tolo? Quem terá a audácia de se indispor conosco, que somos todos oriundos das mais nobres famílias? Pois, ainda que Odisseu voltasse no instante em que estivéssemos a comer e beber às suas custas e quisesse nos expulsar, eu lhe digo que ele nem chegaria a ver Penélope, porque teria um fim horrendo dentro de sua própria casa! Pare de dizer coisas sem nexo! Se quiser, vá você com Aliterses preparar um navio! Então verão que Telêmaco não fará essa viagem, porque prefere sentar e esperar em Ítaca a vaguear por lugares desconhecidos. Era isso que tinha a dizer e agora é hora de nos dispersarmos. Nada mais temos a falar!

Em seguida, os pretendentes foram embora e a assembleia se dissolveu. Então, Telêmaco se pôs a caminho da praia. Lá, enquanto lavava as mãos nas ondas, ergueu-as ao céu e disse:

– Majestosa deusa, filha de Zeus, que ontem veio e deu-me esperança e ânimo, ajude-me agora a fazer a viagem que me recomendou!

Imediatamente Atena, tomando a forma de Mentor, o bom servo de Odisseu, correu para junto dele e disse:

– A viagem que projeta, Telêmaco, você a fará, porque é digno filho de Odisseu. Poucos são os filhos que se parecem com os pais; a maioria se torna pior e os melhores são poucos... Mas a você não falta nem coragem nem o bom senso de seu pai. Por isso acredito que levará tudo a cabo como deve. Deixe os pretendentes! Esses hão de perecer por sua maldade e demasiado atrevimento. Quanto à viagem, irei ajudá-lo. Arranjarei um navio veloz e robustos marujos. Eu mesmo lhe servirei de guia, pois conheço os lugares. Quanto a você, apenas vá para casa preparar as coisas que levará consigo.

Isso lhe disse a deusa, e Telêmaco se alegrou por ter Mentor como ajudante. Satisfeito, então, tomou o rumo do palácio.

Telêmaco parte em viagem

Os pretendentes já estavam no pátio e esfolavam carneiros e cabritos. Mal viram Telêmaco, veio-lhes a vontade de provocá-lo. Rindo, Antínoo

aproximou-se e o pegou pelo braço:

– Orgulhoso Telêmaco, você é um homem de coragem, rapaz! Por que não se senta conosco, pois, para comer e beber? Nós daremos a nosso amigo Telêmaco um navio, com marinheiros escolhidos a dedo, para que vá saber de seu caro pai...

– Deixe disso, Antínoo! Jamais me sentaria para pandegar com vocês, arrogantes que são! Agigantou-se já a cólera em meu peito e farei o que puder para prejudicá-los!

Tendo dito isso, puxou bruscamente o braço. Então, um belo jovem, querendo também provocá-lo, disse aos outros:

– Não deem ouvidos ao que diz Telêmaco. É um bom rapaz. Lamento que esteja prestes a partir, pois temo que, lá por onde irá perambular, ele também pereça, como Odisseu. Então, ele nos proporcionará dissabores, porque deveremos partilhar todos os seus bens. Apenas quanto ao palácio não haverá partilha, pois esse será de quem ficar com a rainha!

Telêmaco, porém, tinha outras coisas em mente e não lhes deu importância. Deixou-os a dizer seus desaforos e foi encontrar Euricleia, sua bondosa aia. Ela cuidava dele desde pequeno como se fosse seu filho; era ela quem o havia criado. Laerte, seu avô, a tomou, ainda garota, do pai, dando vinte bois em troca. Era tão bondosa que ele a amava e honrava da mesma maneira que sua mulher, Anticleia. Porém, para que esta não se zangasse, nunca se deitou com ela.

Telêmaco desceu com sua ama ao porão e separou as provisões que queria. Euricleia encheu ainda doze cântaros de vinho, e puseram tudo em um canto.

– Virei buscar à noite – disse Telêmaco. – Viajarei para Pilos e Esparta. Quero saber de meu pai.

Euricleia assustou-se ao ouvi-lo:

– Menino, que ideia colocou na cabeça? – disse, e caiu em prantos. – Não parta, meu filho! Vai se perder no estrangeiro! Todos eles, quando virem que você partiu, só pensarão em não o deixar retornar, para que repartam mais rápido os bens de Odisseu! Estarão à sua espreita para liquidá-lo na volta, os perversos! Fique aqui, Telêmaco! Não há necessidade alguma de correr para lugares estranhos.

Porém, o sensato filho de Odisseu sabia o que devia fazer:

– Tenha paciência, minha ama, que essa viagem não está acontecendo sem a vontade de algum deus. Quero só que jure que não dirá uma só palavra à

minha mãe antes de se passarem doze dias. Não quero que ela saiba que não estou, para que não estrague seu belo rosto com lágrimas.

Euricleia jurou; não podia fazer diferente.

Nesse meio tempo, Atena, tomando desta vez a forma de Telêmaco, foi escolher um navio. Em seguida, correu ao palácio e cuidou para que os pretendentes bebessem bastante vinho. Estes, quando a sonolência já lhes fazia cair os copos das mãos, dispersaram-se e foram dormir em suas casas, na cidade.

Entretanto, a deusa, tomando novamente a forma de Mentor, veio encontrar Telêmaco:

– Já tenho tudo pronto para a viagem. O navio espera na praia e os marujos estão com as mãos aos remos. Partamos imediatamente; não temos tempo a perder.

Descendo à praia, Telêmaco admirou o belo navio:

– Companheiros – disse aos valorosos jovens –, venham me ajudar a carregar as coisas para o navio. Tudo será feito às escondidas. Ninguém sabe que estamos partindo, com exceção apenas de minha ama fiel.

Carregaram tudo no meio da noite e logo zarparam. Mentor, que na verdade era a própria Atena, sentou-se na popa. Ao seu lado estava, de pé, Telêmaco.

Com a ajuda da deusa, navegava bem o veloz navio, de modo que pela manhã eles já alcançavam as margens de Pilos.

Telêmaco com Nestor

Àquela hora, oferecia-se junto ao mar um grande sacrifício a Possêidon. Muitos habitantes encontravam-se por lá, divididos em nove grupos de quinhentos. Cada grupo sacrificava ao deus nove bois. O velho Nestor estava lá com seus filhos.

Telêmaco e Mentor saíram do navio e foram ter com os piliotas. O filho de Odisseu, como era jovem e inexperiente, estava hesitante. “Como irei encarar o sábio Nestor e fazer perguntas a um rei que governou três gerações de homens?” Atena, porém, pôs coragem em sua alma:

– Vá lá – disse-lhe –, é um homem simples e compassivo. Peça-lhe que diga o que sabe, e ele não lhe dirá mentiras.

Enquanto avançavam, Mentor, que era mais velho, ia à frente. Quando chegaram perto dos assentos onde estava o velho rei com seus filhos,

levantou-se Pisístrato, o caçula, e correu para recebê-los. Ao chegar perto deles, tomou-os pela mão e os dirigiu à mesa, próximo a seu pai. Em seguida, cortou duas porções de vísceras e as ofereceu aos estrangeiros, enchendo de vinho um copo de ouro. Primeiro deu-o a Mentor:

– Reze, estrangeiro, a Possêidon. Vocês vieram na hora em que oferecíamos sacrifício. Depois que libar ao deus e o honrar, dê o copo para que seu companheiro também derrame vinho ao solo. Ele é mais novo, talvez da minha idade, por isso dou o copo primeiro a você.

Alegrou-se a deusa pelos bons modos do jovem. Em seguida, rezou a Possêidon e pediu-lhe que concedesse saúde e felicidade a Nestor, seus filhos e a todos em Pilos. Ao terminar, deu o copo a Telêmaco, para que libasse e orasse ele também. Nesse ínterim, haviam tirado as carnes dos espetos. Cortaram-nas, dividiram-nas cuidadosamente entre todos e a ninguém faltou o pedaço que lhe convinha. Quando todos se fartaram de comer, então o velho Nestor levantou-se e disse:

– Agora, meus hóspedes, chegou a hora, como dita a norma, de nos contarem quem são e por que motivo estão a sulcar o largo mar.

À pergunta do velho, respondeu Telêmaco com a coragem que lhe pusera no peito a deusa Atena:

– Honrado e célebre Nestor, filho do glorioso Neleu, sou filho de Odisseu e venho de Ítaca perguntar se sabe algo de meu pai, o homem que devastou a torreada Troia. Como sei que você guerreou ao lado dele, talvez saiba algo. De todos que não voltaram sabemos qual morte acharam e onde pereceram. Só dele não sabemos nada. Por isso, suplico de joelhos que me diga o que sabe. Quero saber se está vivo ou morto, ou se em algum lugar padece, a suportar amargos tormentos. Peço que não me oculte, por pena, a verdade, se é que a sabe, por mais negra que seja.

– Ah, o que veio me lembrar, filho! Que desgraças e amarguras foram aquelas que se abateram sobre nós até que pisássemos a cidade de Príamo! E depois, até voltarmos à pátria!Isso digo dos que voltaram, porque muitos se perderam para sempre. Como lhe falar de tudo? Se eu fosse contar, seria necessário que falasse por dias intermináveis e você se cansaria e partiria antes de eu terminar... Pois bem, tenho à minha frente o filho de Odisseu! Que belas palavras, meu filho! Assim como seu pai, você também sabe proferir palavras doces e persuasivas. Jamais discutimos os dois, pois queríamos sempre o bem dos aqueus. Dispersou-nos Zeus, porém, quando

entramos nos navios para a viagem de volta e desde então eu o perdi... Mas, quanto a mim, não tenho queixa. Cheguei bem e rápido à pátria. A maioria, entretanto, penou demais nos altos mares, alguns pereceram e outros sofreram por anos grandes tormentos.

Em seguida, o respeitoso velho lhe falou sobre as peripécias de Menelau e Helena, que erraram por oito anos até voltarem a Esparta. Falou-lhe de Agamêmnon, que mal chegara em Micenas e encontrou uma morte pavorosa pela mão do pérfido Egisto. Falou-lhe de muitos outros ainda e apenas de Odisseu não soube dizer nada.

– No entanto, vá para Esparta – disse finalmente –, talvez Menelau saiba algo, porque foi o último de todos a chegar. Siga para lá com o navio que o trouxe. Se quiser, porém, deixe-o aqui e eu lhe darei um carro e cavalos, para que você possa vencer a distância pelo caminho seguro do continente. Posso também pedir a um de meus vários filhos que lhe sirva de guia.

– Disse certo, senhor! – respondeu-lhe Atena, na forma de Mentor – Mas é hora de dormir e devemos voltar ao navio.

– Não! – disse Nestor. – Não sou um homem pobre, que não tem uma cama macia e belas cobertas para lhes dar. Como poderia deixar o filho do meu mais caro amigo dormir sobre as tábuas do navio?

–Tem razão! – disse Atena novamente. – Telêmaco não deve recusar sua oferta. Eu, porém, não ficarei. Preciso juntar-me aos meus companheiros. Amanhã bem cedo tenho de falar com seus vizinhos, os cauconianos, por conta de um negócio meu. Apenas envie Telêmaco a Esparta, como disse, e lhe dê um de seus filhos como guia.

Foi isso que Atena lhes falou, com a aparência de Mentor; ao final, transformou-se em uma águia e voou para o céu.

Telêmaco em Esparta

Desconcertado pela visão do milagre, Nestor pegou Telêmaco pelo braço:

– Não há de lhe faltar coragem, meu jovem, pois os deuses estão ao seu lado. Meus olhos não me enganam: com você estava a própria Palas Atena, filha de Zeus!

No outro dia, mal raiou a aurora, os filhos de Nestor prepararam um robusto carro atrelado a velozes cavalos. Pisístrato prontificou-se a servir ele mesmo de guia ao filho de Odisseu. Satisfeito, Nestor acompanhou os

dois à porta e desejou-lhes que voltassem com notícias agradáveis.

Pisístrato e Telêmaco levaram dois dias para chegar a Esparta. Então, pararam à porta do palácio, onde um fiel companheiro de Menelau os viu e correu a notificar o rei:

– Altivo e gentil Menelau, dois estrangeiros, dois príncipes, que parecem descendentes de Zeus, chegaram com um belo carro à nossa cidade e pararam à porta do palácio. Devo dizer-lhes que apeiem aqui ou que procurem outro lugar para se hospedarem?

– Parece-me que você perdeu o senso! Pergunta-me o que fazer? Será que esqueceu quantas vezes homens estrangeiros nos ofereceram pão e teto quando necessitamos bater a portas estranhas em terras desconhecidas? Ai de nós se agora não recebêssemos com solicitude aqueles que Zeus nos envia e lhes disséssemos para ir dormir em outro lugar! Vá, então, rapidamente desatrelar os cavalos e traga os hóspedes à mesa!

Prontamente, ele correu a chamá-los.

Entraram os dois no alto palácio. Ficaram deslumbrados ao vê-lo e, desconcertados, admiravam seu brilho e riqueza. Logo as escravas os conduziram a uma marmórea sala de banhos. Tendo-os lavado e ungido, elas os vestiram com nobres túnicas e mantos e, por fim, os conduziram aos tronos perto de Menelau. Imediatamente, outras criadas trouxeram pão e aperitivos. Em seguida, o despenseiro trouxe assados de toda espécie e o copeiro encheu-lhes os copos dourados.

– Sirvam-se! – disse Menelau. – Saboreiem nossas comidas e, depois que tiverem saciado a fome e a sede, perguntaremos a vocês que príncipes são, pois não há dúvida de que sua ascendência é nobre.

Dizendo isso, pegou dois seletos pedaços do assado que o despenseiro trouxera especialmente para ele e os ofereceu aos estrangeiros.

Tendo-se fartado de comida e bebida, Telêmaco inclinou-se e disse a Pisístrato, para que os outros não ouvissem:

– Fiquei impressionado com tanta riqueza. Só mesmo Zeus poderia possuir um palácio como este...

Mesmo tendo falado baixo, Menelau o escutou:

– Não, meu rapaz – disse –, nenhum homem pode ter a riqueza do grande soberano do mundo. A um mortal, talvez, eu pudesse ser comparado, mas a Zeus não! Porém, se tão grande é minha riqueza, maiores ainda foram os tormentos por que passei até acumulá-la. Oito anos vaguei no estrangeiro,

voltando de Troia. Concentrei, no entanto, muitos tesouros de Chipre, Fenícia, Egito, Etiópia, Líbia... Mas também perdi, outrora, muitas riquezas. Vocês já devem ter escutado dos mais velhos sobre o mal que então me encontrou. Muitos heróis pereceram por minha causa, guerreando em Troia, e eu os lembro e choro. Entretanto, por todos eles juntos não lamenta mais meu coração do que por um em especial, cuja lembrança, quando vem, não me deixa dormir, nem pôr sequer uma migalha na boca. Choro e lamento por ele, pois ninguém suportou tantas provações quanto Odisseu. Por outras vezes penso nos seus amigos e parentes e sua grande dor. Penso no velho Laerte, na prudente esposa, no seu filho Telêmaco, que ele deixou nos braços da mãe recém-nascido... Já se passaram vinte anos e ele ainda não voltou...

Ao escutar o nome do pai, Telêmaco não pôde se conter, cobrindo o rosto com o manto púrpura para que Menelau não o visse chorando. O rei, porém, percebeu, e imediatamente imaginou que aquele rapaz poderia ser o filho de Odisseu. Mas, na hora em que perguntaria para ter certeza, a divinal Helena desceu de seu quarto. Parecia a própria Ártemis,(6) tanto pelo porte quanto pela beleza. Imediatamente duas criadas trouxeram-lhe um trono finamente entalhado e um tapete todo de lã. Uma outra criada trouxe um cesto de prata, cheio de lã branca e suave como plumas e também a roca de fiar. A bela Helena sentou-se no trono, pisando num escabelo, e perguntou ao marido:

– Você conhece esses príncipes, Menelau? Vejo que um deles se parece tanto com Odisseu! Será que não é seu filho?

– Sim, tenho a mesma impressão – disse o rei de Esparta. – Percebi que, enquanto eu contava os tormentos que Odisseu passou por minha causa,(7) o rapaz escondeu o rosto, para que eu não visse os seus olhos...

– Os dois perceberam muito bem – disse Pisístrato. – É mesmo Telêmaco. Tem vergonha de falar porque ainda é jovem e teme dizer algo que não deva. Fui eu quem o trouxe de Pilos até aqui, a mando de meu pai, o respeitável Nestor. Telêmaco veio para que você lhe dê alguns conselhos, rei Menelau, pois enfrenta inúmeros dissabores com a longa ausência do pai.

Menelau ficou muito comovido:

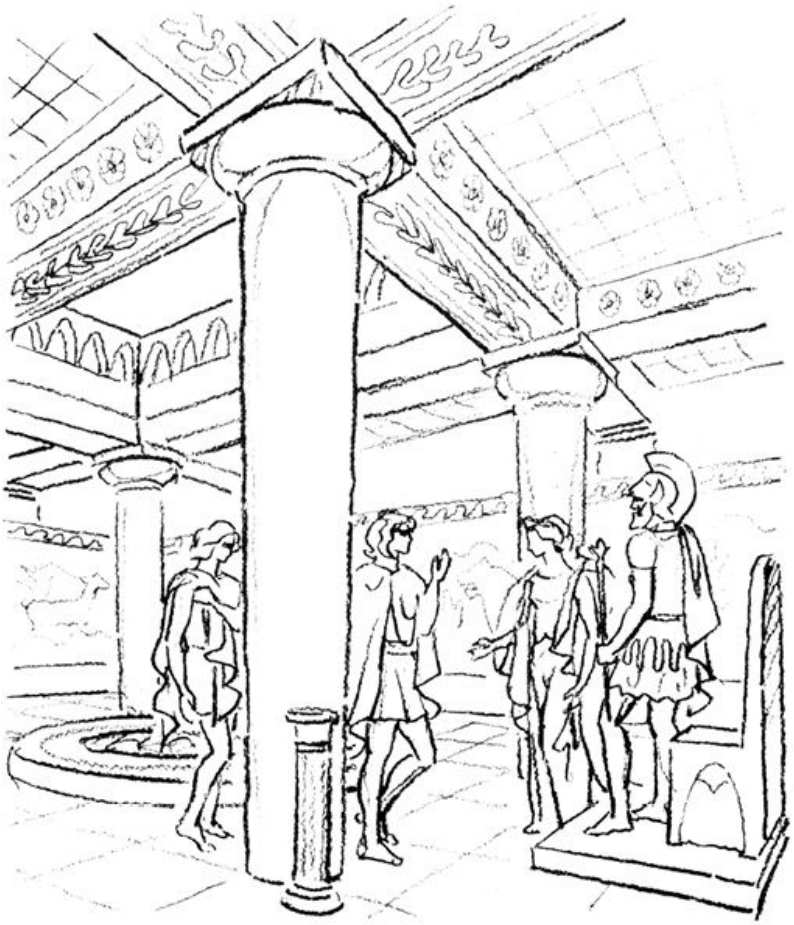
– Veja só! Não é que finalmente veio à minha casa o filho do meu melhor amigo?! Ah, se eu pudesse vê-lo também! Esvaziaria uma cidade inteira e lhe daria de presente, para que ficasse aqui com todo o seu povo! Assim, poderíamos nos ver sempre e não nos separaríamos mais, a não ser quando a sombra da morte nos cobrisse... Mas parece que algum deus não quis que

assim fosse e lhe barrou o caminho de volta.

Assim dizendo, ficou com os olhos cheios de lágrimas. Com ele choraram também Helena, Telêmaco e Pisístrato, ao lembrar de seu irmão Antíloco,(8) morto sob as muralhas de Troia.

Enfim, Helena, ainda chorosa, ofereceu-lhes vinho, derramando ainda algumas gotas de uma erva milagrosa, que ela trouxera do Egito. Dos olhos de quem o tomava não corria uma lágrima sequer durante um dia inteiro, ainda que lhe morresse o pai, a mãe ou um filho amado. Assim, eles poderiam conversar mais confortavelmente.

Foi Helena quem primeiro falou, relembrando um dos grandes feitos de Odisseu, quando este entrou secretamente em Troia e roubou o Paládio. Para que ninguém o reconhecesse, vestiu roupas de mendigo e fez com que Diomedes o chicoteasse sem dó, para ficar irreconhecível. Ninguém o havia reconhecido na cidade, mas ela sim; contudo, não o delatou. Quando Odisseu voltou para as tendas aqueias, tendo matado muitos troianos e concluído com êxito a dificílima tarefa, as troianas choravam pelos maridos assassinados. Helena, porém, ficou exultante! Afinal, estava arrependida de ter abandonado o lar, a filha e o marido, homem valoroso e de bom coração como nenhum outro... Mas a culpa de tudo isso era dos deuses, principalmente de Afrodite, que a havia deixado cega de paixão para satisfazer a seus próprios caprichos.(9)



Depois de Helena falou Menelau, relembrando o episódio do Cavalo de Troia, em cujo interior se trancaram ele e Odisseu, e, ainda, como o pai de Telêmaco salvara ambos do perigo de serem descobertos. Ao final do relato, Menelau perguntou a Telêmaco por que tinha feito tão longa viagem.

– Nobre Menelau, que tem os deuses a seu favor, vim aqui lhe perguntar se sabe alguma coisa de meu pai. Mas quero que você me diga a verdade, por pior e mais amarga que seja... Todo o meu patrimônio está sendo dilapidado, uma vez que Odisseu não retornou. Nossa casa está cheia de inimigos, pretendentes sem coração, que acreditam que a minha desafortunada mãe aceitará casar-se com um deles...

Menelau ficou indignado:

– Rapaz! Esses desgraçados não sabem em que leito querem se deitar? Ai, que negro fim os espera quando Odisseu voltar de repente e cair sobre eles como uma fera selvagem! Sim, porque Odisseu está vivo! Fiquei sabendo disso por meio de Proteu,(10) o infalível adivinho dos mares. Vou lhe contar tudo, sem esconder nada. Escute a história desde o começo. Assim que

fomos embora de Troia, os deuses castigaram-me duramente, e com razão, pois eu não ofereci os sacrifícios necessários antes de embarcarmos. Desse modo, mandaram-me fortes ventos do norte, que empurraram meus navios para longe da pátria. Por oito anos errei por terras longínquas e, finalmente, os deuses jogaram-me em uma ilha chamada Faros, que fica na costa do Egito. Ficamos presos ali por vinte dias, pois não havia vento para inflar as velas. Nossas provisões acabaram... e a coragem de meus homens também havia desaparecido. Então, uma nereida chamada Idoteia,(11) filha de Proteu, viu-me a perambular, desesperado, sozinho, longe dos meus companheiros. Ela percebeu que eu estava cheio de dor e, querendo me ajudar, disse então:

"O velho Proteu, meu pai, vem aqui todos os dias. É um adivinho infalível e sabe de muitas coisas. É o único que pode lhe dizer como você voltará para sua pátria. Mas você terá de usar a força, porque Proteu nunca diz o que sabe."

"Por acaso algum mortal pode obrigar um deus a lhe dizer coisas que não quer revelar?", perguntei, ao que ela respondeu:

"Vou ajudá-lo, mas escute o que deve fazer: escolha três marinheiros bem robustos e venha para cá amanhã, na hora em que o Sol estiver bem alto no céu. Eu o levarei até meu pai, que costuma descansar entre as focas de Anfitrite, rainha do mar. Entretanto, ele nunca pega no sono sem contá-las uma a uma... Quanto a vocês, ele não os irá notar, porque eu os esconderei! Quando virem que ele já está dormindo, atirem-se os quatro em cima dele, para pegá-lo e segurá-lo com força. Para se livrar de vocês, ele se metamorfoseará em monstro, serpente, fogo, água... mas vocês não devem deixá-lo, e sim apertá-lo com mais força ainda. Chegará, enfim, a hora em que tomará sua forma original novamente e lhes perguntará o que querem saber. Vocês devem soltá-lo imediatamente. Perguntem-lhe, então, qual é o deus que está zangado com você, como deve fazer para voltar para casa, e o que mais quiser saber..."

– Dizendo isso, a nereida mergulhou no mar, desaparecendo sob as ondas. – No dia seguinte, pela manhã, juntei três amigos de confiança e dirigi-me àquele mesmo lugar. Passado pouco tempo, apareceu Idoteia trazendo quatro peles de foca. Levou-nos para perto de uma gruta e, então, abriu quatro covas na areia. Após pedir que deitássemos no interior das covas, cobriu-nos com as peles que trouxera. Logo vieram várias focas e também deitaram

à nossa volta. O velho Proteu chegou ao meio-dia. Antes de deitar para tirar o seu cochilo, contou todas as focas, entre elas nós, sem sequer suspeitar que lhe armávamos uma cilada. Quando ele finalmente dormiu, nos levantamos para pegá-lo e o agarramos fortemente. Ele, então, para escapar, transformou-se em leão, depois em serpente, leopardo, asno, água corrente e, por fim, numa árvore verdejante. Nós, porém, o mantínhamos apertado com ânimo e força, até que ele, já cansado de lutar conosco, voltou à sua forma original e perguntou:

"Que deus o ajudou a me pegar, filho de Atreu? Não importa! Agora venha, diga o que quer saber e me liberte..."

"Por que pergunta quem me ajudou, se você já sabe?", eu lhe disse cheio de coragem. "Agora diga-me qual é o deus que me mantém preso aqui nesta ilha e qual a maneira de voltar para casa!", e ele então respondeu:

"Quando estava indo embora de Troia, você tinha a obrigação de oferecer sacrifício a Zeus e aos outros deuses, mas não o fez! Agora tem de ir às margens do Nilo e lá fazer as oferendas que deve. Só assim é que os deuses terão piedade de você."

"Farei tudo como você disse", respondi. "Só peço que me diga ainda se os outros gregos já voltaram para casa, se estão bem, ou se alguns perderam-se para sempre."

"De todos os comandantes aqueus, apenas dois perderam-se na viagem de volta. Quanto aos que morreram na guerra, é claro que você já sabe... Há, entretanto, um terceiro que está a vaguear pelos altos mares. O primeiro perdido foi Ájax,(12) filho de Oileu. Possêidon lançou-lhe o navio nas rochas da Euboia, para satisfazer Atena, que tinha razão em odiá-lo! Poderia ter salvado a pele, se tivesse demonstrado o mínimo de respeito pelos imortais do Olimpo e não ficasse a se gabar de que se salvaria mesmo contra a vontade dos deuses. Possêidon o escutou e então bateu com o tridente na rocha a que Ájax estava agarrado, partindo-a em dois pedaços, dos quais um continuou imóvel e o outro precipitou-se no mar espumoso, junto com Ájax! Foi assim que ele morreu, o ímpio, a engolir água salgada junto com suas blasfêmias!"

"Agora falarei de seu irmão Agamêmnon, que teria morrido nas rochas da Euboia se Hera não o salvasse. Quando, enfim, pôs o pé na terra natal, beijou o solo, derramando sobre ele quentes lágrimas. Entretanto, o pérfido Egisto, que então governava Micenas ao lado da esposa infiel de

Agamêmnon, mal ficou sabendo do retorno do rei, planejou às escondidas uma maneira de tirá-lo de seu caminho. Sua cúmplice, Clitemnestra, aprontou um banquete para o marido que acabava de voltar, agindo como se estivesse alegre em vê-lo, recebendo-o com honrarias. Eis que de repente Egisto saltou sobre ele com uma faca e o matou, tal qual se mata um boi de corte...”

– Ao ouvir o que me disse o velho e infalível adivinho, caí de joelhos na areia e pus-me a chorar por meu irmão, cobrindo meu rosto com as mãos para não ver a luz do Sol!

“Não chore, Menelau! O pranto de nada adianta”, disse-me Proteu. “Apenas trate de voltar logo para sua terra, onde não sei se você conseguirá pegar Egisto ainda com vida ou se o divino Orestes já terá cumprido sua vingança!”

– Por mais dor que eu sentisse naquela hora, meu coração se acalmou quando ouvi essas últimas palavras. Então, eu disse ao respeitável ancião:

“Sobre esses dois que encontraram a morte você já me disse tudo. Agora quero que me fale do terceiro, que mencionou há pouco. Quem é ele? Diga-me! Será que ainda erra pelos mares? Teria também ele morrido? Quero sabê-lo, mesmo que venha a chorar de novo amargamente...”

“O terceiro de que lhe falei é Odisseu, filho de Laerte e rei de Ítaca. Eu o vi com meus próprios olhos; ele chorava, mantido à força na ilha da ninfa Calipso. Por mais que anseie por rever sua terra natal, a deusa não o deixa partir, e ele, o desafortunado, não tem navios nem marujos para singrar o largo mar...”

– Foi isso que o infalível Proteu me contou sobre o seu pai, lançando-se em seguida ao mar e desaparecendo sob a onda azul. Eu, então, ordenei aos meus companheiros que preparassem os navios e, pela manhã, pusemo-nos a remar rumo ao Nilo, em cujas margens oferecemos os sacrifícios que devíamos aos deuses. Quando embarcamos de novo, a cólera divina já havia sido aplacada, e então voltamos, com os ventos favoráveis, à tão desejada pátria! Eis as minha aventuras, Telêmaco, mas fique aqui por mais uns dez dias e eu então terei tempo de hospedá-lo e tratá-lo adequadamente, conforme meu coração manda. Quero lhe oferecer valiosos presentes, um carro da melhor qualidade, com três magníficos cavalos e um copo, para que você ofereça libações aos deuses e lembre-se de mim para sempre.

– Não me impeça de voltar, atrida!(13) – respondeu-lhe Telêmaco. – Fico tão contente de ouvir o que você me diz que, por mim, ficaria aqui um ano

inteiro, mal lembrando que tenho meus pais e minha casa... Mas meus companheiros estão à minha espera em Pilos e eu já me demorei muito. Quanto aos presentes, eu os aceitarei com imenso prazer. Porém, não o privarei de seus admiráveis cavalos. Lá de onde venho não há campos ou pradarias nos quais eles possam pastar e correr. Minha terra é pedregosa, porém mais bela do que os lugares adequados aos cavalos. Todas as ilhas são assim, sobretudo Ítaca.

Menelau, satisfeito, pegou-o pelo braço:

– Você é mesmo filho de Odisseu! Por isso fala de maneira tão sensata! Darei, entretanto, um outro presente para você: tenho um grande vaso, cuja borda é toda de ouro maciço, obra de Hefesto,(14) uma maravilha de se ver. Foi-me ofertado pelo rei de Sídon, quando me hospedou. É isso então que lhe darei de presente!



Enquanto isso, em Ítaca, em frente ao alto palácio de Odisseu, os orgulhosos pretendentes passavam o tempo a se distrair com competições. Antínoo saiu vencedor no arremesso de disco, e Eurímaco, no de dardo. Nesse momento, chegou Noêmon, o comandante, dizendo:

– Por acaso você saberia me dizer, Antínoo, quando Telêmaco voltará? Levou meu navio e eu agora preciso dele para ir a Élida...(15)

Todos ficaram desconcertados com as palavras do comandante, pois não acreditavam que Telêmaco ousasse fazer a viagem. Estavam certos de que ele estava em algum lugar ali por perto, talvez pelos campos... De um salto, disse Antínoo:

– Fale claro! Quando foi que partiu e quem estava com ele? Diga-me ainda: ele teria lhe pedido delicadamente que emprestasse o navio ou simplesmente

o levou, com prepotência?

– Pediu-me e eu lhe emprestei. O que querem que eu faça quando o filho do rei me pede algo? Os melhores marinheiros foram com ele, guiados por Mentor. Aliás, é mais provável que fosse algum deus, pois como é possível que eu tenha visto Mentor aqui ontem se o vi partir com os outros?!

Quando Noêmon se retirou, os pretendentes, bastante agitados, esqueceram-se das competições. Então, espumando de ódio, Antínoo berrou:

– Viram só o que fez Telêmaco? E nós não acreditávamos que ele o faria! Um garoto que mal saiu das fraldas foi capaz de escapar de nós e sabe-se lá o que nos está aprontando! Não tenham medo, pois ele não terá tempo de nos prejudicar! Com a ajuda de Zeus, nós seguramente daremos cabo do fedelho! Vamos, aprestemos um veloz navio! Chefiados por mim, vinte dos mais audaciosos entre nós devemos armar-lhe uma emboscada no estreito de Same, para fazê-lo pagar essa afronta com a vida!

Todos concordaram com Antínoo, mas Médon, o fiel arauto de Odisseu, ouviu o que se passara e correu a avisar Penélope. Antes que pudesse lhe falar, ela surgiu à porta dizendo:

– Arauto, quem o mandou vir aqui? Será que veio dizer às criadas que aprontem para esses pervertidos a mesa, quisessem os deuses, para sua última refeição? Esses infelizes que ficam aqui o dia todo, devorando a fortuna de Telêmaco como se nunca tivessem escutado de seus pais que espécie de homem era Odisseu! Meu marido nunca foi injusto nem rude com ninguém, tampouco se comportou como os outros reis, que têm apreço por uns e ódio por outros! Se bem que a índole desses párias está bem evidente, basta ver suas atitudes... não se sentem devedores nem mesmo de seus benfeitores, ingratos!

– Antes isso fosse o pior de tudo – respondeu Médon –, pois estão tramando males mil vezes piores! Esses homens sem lei pretendem assassinar Telêmaco, que foi a Pilos e a Esparta para ver se consegue notícias do pai.

Ao ouvir as palavras de Médon, Penélope sentiu-se desfalecer e a dor quase partiu ao meio seu coração! Por um bom tempo ficou muda. Enfim, quando encontrou forças para falar, disse:

– Ai, arauto, por que meu filho partiu? Qual foi a necessidade que o levou a singrar as ondas espumantes do mar? Ou será que quer que o reino também fique sem herdeiro?

– Não sei, senhora – disse Médon. – Pode ser que algum deus o tenha instruído ou ele tenha decidido sozinho... Telêmaco é bem esperto.

Dilacerada pela tristeza, repentinamente Penélope empurrou para longe uma cadeira que as escravas lhe trouxeram, indo sentar-se à soleira da porta, em prantos. Junto com ela, as mulheres também desataram a chorar.

– Por que é que nenhuma de vocês veio me acordar para dizer que meu filho estava indo embora? – disse. – Assim eu talvez pudesse alcançá-lo a tempo de impedir essa viagem... e não venham me dizer que nenhuma de vocês sabia de nada!

Então, Euricleia tomou a palavra:

– Se quiser, minha senhora, pegue uma faca para me tirar a vida... ou poupe-a, se preferir... Eu sabia de tudo, mas não lhe contei. Fui eu quem lhe dei provisões para a viagem, mas também implorei que desistisse de tal loucura! Porém, ele me fez jurar pelo que é mais sagrado que não contaria nada à senhora antes de se passarem doze dias. Não queria justamente que chorasse, estragando seu lindo rosto!

– Atena, poderosa deusa – suplicou então Penélope –, se alguma vez Odisseu já sacrificou ovelhas e bois bem gordos no sagrado altar de Palas, salve meu filho e liberte-nos desses homens cruéis e perversos!

A deusa ouviu a súplica com atenção, mas os pretendentes, que já haviam planejado tudo, foram durante a noite até uma ilha deserta, que tinha dois portos e ficava entre Same e Ítaca, e lá se esconderam, a fim de armar uma emboscada para o filho de Odisseu.

Naquela mesma noite, Atena, que muito havia se apiedado de Penélope, enviou-lhe um sonho, em que sua irmã, Iftime, assim lhe falava:

– Não chore, Penélope, nem se aflija desse jeito! Seu filho é caro aos deuses e voltará são e salvo!

– Irmãzinha! Como conseguiu vir de tão longe dizer-me que esqueça as aflições que se agitam em minha mente? Já perdi meu marido, o melhor dos aqueus, e agora meu filho, que não sabe nada dos perigos da vida! Uma porção de inimigos está à espreita, aguardando a oportunidade de matá-lo assim que chegar à sua pátria. Como não chorar, desgraçada que sou, e como não ficar meu coração despedaçado de dor?

– Não tenha medo, minha irmã – respondeu a sombra de Iftime. – Telêmaco tem a própria Atena, cuja força é insuperável, por guia e conselheira. Foi ela mesma quem me enviou para dizer-lhe estas palavras!

Assim falou Iftime. Penélope, ao acordar, teve o coração aliviado pela clara mensagem que a deusa em sonho lhe enviara.

4 Abalador da Terra: segundo alguns estudiosos, vários epítetos atribuídos ao deus Possêidon parecem indicar que ele havia sido um deus ctônico, antes de se tornar o deus do mar. Originariamente, ele seria uma potência ativa que fazia sacudir a Terra, quer se tratasse de sua seiva vital, dos abalos sísmicos (terremotos), ou ainda, de todas as águas que jorravam de seu interior.

5 Orestes: filho de Agamêmnon e Clitemnestra. Era ainda criança quando seu pai, retornando da Guerra de Troia, foi morto por Clitemnestra e Egisto. Estes pretendiam matá-lo também, mas Electra, sua irmã, salvou-o, enviando-o para a corte de Estrófio, na Fócida. Segundo uma versão, ao atingir a idade adulta, recebeu ordem de Apolo para vingar a morte de Agamêmnon, e assim matou sua mãe, Clitemnestra, e o amante desta, Egisto. Perseguido pelas Erínias, fugiu para Delfos, onde foi purificado por Apolo.

6 Ártemis: filha de Zeus e Leto, irmã gêmea de Apolo. Ártemis, tão logo nasceu em Delos ajudou sua mãe a dar à luz o seu irmão. Ártemis permaneceu virgem, eternamente jovem, o tipo da donzela selvagem que se compraz apenas na caça e, tal como seu irmão, usa o arco como arma.

7 Menelau relembra aqui a origem da Guerra de Troia: o rapto de sua esposa Helena por Páris. Desta forma, sente-se culpado pelos acontecimentos que envolveram os principais heróis da Hélade na Guerra de Troia, sobretudo por Odisseu, que dentre todos os heróis foi o que mais sofreu. Veja também o livro *Ilíada: A Guerra de Troia*, desta mesma coleção.

8 Antíloco: como Pisístrato, também era filho de Nestor, e acompanhou o pai na Guerra de Troia. Gozava da afeição de Aquiles. Foi morto por Ménon, o filho da Aurora (Eos), por Heitor ou, segundo outra versão, ao mesmo tempo que Aquiles, atingido por uma flecha de Páris. Uma outra versão da lenda mostra Antíloco correndo em ajuda de seu pai, que estava prestes a ser atacado. Antíloco interpôs-se para salvar o pai, mas foi atingido mortalmente. Os seus restos mortais repousaram ao lado dos de Pátroclo e Aquiles.

9 Afrodite, a deusa do amor: os caprichos de Afrodite referem-se à paixão por Páris, que a deusa inspirou em Helena. Para toda a história, veja também o livro *Ilíada: A Guerra de Troia*, desta mesma coleção.

10 Proteu: é apresentado na Odisseia como um deus do mar a quem fora confiada a tarefa de apascentar as focas e os outros animais marinhos pertencentes a Possêidon. Passava a maior parte do tempo na ilha de Faro, não muito longe da embocadura do Nilo. Possuía o dom da metamorfose, podendo converter-se em tudo o que desejasse. Esta faculdade era-lhe particularmente útil quando queria esquivar-se às questões daqueles que o consultavam, pois ele também possuía o dom da profecia, embora se recusasse a informar os mortais que o interrogavam. É por esse motivo que Menelau afirma que Proteu já sabe a resposta da pergunta que ele lhe fizera.

11 Nereida / Idoteia: as nereidas são divindades marinhas, filhas de Nereu e Dóris e netas de Oceano. Viviam no fundo do mar, no palácio de seu pai, sentadas em tronos de ouro. Passavam o tempo fiando, tecendo e cantando. Os poetas imaginavam-nas brincando nas ondas, com os cabelos flutuando nas águas, nadando entre tritões e golfinhos. Provavelmente personificavam as inúmeras vagas do mar. Seu número é, geralmente, cinquenta, mas, às vezes, eleva-se até cem. Idoteia, do grego Eidothéa, significa “que tem a forma (aparência) de uma deusa”.

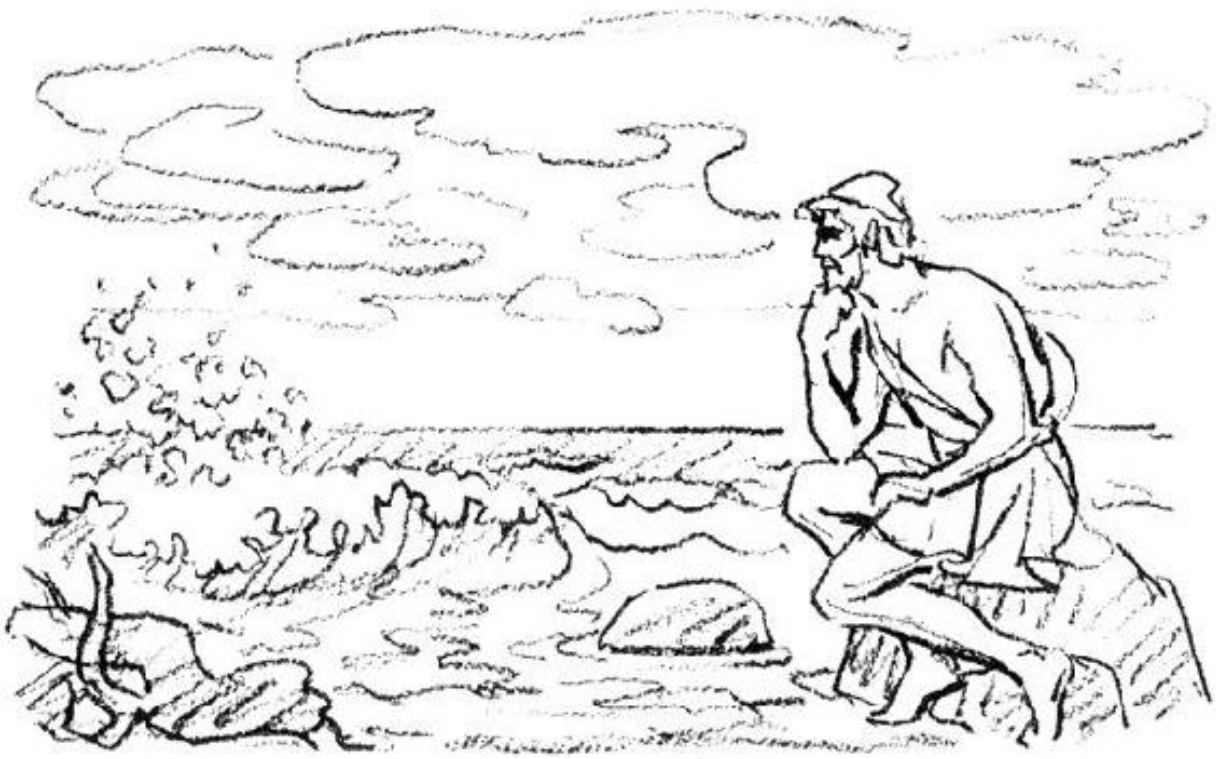
12 Ájax, filho de Oileu: assim designado para se distinguir de Ájax, filho de Télamon, ou “o grande Ájax”. Figura entre os heróis que combatem contra Troia, como chefe do contingente lócrio, à frente de

quarenta naus. Pequeno, armado de uma couraça de linho e de arco, ele desempenha a função que na época clássica será transferida para os peltastas (de pelte, um escudo pequeno e leve, que permitia uma mobilidade maior). Destacou-se não só por sua valentia, habilidade e rapidez, mas também pela crueldade e desrespeito para com os deuses. Sua maior falha foi ter cometido um sacrilégio no templo de Atena, violentando Cassandra junto ao altar da deusa. Para puni-lo, Atena destruiu a sua frota, porém Ájax foi salvo por Possêidon, que o trouxe à superfície. Então, o próprio Ájax vangloriou-se de ter sobrevivido, apesar da cólera da deusa. Face a isto, Atena rogou a Possêidon que o matasse e o deus, com um golpe de tridente, quebrou o rochedo sobre o qual se refugiara e afogou-o. Conta-se também que foi a própria Atena que o fulminou, utilizando o raio, a arma de seu pai, Zeus.

13 Atrida: designação comum a Agamêmnon e a Menelau, pois ambos eram filhos (outras versões mencionam-nos como netos) de Atreu.

14 Hefesto: deus do fogo, filho de Zeus e Hera. No entanto, por vezes, diz-se que Hera o concebeu sozinha, despeitada pelo nascimento de Atena, que Zeus pusera no mundo sem o auxílio de nenhuma mulher. Hefesto é um deus coxo e davam-se várias explicações para seu defeito físico (cf. Ilíada, I, 571 ss.; XIV, 338; Hino Homérico a Apolo, 140; 317).

15 Élida: região a noroeste do Peloponeso, cuja principal importância consiste em ter o santuário de Olímpia em seu território.



A JORNADA DE ODISSEU

Odisseu na ilha de Calipso

A mando do grande Zeus, Hermes chegou à ilha Ogígia,(16) para levar à ninfa Calipso a notícia de que os deuses haviam decidido que Odisseu deveria voltar à sua terra.

Assim que o deus de pés alados(17) pisou na ilha, viu a grande caverna onde a divina nereida morava. O fogo estava aceso e, da ardente e perfumada madeira, um delicioso aroma se desprendia, espalhando-se por toda a parte. À volta da caverna era tamanha a beleza das frondosas árvores, dos pássaros coloridos, das águas que brotavam por entre as pedras, que Hermes ficou olhando tudo, encantado, durante um bom tempo!

Ao entrar na caverna, viu a deusa sentada junto ao tear, a tecer e a cantar com voz doce. Contudo, Odisseu não estava lá, mas à beira da praia. Chorava olhando o horizonte, sempre a ansiar pela hora em que voltaria para casa.

Mal pôs os olhos em Hermes, Calipso imediatamente o reconheceu, pois os deuses se conhecem todos, mesmo morando longe:

– O que o traz aqui, meu bom Hermes, a ponto de fazer uma viagem tão longa? Diga-me, o que deseja? Prometo-lhe que farei o que disser, se estiver ao meu alcance. Mas, primeiramente, queira entrar, para que eu possa lhe oferecer algo.

Imediatamente, a deusa preparou uma mesa com ambrosia e rubro néctar. (18) Hermes, depois de saboreá-los, disse à bela ninfa:

– Você me perguntou, deusa, com que intuito vim de tão longe até esta ilha. Pois bem, como foi Zeus quem me mandou, outra coisa não poderia fazer senão obedecê-lo, mesmo que eu não estivesse muito disposto a atravessar o mar infinito para chegar até aqui, de onde o aroma de nenhum sacrifício chega até o céu para o prazer dos deuses. Mora junto a você o mais amargurado de todos os homens, o qual, depois de ter conquistado Troia, perdeu nos altos mares todos os seus companheiros, vindo parar sozinho nesta ilha, empurrado pelas ondas e pelo vento! Agora, porém, é a vontade de Zeus que você o deixe ir embora. Diz ele que não é o destino de Odisseu ficar aqui para sempre, mas sim rever sua doce terra natal, seus amigos e parentes.

Ouvir essas palavras não foi nada agradável à ninfa Calipso:

– Vocês, deuses do Olimpo, são muito cruéis! Ficam enciumados ao ver uma de nós, deusas mais humildes, enamorando-se de algum mortal! Foi assim que a altiva Ártemis matou Órion(19) com uma seta, só porque Eos, a aurora de dedos róseos, havia se apaixonado por ele... Foi assim também que Zeus, com um raio, ceifou a vida de Iásion,(20) quando este estava na flor da juventude, porque o amava Deméter, a deusa de tranças encaracoladas. Do mesmo modo, agora vocês não irão tolerar que eu tenha um homem mortal a meu lado, embora eu o tenha salvado do mar espumoso, quando vagava pelas ondas sobre uma quilha quebrada. Eu lhe dei comida e abrigo. Sou eu agora que o protejo da ira de Possêidon! Agora que desejava também torná-lo imortal, vem você me dizer que o deixe ir embora! Que ele vá, então, já que ninguém pode desafiar as ordens de Zeus! Só não sei como fará a viagem de volta para casa, se não tem navio, remos ou companheiros. Pois bem, que seja! Eu mesma lhe direi como voltar à tão desejada pátria...

– Faça como disse, Calipso, e sem demora, pois Zeus pode se zangar e querer prejudicá-la. – Dizendo isso, Hermes pôs-se a caminho de volta para o Olimpo, enquanto a ninfa, muito triste, tomou o rumo da praia, para encontrar Odisseu.

Ela o viu sentado, a chorar, sobre uma pedra, olhando a imensidão azul. Ao chegar perto, parou de pé ao seu lado e disse:

– Não chore mais, Odisseu, pois chegou a hora de voltar para os seus! Pegue um machado e corte madeira bem grossa para construir uma jangada. Faça as bordas bem altas, para se proteger das ondas, e leve-a para o mar. Eu lhe trarei pão, água e rubro vinho, para que não seja assolado nem pela fome nem pela sede durante a viagem, e também roupas, para que não sinta frio. Farei soprar uma brisa que o leve rápida e seguramente à sua terra, se for essa a vontade dos outros deuses, superiores a mim...

O sangue de Odisseu gelou-lhe nas veias:

– Não acredito em você! Quem sabe que mal está a tramar ao dizer-me que construa uma jangada para atravessar esse mar, temido até pelos mais robustos navios! Só farei o que me pede se jurar pelo que é mais sagrado que não intenta praticar nenhum mal contra mim!

– Ardiloso rapaz, o que o faz pensar tal coisa a meu respeito? Está bem, eu lhe juro. Sejam testemunhas a Terra, os altos céus e as águas do sagrado Estige(21) de que não estou a planejar nenhum mal, mas, ao contrário, desejo apenas o seu bem, pois meu coração não é de pedra, caro Odisseu, mas sim

terno e brando... e se preocupa com você!

Dizendo isso, dirigiu-se à caverna. Odisseu a seguiu. Ao chegarem, ela o fez sentar-se à mesa, pondo à sua frente comida e bebida de toda sorte. Então se sentou de frente para ele, enquanto as servas traziam néctar e ambrosia. Tendo eles comido e bebido, a bela Calipso começou a se queixar:

– Divino e engenhoso Odisseu, que tanto anseia por rever sua casa! Saiba que não o censuro por isso e desejo que os deuses estejam ao seu lado! Se você soubesse, porém, por que perigos e tormentos ainda terá de passar, preferiria ficar aqui para sempre, por mais saudade que tenha da esposa que lhe faz tanta falta, embora ela não me supere nem no corpo nem na aparência, pois não convém às mortais competir com as deusas em beleza e graça!

– Tenha piedade, deusa adorável! – disse o herói. – Sei que Penélope, por mais bela que seja, parece feia diante de você. Ela é uma mortal; e você, uma deusa que jamais envelhece. Quem as pode comparar? Quanto às desgraças que me prediz, posso lhe dizer uma coisa: que venham! Anseio tanto pela hora de voltar para casa que, mesmo que as ondas caiam novamente sobre mim como montanhas, não hei de me entregar! Passei por tantos tormentos! Que diferença farão mais alguns?

Pela manhã, Calipso deu-lhe um machado de dois gumes, um formão e um serrote afiado. Em seguida, tomando a frente, conduziu-o a um bosque, onde lhe mostrou árvores de várias espécies, todas secas há muito tempo, o que as tornava excelente madeira para se fazer uma jangada.

Odisseu sem demora lançou-se ao trabalho. Cortou vários troncos, desbastando-os e, em seguida, aplanando-os. A deusa também lhe trouxe uma broca, com a qual ele furou as toras, amarrando-as uma à outra e construindo, assim, uma jangada larga e robusta. Para protegê-la das ondas, construiu altas bordas de madeira. Desbastou, em seguida, um tronco que serviria de mastro, adaptando obliquamente a este uma trave para fazer o timão. De uma lona que Calipso lhe trouxera, preparou uma grande vela, que atou à trave. Fez as enxárcias com muitas cordas. Quando terminou tudo, empurrou para o mar, com a ajuda de alavancas, a forte embarcação. Havia-se passado quatro dias de árduo trabalho. No quinto dia, a própria deusa o banhou e o vestiu com roupas cheirosas. Colocou-lhe rubro vinho em um odre, água em outro e, em um saco, provisões suficientes para que nada lhe faltasse até chegar à sua terra. Por fim, fez soprar uma doce e favorável brisa. Ele, então, cheio de alegria, saltou sobre a jangada, despedindo-se da

deusa, cujos olhos já estavam cheios de lágrimas...

Sentado na popa, Odisseu segurava o timão e comandava com perícia a bem construída jangada. A ilha de Ogígia, onde Calipso o mantivera por oito anos, perdeu-se no horizonte. Começou a anoitecer, mas o sono não lhe fechou os olhos nem por um minuto. Navegava à noite, tendo as estrelas e constelações como guia: a Plêiade, o Boieiro e a Ursa,(22) que nunca desaparece nas ondas do mar, sempre girando na mesma região do céu, virada em direção a Órion.



Possêidon impede o retorno de Odisseu

Assim velejou Odisseu por muitos dias, tendo a Ursa à esquerda, conforme o conselho da deusa, até que, no décimo oitavo, avistou as montanhas de uma grande ilha, ainda pouco nítida por causa da bruma do alto-mar. Tratava-se de Esquéria, o país dos feácios.

Naquele dia, Possêidon voltava da Etiópia. Estava ainda distante, mas seus olhos aguçados viram Odisseu, enquanto este se aproximava da ilha dos

feácios. Estava escrito, segundo dizem, que seria dessa ilha que Odisseu voltaria à sua pátria.

– Então os deuses mudaram de ideia e o deixaram partir! – disse Possêidon, bastante zangado. – Pois que não me chamem de abalador da Terra se eu não o fizer ver novamente a Morte com seus próprios olhos!

Ao dizer isso, juntou muitas nuvens e, apanhando seu tridente, revolveu o mar, formando ondas altas como montanhas. Empurrando os ventos, ordenou-lhes que soprassem juntos: Bóreas, Noto, Zéfiro e Euro.(23) A tempestade era terrível. Odisseu já sentia os joelhos fraquejarem e, suspirando profundamente, disse a si mesmo:

"Ai de mim! A deusa tinha razão quando falava de grandes desgraças... Veja as nuvens com que Zeus cobriu o céu e que aguaceiro despejou-se sobre mim! Não tenho mais salvação... Ah, como tiveram mais sorte aqueles que agora jazem em Troia, e que falta de sorte a minha, que não fui morto quando lutava pelo cadáver de Aquiles e as lanças inimigas choveram à minha volta! Agora estaria sob um alto sepulcro e minha glória seria eterna! Porém, eis que o destino quis que eu morresse sem sepultura,(24) sem uma pedra sequer que traga a lembrança do desafortunado filho de Laerte..."

Mal terminou de formular seu pensamento, uma onda feroz, enorme e ameaçadora atingiu a embarcação, arrancou Odisseu do leme e o mergulhou no mar. Quebrou-se também o mastro. Impetuosamente o vento arrebatou a vela e a trave, arremessando-as na água espumante. O pobre Odisseu lutava para emergir do fundo, mas as roupas dificultavam-lhe a tarefa. Quando, depois de muito esforço, ergueu a cabeça sobre a onda, cuspiu, amarga como fel, toda a água que havia engolido. Sem se esquecer da jangada, imediatamente atirou o corpo para frente, alcançou a embarcação e agarrou-se a ela. Com furor, as ondas batiam contra seu corpo e, no exato momento em que iam arremessá-lo novamente para longe, ele, escapando da morte, conseguiu subir no que restava da jangada. Enquanto o herói se arrastava para o meio da jangada semidestruída, surgiu de entre as ondas uma divindade marinha. Era Leucoteia, que outrora fora uma mulher mortal, filha de Cadmo, e se chamava Inó. Mal avistou o pobre Odisseu, compadeceu-se; então subiu à embarcação e lhe disse:

– Por que, desafortunado homem, Possêidon lhe impõe tantos sofrimentos? Saiba, no entanto, que, por mais que ele esteja enfurecido, existe uma maneira de você se salvar. Jogue suas roupas no mar e nade rapidamente em

direção ao país dos feácios. Quando lá chegar, estará salvo, conforme quer o destino. Pegue este lenço também, pois se o puser em seu peito, não terá mais medo de se afogar. Porém, quando chegar, você deve desamarrá-lo e jogá-lo de novo ao mar para mim.

Assim que tomou nas mãos o lenço mágico, o herói mergulhou no mar e desapareceu sob as ondas espumantes.

Odisseu novamente deu um suspiro profundo:

– Sabe-se lá que engodo não estará me preparando essa outra deusa... mas não me deixarei enganar. A terra firme está muito longe ainda e, enquanto as madeiras aguentarem, eu não sairei daqui! Se elas se partirem, então aí sim começarei a nadar, uma vez que não terei outra coisa a fazer...

Exatamente nesse momento, Possêidon levantou uma onda enorme, que mais parecia uma montanha, e a fez rebentar sobre a embarcação semidestruída. Como palha dissipada pelo vento, espalharam-se as madeiras da jangada. Mal Odisseu teve tempo de agarrar-se a uma trave. Então, tirou as roupas que Calipso lhe dera e atou o lenço divino ao peito. Outra solução já não havia, a não ser seguir as palavras de Leucoteia. Assim, ele se lançou ao mar e pôs-se a nadar, tentando atingir a terra firme o mais rápido possível. Possêidon o enxergou novamente, mas não o incomodou. Apenas disse:

– Ande depressa agora, pois já teve a sua quota de tormentos! Que vá para a terra firme encontrar homens que talvez tenham pena de você. Quanto a mim, depois de o ter feito sofrer tanto, não mais o incomodarei...

Dizendo isso, o deus chicoteou seus cavalos e tomou o rumo do Egeu, onde havia um brilhante templo erguido em sua honra.

Quando Possêidon partiu, Atena correu para ajudar o tão sofrido Odisseu. Fez cessar imediatamente o furor dos ventos e deixou apenas que Bóreas o empurrasse para a ilha dos feácios. Odisseu nadou por dois dias e duas noites entre as ondas espumantes, muitas vezes enfrentando a morte. Porém, quando, ao amanhecer do terceiro dia, avistou a margem e viu árvores na ilha, seu coração ficou exultante. Juntou então toda a força que lhe restava, a fim de chegar logo à praia. Porém, quando já estava à distância de um grito, viu muita espuma se levantando, pois as ondas quebravam em rochas pontiagudas.

– Ai de mim! – disse então. – Eis que o soberano do mundo me reserva outras provações! Essas rochas são cortantes, e as ondas, violentas. O lugar é muito íngreme, não há onde pisar, e não sei se poderei me salvar se alguma

onda bravia me lançar sobre essas pedras! Se eu nadar em busca de uma boa praia ou de um porto, quem garante que as ondas não me arrastarão de volta para o alto-mar? Vejo que a ira do abalador da Terra ainda não passou...

No momento em que dizia essas palavras, uma imensa onda o arrebatou, lançando-o sobre as pedras agudas.

Na ilha dos Feácios

Com toda a certeza, os ossos de Odisseu se quebrariam de encontro às rochas se Atena não lhe tivesse iluminado a mente, mostrando-lhe o que fazer. Ele, então, rápido como um relâmpago, agarrou-se a uma pedra, segurando-se firme, mas, quando a onda espumante refluiu, arrastou novamente consigo o infeliz herói para um mal ainda pior. Um sorvedouro o levou novamente ao fundo do mar. O grande Odisseu teria morrido lá mesmo se Atena não o ajudasse novamente a sair à superfície e nadar distante das pedras. Finalmente, da crista de uma onda, avistou um ponto onde um rio desaguava no mar: "Se conseguir chegar até lá estarei salvo!", pensou, e novamente reuniu suas forças. Quando já estava bem perto, disse:

– Salve-me, deus do rio, seja você quem for! Salve-me da ira de Possêidon e eu o reverenciarei para sempre!

O rio ouviu a súplica de Odisseu e diminuiu a força de seu fluxo. Houve então imediata calmaria e o desafortunado herói conseguiu alcançar a margem. Já em terra firme e exausto, caiu de joelhos, com a cabeça pendente. A água salgada lhe escorria, caudalosa, da boca e do nariz. Sem fôlego e com o corpo inteiro dolorido, ficou ali parado alguns instantes. Enfim, ao retomar um pouco do fôlego, desatou o lenço divino do peito e o largou na corrente do rio. Enquanto o lenço chegava depressa às mãos de Leucoteia, Odisseu beijava a terra, não podendo acreditar que estava a salvo. Seu coração, porém, gemia. Estava nu e precisava enfrentar a fria noite.

Mais adiante, em uma elevação, encontrou duas oliveiras. Estavam tão perto uma da outra e suas folhagens eram tão densas que o protegeriam do vento. Embaixo delas, começou a cavar. Como havia muitas folhas pelo chão, forrou cuidadosamente a cova a fim de deitar-se. Cobriu então todo o corpo com mais folhas. Assim não teria frio à noite e não precisaria temer o gelado vento Norte. Por fim, Atena fez seus olhos pesarem de sono e cerrou

suas pálpebras, para que o terrível cansaço abandonasse seu corpo.

Quando a noite cobriu a terra e Odisseu já dormia profundamente, Atena foi ao palácio do rei dos feácios, o célebre Alcínoo. Em um formoso quarto, sobre uma cama entalhada, dormia Nausícaa, a bela e jovem princesa. A deusa, então, parada à cabeceira da moça, inspirou-lhe um sonho em que sua mais querida amiga, a filha de Dimas, vinha-lhe dizer:

– Como pode você, Nausícaa, que não é nada preguiçosa, ter tanta roupa para lavar? E justamente os seus mais belos vestidos! Que fará se precisar usá-los? Já está na idade de se casar, e muitos filhos de nobres feácios desejam tomá-la por esposa. Por isso, você deve estar sempre muito bem vestida e ter belos tecidos para o seu casamento. Vá pedir a seu pai que lhe prepare um carro, para que você possa ir ao rio lavar os vestidos e lençóis!

Pela manhã, assim que acordou, Nausícaa lembrou-se do sonho e correu até seu pai:

– Paizinho, por favor, mande que preparem um carro! Quero lavar nossa roupa na corrente do rio, pois você precisa de trajes frescos, limpos e cheirosos para se encontrar com os outros nobres e tomar decisões importantes. Também meus irmãos, quando vão dançar, devem usar roupas bem lavadas, e sou eu quem precisa se incumbir de tudo isso.

Assim falou Nausícaa, pois teve vergonha de mencionar a doce ideia do casamento. Seu pai, no entanto, percebendo os reais interesses da filha, ordenou que aprontassem um robusto carro coberto. Então, a moça trouxe sua roupa e colocou-a dentro da forte carroça. Sua mãe também trouxe vinho e comida, além de um jarro com azeite, para que Nausícaa e as criadas ungissem o corpo após o banho. Tendo subido ao carro, a princesa tomou as rédeas e fustigou as mulas, que começaram a andar, levando-a com a roupa a ser lavada. Atrás dela vinham as outras moças.

O encontro com Nausícaa

Ao chegarem ao rio, onde havia os tanques de lavar, as garotas desatrelaram os animais e os deixaram pastando. Em seguida, pegaram as roupas e as mergulharam na água, competindo entre si para ver quem fazia o melhor trabalho, até que tudo já estivesse lavado e reluzindo de tão limpo. Depois, quando estenderam as roupas para secar sobre os seixos, lavaram-se todas no rio, untando por fim o corpo com óleo. Felizes, sentaram-se para

comer e, depois de saborearem a gostosa comida, resolveram jogar bola. O dia estava lindo e Nausícaa destacava-se entre todas, assim como a deusa Ártemis se sobressaía entre as ninfas que a acompanhavam. Cantarolando, foi a primeira a jogar a bola, e a brincadeira começou. Assim, as garotas passaram as horas a se divertir e as roupas tiveram tempo de secar. Já era hora de recolhê-las para ir embora, e Odisseu, que lá estava a dormir desde a noite anterior, não dava sinais de que iria despertar, mesmo com todo o rebuliço das animadas jovens. O grande cansaço e as terríveis noites sem dormir mantinham cerrados os seus olhos, mas Atena não o deixaria permanecer dormindo. Assim, quando Nausícaa veio atirar a bola com força para as garotas, atrapalhou-se e a bola caiu no rio. A princesa fora tão desajeitada e engraçada ao deixar escapar a bola das mãos que as outras moças gargalharam escandalosamente.Tão escandalosamente que, enfim, Odisseu acordou.

"Onde estou?", disse então para si mesmo. "Será uma terra de homens maus e selvagens ou um lugar em que se teme aos deuses? Acho que escutei doces vozes de mulheres. Serão nereidas ou filhas de mortais?"

Então, querendo saber o que se passava, saiu do meio das folhas em que estava enfiado. Mas como poderia ir em direção àquelas vozes de garotas totalmente nu? Como o faminto leão não se detém diante de nada ao ver um veado bem nutrido, Odisseu, movido pela necessidade, cobriu improvisadamente sua nudez com um frondoso ramo e de pronto caminhou em direção às moças. Elas, assim que o viram, ficaram bastante assustadas. Como ele estava sujo de sal e areia, pareceu-lhes muito rude, e elas imediatamente se separaram e foram se esconder entre as árvores. No entanto, graças à coragem que Atena lhe infundira, ficou imóvel aquela que importava: Nausícaa, filha de Alcínoo. Odisseu aproximou-se da garota. Primeiro veio-lhe a ideia de abraçar os joelhos da jovem, mas, por fim, decidiu apenas lhe dirigir a palavra, pois ela poderia não apreciar ser tocada. Odisseu, inteligentemente, assim lhe falou:

– Peço-lhe, nobre moça, quem quer que você seja, que me ajude! Se é uma deusa, creio que deva ser Ártemis, a filha de Zeus, pois é muito semelhante a ela, na aparência e na beleza. Se é mortal, seus pais e irmãos devem estar muito felizes e, certamente, o coração deles se enche de alegria quando a veem dançar, liderando as outras moças. Ainda mais afortunado será aquele que a tomar por esposa. Perdoe-me por falar assim, mas, como nunca vi uma

rapariga tão encantadora, minha mente ficou confusa! Somente em Delos, uma vez, junto ao altar de Apolo, fiquei tão fascinado como agora, ao contemplar uma bela palmeira... pois até então nunca havia visto uma árvore tão graciosa! Agora estou igualmente maravilhado com a sua graça, sem nem saber como me comportar diante de você... Por mais que eu esteja sofrendo e necessitando de ajuda, não ouso tocar-lhe os joelhos em súplica! Há vinte dias que as ondas me sacodem, batem e agitam, e só ontem o destino lançou-me a este lugar. Entretanto, não sei onde estou e você é a primeira pessoa que vejo. Dê-me, por favor, qualquer roupa velha para cobrir-me e mostre-me o caminho para a cidade. Por sua bondade, peço aos deuses que lhe concedam o que seu coração mais desejar, um marido, uma casa cheia de amor, porque não há nada mais belo no mundo que um casal que se ama, proporcionando alegria aos bons amigos e causando inveja aos inimigos.

– Estrangeiro – respondeu-lhe Nausícaa –, você não parece mesmo ser um homem de sorte. Zeus, porém, distribui as alegrias e as dores como bem entende e é preciso que suportemos os tormentos com paciência. Porém, já que chegou aqui, não o deixaremos ficar nesse estado. Nós lhe daremos roupas e o conduziremos até a cidade. Você está no país dos hospitaleiros feácios e nosso rei é o célebre Alcínoo, de quem tenho a honra de ser filha!

Ao dizer isso, chamou as servas:

– Venham todas, por que fugiram? Não é nenhum malfeitor, mas um pobre náufrago precisando de ajuda. Zeus nos envia os pobres e infelizes, e o pouco que lhes damos é com desvelo e de coração. Venham, para que o ajudemos a se lavar no rio!

As moças correram a atender o chamado da princesa, levando-o para um canto mais reservado do rio. Deram-lhe roupas e um jarro de óleo, dizendo-lhe, em seguida, que tomasse um banho.



– Primeiro, tenham a bondade de se afastar, por favor – disse Odisseu –, tenho vergonha de me lavar na frente de jovens virgens...

As garotas retiraram-se e ele começou a se lavar, livrando-se do sal que lhe cobria os ombros, os fortes braços e todo o corpo. Lavou o rosto, os cabelos encaracolados e, em seguida, ungiu-se com óleo e vestiu as roupas que lhe deram. Então, limpo e bem-vestido, nem parecia mais a mesma pessoa, pois Odisseu era um homem belo e de aparência distinta. Atena conferiu-lhe ainda mais graça, tanto que, quando foi para beira-mar e surgiu diante das moças, estas ficaram pasmadas:

– Esse homem não veio à nossa ilha sem que essa fosse a vontade de Zeus – disse Nausícaa. – Achei-o rude e nada formoso à primeira vista, mas agora ele se assemelha a um deus... Quem dera o meu futuro esposo fosse como ele! Bem, não nos atrasemos! Vamos dar-lhe algo para comer e beber.

As garotas logo trouxeram comida. Como há dias não botava sequer um naco de pão na boca, pôs-se a comer e beber vorazmente. Enfim, Nausícaa

falou:

– Venha comigo agora, estrangeiro. Vamos à cidade para que você veja o meu pai. Vá atrás com as minhas servas. Quando já pudermos avistar de longe as torres, fique no bosque e venha sozinho mais tarde. Não é apropriado que toda a gente o veja comigo. Os feácios são bondosos, trabalhadores e gostam de paz e sossego. Preocupam-se apenas com navios, remos e mastros, não sendo muito apegados às armas. Mesmo assim, sempre há também muitos que gostam de falar coisas, e eu não quero que digam: "Quem é esse homem tão belo que vem com Nausícaa? Onde ela o encontrou? Será que o deseja por esposo? Seria um náufrago? Ou talvez um deus que desceu do céu para se casar com ela? Quem quer que seja não é de nossa terra! Tantos feácios pretendem a mão da princesa, e ela despreza até mesmo os grandes nobres. Eis que agora escolheu um estrangeiro!" Se dissessem tais coisas, eu morreria de vergonha, pois também condeno aquelas que escolhem um marido sem levar em conta a opinião do pai e da veneranda mãe e se deitam com o homem antes mesmo de casar! Por isso, é melhor que espere, estrangeiro, lá onde lhe falei. Depois de ver que passou um tempo suficiente, ponha-se a caminho da cidade. Ao chegar, pergunte pela casa de meu pai e a achará facilmente. Até as crianças sabem onde fica. Nem a mais rica mansão se assemelha ao palácio do rei Alcínoo. Lá chegando e atravessando o pátio, entre na antecâmara, passe pelas salas até encontrar a rainha Areté, minha mãe. Estará sentada ao lado da lareira, a fiar lã branca e fofa. Então você verá também meu pai, no trono, a saborear seu copo de vinho. Apenas vá direto à rainha e, se quiser mesmo voltar depressa para as pessoas que ama, apoie as mãos nos seus joelhos e peça-lhe ajuda. Se ela se apiedar de você, então tenha esperança de rever em breve a desejada pátria, por mais longe que seja daqui.

Ao dizer isso, Nausícaa subiu ao carro, carregou as mulas e pôs-se a caminho de casa. Atrás seguiam-na Odisseu e as criadas. Quando já se podia avistar a cidade, o herói parou, conforme a princesa o havia instruído. Quando enfim se viu sozinho, suplicou a Atena, filha de Zeus:

– Virgem invencível, que não podia ouvir minha voz quando Possêidon me afogava no mar, ouça-me agora e faça com que os feácios tenham por mim misericórdia e simpatia!

Atena o ouviu com atenção, mantendo-se invisível, pois respeitava o senhor dos mares, irmão de seu pai, que com ira incontrolável perseguia o

desditoso filho de Laerte.

No palácio do rei Alcínoo

Passando-se algum tempo, que ele julgou ser suficiente, resolveu que já era hora de seguir rumo à cidade. Mal atravessou a grande porta, veio a própria Atena mostrar-lhe o caminho. Não se apresentou como deusa, porém, preferindo tomar a forma de uma jovem que por acaso passava por ali. Odisseu, então, perguntou-lhe onde era o palácio do rei Alcínoo:

– Sou um náufrago estrangeiro – disse – e peço ajuda.

– Estou indo para essa direção também – disse a rapariga. – Moro ali perto. Venha comigo e o conduzirei, mas não fale com ninguém pelo caminho. Os feácios são orgulhosos, embora com razão, pois são grandes navegantes, conhecedores dos segredos do mar. Onde é que ainda não foram com seus navios velozes como os pássaros, como o pensamento?

Dizendo assim, prosseguiu à frente e Odisseu a acompanhou. A deusa lançou um nevoeiro nos olhos dos feácios, para que não o vissem, mas ele tudo observava, admirando a cidade, os navios, o porto, as praças... Quando chegaram ao palácio do rei, Atena virou-se e disse:

– Aqui está o palácio que procura. Entre sem medo. Aquele que tem coragem executa rapidamente até mesmo a tarefa mais difícil, mesmo sendo estrangeiro. Lembre-se, porém, de pedir primeiro à rainha. Seu nome é Areté. Descende de linhagem divina, assim como Alcínoo. Nosso rei a honra como nenhuma mulher jamais foi honrada, e todos a amam. Ela ajuda todo aquele que está em dificuldade, bastando-lhe apenas que perceba que não é uma pessoa má. Certamente irá ajudá-lo também.

Então, Atena o deixou sozinho e ele prosseguiu com coragem em direção ao alto palácio. Surpreendeu-se ao avistá-lo: havia um brilho que envolvia toda a construção. De bronze eram as muralhas, com um friso de cristal em volta. As portas e o telhado eram dourados. Junto à grande porta, como duas sentinelas vigilantes, havia dois cães, moldados por Hefesto, um de prata e outro de ouro; mas tinham vida e eram imortais. Ao entrar, o herói ficou ainda mais fascinado diante de tanta beleza e luxo. Nas paredes havia tronos bem talhados onde se sentavam os mais nobres feácios. Sobre belos pedestais, erguiam-se estátuas douradas de jovens segurando tochas acesas. Odisseu não se cansava de olhar, mas, ao ver o rei e a rainha, apressou-se

em ir para perto deles. Quando se aproximou, a névoa que Atena havia criado à sua volta se dissipou e todos o viram, de repente, estupefatos com a aparição miraculosa. Dando dois passos, Odisseu curvou-se, apoiou as mãos nos joelhos da rainha e implorou:

– Areté, grande rainha, eu, que por tantos tormentos tenho passado, venho cair a seus pés e pedir a seu marido, o digno rei dos feácios, e a todos os nobres que aqui estão que me enviem de volta à minha pátria, porque há anos vagueio pelos mares, distante dos que amo!

Ao dizer isso, o tão sofrido homem foi sentar-se à lareira, sobre as cinzas. Enquanto todos ficaram sem fala, um velho chamado Equeneu, respeitado por saber de muitas coisas, levantou-se e disse:

– Não acho correto, Alcínoo, que o estrangeiro se sente sobre as cinzas. Se ninguém diz nada é porque todos querem ouvir primeiro a opinião do rei. Diga agora ao estrangeiro que se sente em um trono ornado com prata e que o escanção traga vinho para libarmos a Zeus Xênios.(25)

Ouvindo as sensatas palavras do velho, Alcínoo se levantou, pegou Odisseu pelo braço e o fez sentar-se a seu lado, depois de Laodamas, o mais querido filho do rei, ter cedido seu lugar. Imediatamente deram de comer e beber ao estrangeiro. Trouxeram vinho e todos libaram a Zeus. Quando Odisseu já estava satisfeito, o rei se levantou e disse:

– Ouçam-me, chefes dos feácios, é tarde e devemos ir dormir. Contudo, amanhã de manhã, depois de chamar os outros nobres, daremos todos juntos as boas-vindas a este desditoso estrangeiro, como quer Zeus. Mataremos dois bois em sacrifício aos deuses e, após comer e beber, nos encarregaremos de mandá-lo para casa, ao encontro de seus entes queridos. A não ser que seja algum deus que veio até nós, como faziam os deuses antigamente nos sacrifícios, comendo conosco muitas vezes. Afinal, nós, homens, somos seus descendentes, assim como os ciclopes(26) o são dos gigantes.

– Venerável Alcínoo – respondeu Odisseu –, não me compare aos deuses, mas aos sofridos mortais, pois só posso ser comparado àqueles que tiverem passado pelos maiores tormentos do mundo, uma vez que os imortais impuseram-me um sofrimento maior do que um ser humano poderia conceber. Portanto, eu lhe imploro que, assim que raiar a aurora, me envie à minha terra, pois só anseio por uma coisa: ver os que amo antes de morrer.



Todos se comoveram com as palavras de Odisseu e quiseram ajudá-lo. Quando os nobres se foram, ficaram apenas Alcínoo e Areté. Esta, então, que reconhecera as roupas que o estrangeiro usava, pois ela mesma as havia tecido, disse-lhe:

– Deixe-me fazer uma pergunta, estrangeiro. Quero saber de onde vem, como veio parar em nossa terra e quem lhe deu as roupas que usa, pois creio que você me disse ser um náufrago.

– Minha rainha, embora seja muito difícil exprimir em palavras os tormentos pelos quais os deuses me fizeram passar, direi, porém, como vim parar aqui e tudo o mais que me perguntou.

Então passou a narrar sua amarga história, desde que foi dar à ilha de Calipso até quando as ondas o lançaram nu à terra dos feácios. Disse, ainda, o quão prudente fora Nausícaa ao recebê-lo e como ela lhe dera as roupas

que estava usando.

– Tudo lhe contei, senhora, por mais que meu coração fique mortificado em lembrar tudo isso – concluiu.

– Estrangeiro – disse-lhe, então, Alcínoo –, minha filha não agiu nada bem ao deixá-lo vir sozinho até aqui.

Mas Odisseu, com inteligência, saiu em defesa de Nausícaa:

– Não se irrite com ela, senhor, fui eu quem quis assim, porque fiquei receoso de que talvez o rei pudesse se zangar ao ver-me com ela.

– Meu bom estrangeiro, jamais me zango sem razão, mas você fala com tanta sensatez que eu gostaria que tomasse minha filha por esposa e se tornasse meu genro! Contudo, sei que não posso detê-lo aqui. Por isso, cuidarei de tudo para que faça uma boa viagem e chegue rapidamente à sua pátria. Nossos navios são tão rápidos que poderiam ir à Euboia em um só dia! Mas de que adianta eu dizer isso? Verá por si mesmo os navios e os excelentes marinheiros que tenho.

No outro dia, bem cedinho, todos se reuniram na grande praça. Alcínoo foi o primeiro a falar, apresentando Odisseu a todos os homens importantes da cidade:

– Ouçam todos, governantes dos feácios. Este estrangeiro, cujo nome nem mesmo sei, veio dar à nossa praia empurrado pelas ondas e nos pede ajuda para voltar para a sua terra. Nós o ajudaremos, pois jamais deixamos de auxiliar alguém que nos peça para voltar para casa. Lancemos então ao mar um navio veloz, com uma tripulação de cinquenta jovens robustos e valorosos. Amanhã o mandaremos de volta à pátria. Agora, porém, vamos todos ao palácio oferecer nossa hospitalidade, mas quero chamar também Demódoco, o divino cantor, que entreterá a nós e também ao estrangeiro com sua doce música.

Foram todos para o palácio. Chamaram também o famoso aedo,(27) a quem as Musas deram ao mesmo tempo um dom e uma desgraça: concederam-lhe uma voz estupenda, mas o privaram da visão. Um arauto o conduziu à grande sala e o sentou em um assento todo ornado de prata, com as costas apoiadas na coluna central. Pendurou a harpa no pilar e mostrou-lhe onde deveria pôr a mão quando quisesse pegá-la. Quando todos haviam comido e bebido, as Musas inspiraram uma canção ao coração de Demódoco. Então, ele pegou sua harpa e começou a cantar. A música falava sobre os aqueus: mal tinham estes chegado a Troia, Odisseu e Aquiles deram início a uma acalorada

discussão. Alegrou-se Agamêmnon, pois um oráculo dizia que Ílion seria tomada quando dois valentes líderes aqueus brigassem. Contudo, ele estava errado, porque o oráculo não falava daquela rixa, mas de uma outra, mil vezes pior, que trouxe grandes desgraças a aqueus e troianos.

Era isso que o aedo dizia em sua canção, e Odisseu, que o escutava, não podia conter as lágrimas, cobrindo o rosto com a roupa para que não o vissem chorar. Quando o cantor acabou, o herói enxugou bem os olhos e descobriu a cabeça. Porém, os nobres presentes queriam escutar tais canções sobre Troia e, quando Demódoco reiniciou, Odisseu novamente cobriu o rosto. Ninguém, contudo, percebeu. Com exceção de Alcínoo, que estava sentado ao lado do herói e ouvira seus gemidos. Então, o rei disse a todos:

– Agora que estamos fartos de comer e de ouvir boa música, vamos para fora experimentar nossa força nas competições. Assim, o estrangeiro, quando chegar à sua terra, poderá dizer como os feácios são bons na corrida, no pugilato, no salto, na luta e nos outros esportes.

Odisseu compete nos jogos

Não demoraram a sair todos e logo os jogos tiveram início. Vários jovens competiram, entre eles os três filhos do rei, liderados por Laodamas, vencedor no pugilato. A certa altura, este disse que fossem perguntar ao estrangeiro se também queria participar:

– Parece cheio de vigor – acrescentou –, embora tenha passado por tantas provações e não exista mal pior que o mar, capaz de extenuar o mais tenaz dos homens.

Todos concordaram e Laodamas chamou então Odisseu para competir e, assim, espantar as preocupações.

– Preocupações assim não desaparecem tão fácil do pensamento – respondeu Odisseu. – Por isso, deixem-me, eu lhes rogo. Somente anseio voltar para casa.

A essas palavras, Euríalo, nobre que vencera na luta, replicou impensadamente:

– Você não parece homem chegado a competições, estrangeiro. Deve ser algum comerciante, desses que percorrem os mares cheios de mercadorias e só pensam em como ganhar mais e mais ouro! Para isso roubam e enganam. Gente como você não serve para esportes!

Odisseu lançou um olhar atravessado para Euríalo e disse:

– Nada gentis são as suas palavras. Parece um tagarela! É que, veja bem, os deuses não dão todos os dons a um só homem: beleza, bom senso, força, eloquência. Um é feio em aparência, mas quando começa a falar todos se deliciam com as suas palavras e o admiram como a um deus. Outro é belo e destemido, mas suas palavras são inexpressivas e sem graça. Assim é você: sua aparência é tão distinta que causaria inveja a um deus, mas sua mente é vazia. Feriu-me muito com suas palavras indelicadas. E veja que não sou o tipo de homem que você descreveu. Eu também estava sempre entre os primeiros nas competições, porém, agora, as amarguras me destroçaram, porque passei por muitos tormentos nos mares e nas guerras. No entanto, mesmo passando por tudo o que passei, tenho forças suficientes. Está bem! Eu competirei, pois você mexeu com meus brios insultando-me dessa forma!



Imediatamente, então, sem nem se despir,(28) pegou um grande disco, mais pesado que os dos dias de hoje, rodopiou-o e o lançou com tanta força que o disco zumbiu no ar e, subindo alto até o céu, foi cair além de todas as marcas.

Então, Atena, tomando a forma de um dos moços, correu e marcou o lugar onde o objeto havia caído, dizendo:

– Esta marca até um cego pode ver, tão longe e destacada está das outras! Parabéns, estrangeiro! Ninguém poderá alcançá-la!

O pobre herói alegrou-se com essas palavras e, então, com um orgulho disfarçado, disse aos feácios:

– Cheguem vocês agora à minha marca e eu lançarei ainda mais longe, se puder. Entretanto, como Eurílalo teimou tanto comigo, que venha quem tiver

coragem suficiente para competir contra mim na luta, no pugilato, na corrida, no que quiser! Quem quer que seja, menos Laodamas, é claro. Afinal, não sou nenhum ingrato para desafiar aqui, em casa alheia, o homem que me deu pão e se mostrou tão compassivo para comigo! Entre os outros, porém, quem quiser, que venha! Mostrarei também a ele o que sei, porque não sou nada fraco nos esportes. Conheço bem todas as modalidades. Com a flecha, posso atingir sem erro meu alvo no meio da turba inimiga. Melhor que eu, em Troia, só havia um: Filoctetes. Sou também imbatível na lança. Vocês poderiam me vencer apenas na corrida, pois os infortúnios que por anos se lançaram contra mim fatigaram-me os joelhos.

Os feácios perderam a fala ao ouvi-lo, e só Alcínoo teve coragem de tomar a palavra:

– Foi com todo o direito que falou assim, estrangeiro. Alguém o insultou e você quis mostrar o seu valor. Porém, não vai encontrar mais ninguém que ainda tenha coragem de proferir qualquer palavra rude contra você, mas ouça agora o que vou lhe dizer, para ter o que contar aos seus amigos quando os receber em sua casa: Zeus deu a nós, feácios, muitos talentos. Se não somos os primeiros no pugilato e na luta, somos infalíveis na corrida, nos remos e no manejo de navios. Amamos mais ainda a dança, a música e os esportes. Também as belas roupas, os banhos quentes e as camas confortáveis. Vamos! Venham os dançarinos e que alguém corra ao palácio para trazer a harpa de Demódoco!

A harpa não tardou a chegar e todos se afastaram para dar espaço à dança. Demódoco ficou de pé no centro e, à sua volta, os belos e jovens dançarinos vieram dar as mãos, formando uma roda. Ao soar a lira, bateram o pé com força na terra e começaram a dançar, como se lhes saísse fogo dos pés. Odisseu olhava e admirava. Em seguida, o aedo entoou uma canção dedicada aos deuses. Era aquela que falava do amor de Ares pela magnífica Afrodite(29) e de como Hefesto os capturou com uma rede invisível e impossível de se romper. Odisseu e os feácios deleitaram-se com a música e, então, Alcínoo pediu para dois de seus filhos, Laodamas e Hálio, dançarinos inigualáveis, que mostrassem suas habilidades. Eles, então, pegaram uma bola vermelha e deram início a uma dança lúdica. Um lançava a bola bem alto, em direção ao céu, dobrando o corpo para trás, e o outro a apanhava, dando um salto no ar. Brincando assim, começaram em seguida a dançar, trocando agilmente de lugar entre si. À sua volta, os outros

dançarinos batiam palmas com grande vigor.

– Você tem filhos admiráveis! Fico fascinado de vê-los! – disse Odisseu.

O rei alegrou-se com o elogio e disse, então, virando-se para os nobres:

– Ouçam-me, líderes feácios! Somos treze ao todo, vocês doze e eu. Vamos trazer uma túnica, um manto e um talento(30) de ouro cada um, para que nosso digno estrangeiro os leve consigo. Quanto a Eurílalo, deve pedir-lhe perdão por suas palavras levianas!

Todos concordaram. Então disse Eurílalo:

– Alcínoo, meu senhor, farei de bom grado o que me pede. Ofereço ao hóspede esta espada com empunhadura de prata e estojo de marfim – e, imediatamente, tirou-a da cintura e deu-a a Odisseu, dizendo-lhe estas palavras:

– Você merece, caro estrangeiro. Quanto às pesadas palavras que lhe dirigi, que as leve o vento... Agora faço votos de que você retorne depressa à sua terra, para estreitar docemente nos fortes braços a esposa, e que nunca mais volte a padecer nas terras estrangeiras.

– Eu agradeço, Eurílalo, e que os deuses lhe deem tudo o que seu coração desejar. Quanto à espada que me deu, espero que você não precise dela enquanto viver.

Dizendo isso, pendurou no ombro a espada talhada em prata.

O Sol se deitava no ocidente quando os nobres trouxeram os presentes. Os filhos de Alcínoo os receberam e os levaram para o palácio. O rei também voltou para casa e, assim que viu Areté, falou:

– Minha querida, traga aqui para o estrangeiro a nossa mais bela arca, meu melhor manto e minha melhor túnica. Arrumemos também os outros presentes, para que ele alegre seu coração ao vê-los. Eu lhe darei ainda esta taça de ouro maciço, para ele libar aos deuses e lembrar-se de mim enquanto viver!

Odisseu conta a sua história

Areté trouxe o baú e, assim, dispuseram diante dele todos os presentes. Quando Odisseu chegou e viu tudo aquilo, ficou tão comovido que seus olhos ficaram marejados de lágrimas. A rainha, em seguida, disse-lhe que pusesse ele mesmo os presentes na arca e amarrasse tudo muito bem. Por fim, ordenou às criadas que o ajudassem a tomar banho. Depois de se lavar,

já limpo e bem vestido, foi para o grande terraço, onde os homens bebiam vinho. Ao entrar, encontrou Nausícaa:

– Estrangeiro, que os deuses estejam com você – disse ela. – Mesmo quando você já estiver em sua cidade, não se esqueça da moça que o ajudou numa hora tão difícil!

– Ora, Nausícaa, digna filha do célebre Alcínoo! Que Zeus faça raiar logo o dia do meu retorno, e lá na minha terra eu a louvarei como a uma deusa!

Dizendo isso, foi sentar-se perto do rei.

Os empregados dividiam a carne e o escanção enchia os copos de vinho. Um arauto trouxe Demódoco e o fez sentar-se, apoiado no alto pilar. Odisseu, então, chamou o arauto e, cortando um seleto pedaço de carne, disse-lhe que levasse para o aedo:

– Leve para ele com os cumprimentos de um homem que há muito sofre. Afinal, merecem honra e glória os cantores, a quem as Musas amam de maneira especial.

Com satisfação, o aedo recebeu a gentil oferta do estrangeiro, e este, quando o banquete terminou, disse-lhe assim:

– Demódoco, eu o estimo pela arte que Apolo e as Musas lhe ensinaram. É com tanta paixão que canta os tormentos passados pelos aqueus em Troia que é como se você mesmo os tivesse enfrentado. Mas eu lhe pedirei ainda um favor: quero que cante a canção sobre o Cavalo de Troia, o cavalo de madeira que Epeio fabricou com a ajuda de Atena e Odisseu introduziu na célebre Ílion para enganar os troianos, trazendo-lhes a ruína. Se você contar tudo como aconteceu, espalharei aos quatro cantos que não há em toda a Terra um cantor que se compare a Demódoco!

Mal Odisseu acabou de dizer essas palavras, o aedo começou a cantar. Era um canto inspirado pelos deuses, e o herói, de tanta emoção, debulhava-se em lágrimas. Alcínoo novamente reparou que o hóspede chorava e, então, disse aos outros nobres:

– Ouçam-me, líderes dos feácios! É melhor que o cantor pare com a música, porque nem todos se alegram com o que diz a canção. Nosso querido estrangeiro não parou de chorar desde que Demódoco iniciou seu canto. Parece-me que alguma mágoa insuportável está a lhe devorar as entranhas. Cada estrangeiro que sofre é como um irmão, basta que se compartilhe da sua tristeza. Por isso, meu bom hóspede, diga-me o que o aflige, mas antes deixe-nos saber o seu nome, pelo qual o pai e a respeitável mãe o chamam.

Afinal, não há ninguém neste mundo que não tenha um nome! Diga-me também qual é o seu país e qual a sua aldeia, para que o levemos até lá a bordodo navio que preparamos. Sim, faremos isso, apesar de eu ter ouvido certa vez de meu pai que Possêidon haveria de se zangar conosco por enviarmos todos os forasteiros de volta para casa. Meu pai me disse que o deus faria em pedaços nosso navio assim que retornássemos e cercaria nosso país de altas montanhas... mas eu não faço caso dessa profecia! Se o deus assim quiser, que assim faça, ou desista da ideia de uma vez por todas! Diga-nos, ainda, quais os lugares por onde vagueou, quais as cidades que viu, quais os povos, entre todos que conheceu, que são mais justos e quais os injustos. Deixe-nos saber, enfim, por que chora e suspira tão profundamente quando escuta falar das desditas dos aqueus na cidade de Príamo.(31)

Então, o sábio Odisseu começou a contar sua amarga história:

– Alcínoo, digníssimo soberano, bendito seja o lugar em que as pessoas podem viver pacificamente e os cidadãos do rei sentam-se a uma farta mesa, ouvindo um cantor inspirado pelos deuses! Isso deixa satisfeito o meu coração, mas o seu quer saber dos meus sofrimentos, que me fazem chorar quando me vêm à lembrança, e o que hei de dizer primeiro e por último, se foram imensuráveis os tormentos que os deuses me impuseram. Bem, antes de tudo direi meu nome: sou o filho de Laerte, Odisseu, a quem todos chamam de engenhoso e cuja glória todos invejam, até mesmo os deuses. Minha pátria é Ítaca, berço de jovens valorosos, ilha pedregosa, que nem por isso deixa de ser um lugar adorável. Percorri o mundo inteiro sem encontrar canto algum da Terra que fosse mais doce que minha pátria. Calipso, deusa de imensa beleza, manteve-me cativo em sua ilha, com o intento de me tornar seu esposo. Também Circe me deteve em palácios brilhantes, querendo igualmente o meu amor... mas nenhuma conseguiu me virar a cabeça, pois não há nada mais caro neste mundo que um lar e uma família. Agora, cheguem mais perto para ouvir como Zeus tornou penoso o meu retorno à terra natal!

O encontro com os Cícones e os Lotófagos

– Pois bem, quando eu e meus companheiros, então partindo de Troia, embarcamos nos navios e nos lançamos ao mar, o vento nos empurrou para o país dos cícones, nossos inimigos, pois haviam lutado do lado dos troianos.

Então decidimos pilhar a cidade de Ismaro. Caímos sobre eles de surpresa e tomamos vários espólios e escravos. Tudo o que pegamos dividimos entre nós, de modo que ninguém pudesse se queixar. Eu, então, gritava a meus homens para que fôssemos embora, mas eles não ouviram, os tolos, e, sentados na areia, abateram carneiros e bois e beberam vinho puro. Assim, em vez de partir, passamos a noite na praia, onde um destino cruel viria nos trazer um grande mal. Os cícones haviam corrido às vilas para chamar reforços. Estavam em maior número, eram mais audaciosos e melhores na arte da guerra. Ao amanhecer, estavam em maior número que as folhas da primavera. Rapidamente eles se dispuseram em grupos junto aos navios. Uns a pé, outros montados a cavalo. Subitamente, brandindo as agudas lanças, partiram para cima de nós, que resistimos bravamente, e teve início uma batalha terrível. Tanto nós quanto eles obstinadamente golpeávamos com as lanças de bronze. Conseguimos contê-los por toda a manhã e toda a tarde, mesmo sendo milhares. Quando, porém, o Sol se punha, os cícones nos derrotaram. Perdemos nessa batalha seis valentes homens de cada navio, e nós, os sobreviventes, já que havíamos escapado da morte, saltamos para os navios e içamos as velas, lamentando pelos que haviam perecido. Antes de zarparmos, gritamos três vezes o nome de cada um deles. No entanto, mal nos lançamos ao mar, Zeus nos enviou um irrefreável vento Norte e um terrível nevoeiro que turvou todo o céu. As naus mergulharam a proa na água e o vento rasgou nossas velas. Nós, então, as recolhemos e, para não morrermos afogados, tomamos os remos e conduzimos as embarcações para terra firme. Ali permanecemos por dois dias e duas noites, remendamos as velas e, no terceiro dia, embarcamos novamente e partimos. O vento agora estava a favor e acreditávamos poder chegar sãos e salvos à pátria, mas, ao passarmos o cabo Maleia,(32) um forte vento Norte novamente abateu-se sobre nós, lançando-nos ao mar aberto.



– Por nove dias lutamos contra os ventos contrários e, no décimo, alcançamos o país dos lotófagos.(33) Ainda sem saber onde estávamos, desembarcamos para pegar água e, em seguida, nos sentamos para comer perto dos navios. Então, enviei três marujos para descobrir que tipo de homens vivia ali. Eles me obedeceram e, assim, encontraram os lotófagos, que não pareciam más pessoas e ofereceram doces frutas aos meus companheiros. Estes porém, assim que as comeram, ficaram totalmente esquecidos de casa e do resto de nós. Desse modo, quiseram ficar por lá mesmo, a comer a fruta de lótus, doce como o mel. Como estavam esquecidos de tudo, nós esperamos em vão que voltassem. Então resolvi eu mesmo, junto com mais alguns companheiros, sair em sua busca. Quando os encontrei, enfim, entre os lotófagos, não tinham a menor lembrança de quem

eu era e ofereceram-me frutas, achando que eu fosse um forasteiro. Algum deus, porém, iluminou minha mente e me fez perceber que, se comesse, também me esqueceria da pátria e de meus amigos. Então, sem perda de tempo e com a ajuda dos outros que estavam comigo, levei-os embora dali à força. Eles choravam no caminho, mas nós os arrastávamos e, ao chegar de volta aos navios, amarramos os infelizes debaixo dos bancos em que nos sentávamos para remar. Em seguida, chamei os outros de volta às naus para que partíssemos sem demora, antes que também fossem comer lótus e se esquecer da pátria...

Na terra dos ciclopes

– Com o coração pesado nos lançamos ao mar. Depois de alguns dias chegamos ao país onde vivem os ciclopes, gigantes imensos e terríveis com apenas um olho no meio da testa. Eles nunca aram o campo, nem semeiam a terra, porque tudo brota espontaneamente do solo: trigo, cevada, uvas... Também nunca se reúnem para conversar e nem têm conhecimento do que sejam as leis. Moram isolados uns dos outros em cavernas nas montanhas e cada um cuida apenas de si, não se incomodando nem um pouco com os vizinhos. Além do porto, havia uma linda ilha, verdejante e despovoada, mas cheia de cabritos selvagens que encontravam alimento nos frescos prados. A ilha tinha também um porto bem fechado e ao abrigo do vento, onde não era preciso usar cordas para amarrar os navios, nem âncoras, sendo possível alguém aportar livremente por quanto tempo quisesse e onde bem desejasse. Mesmo estando essa ilha relativamente perto do país dos ciclopes, eles nunca iam até lá; aliás, a nenhum outro lugar, pois não tinham navios nem amor pelo mar. Num extremo desse porto havia uma gruta e, ao lado dela, uma fonte de água límpida e frondosos álamos. Foi lá que desembarcamos, indo passar a noite naquele lugar tão belo e seguro.

– Pela manhã, nos levantamos e fomos caçar cabras selvagens. Alguma divindade nos ajudou e tivemos uma boa caça. Tinha eu, então, uma frota de doze naus, ficando cada uma com nove animais, e a minha, com dez. Por todo o dia nos refestelamos com carne e bebemos o doce vinho saqueado de Ismaro. Em frente à ilha deserta em que estávamos, estendia-se a terra dos ciclopes, de onde podíamos ouvir suas vozes misturadas a balidos de ovelhas e berros de cabras. No dia seguinte, disse, então, a meus homens:

“Fiquem aqui enquanto vou com meu navio e meus marujos até aquela terra que vemos adiante saber quem mora lá, se são selvagens e injustos ou se temem aos deuses e apreciam os estrangeiros.”

– Assim, embarquei com meus companheiros e atravessamos o mar até a terra dos ciclopes. Perto da praia, avistamos uma caverna. Era grande e alta, com rebanhos de cabras e ovelhas descansando à sua volta. Escolhi os doze homens mais fortes e corajosos e ordenei, então, aos outros que esperassem no navio enquanto partíamos em direção à caverna. Levávamos conosco um odre cheio de um vinho tão forte que era preciso misturar uma parte dele com vinte de água. O doce aroma que se desprendia da bebida era tão delicioso que prová-lo era quase irresistível, mas eu o trouxera comigo não para nós, e sim porque pressenti que estava para me deparar com um ser enorme e selvagem, que só tinha o mal em seu coração.

– Entramos na caverna. O dono da casa não estava, pois tinha levado as ovelhas para pastar na pradaria. A gruta era alta, grande e profunda. Havia até cercados com cabritos e cordeiros. Em um canto viam-se queijos empilhados e, no outro, jarros cheios de soro de leite. Mais adiante, havia bacias e outros recipientes vazios que eram usados para ordenha. Meus companheiros ficaram com medo e me imploraram para que pegássemos alguns queijos, cabritos e carneiros e fôssemos embora. Eu, porém, não lhes dei ouvidos. Estava curioso para ver o ciclope e disposto a aceitar aquilo que ele nos oferecesse, em vez de roubar! Porém, foi justamente esse o meu erro! Assim, comemos apenas um pouco de queijo e nos sentamos para esperar o dono da casa.

– Finalmente ele chegou, carregando uma braçada de lenha, que, quando jogou no interior da caverna, fez um estrondo que abalou tudo à nossa volta. Amedrontados, nos encolhemos em um canto escuro da gruta. Em seguida, o ciclope trouxe as ovelhas para dentro e começou a ordenhá-las, deixando do lado de fora os carneiros e os bodes. Depois, foi até a entrada e pegou, com extrema facilidade, uma pedra tão grande e pesada que não poderiam arrastá-la nem vinte carros! Com ela fechou a abertura inteira da caverna. Por fim, pôs os pequenos cordeirinhos para mamar nas mães e fez queijo com metade do leite, deixando a outra metade para beber. Ao terminar todas as suas tarefas e acender o fogo, o lugar todo se iluminou, inclusive o canto em que estávamos escondidos... e então ele nos viu:

“Quem são vocês? Como vieram parar aqui? Estão a negócio próprio ou

são como os piratas, que pilham os bens alheios arriscando com isso a própria vida?”

– Ficamos todos assustados com suas palavras e sua voz grave, mas eu tomei coragem, levantei-me e disse a ele:

“Somos pobres aqueus, que passaram por muitas provações, soldados do glorioso Agamêmnon. Estamos voltando de Troia para casa. Perdemos o caminho de volta, enfrentando ventos contrários, pois assim o quiseram os deuses imortais. Agora caímos aos seus pés para pedir ajuda. Tenha por favor a bondade de nos oferecer a sua hospitalidade, como é hábito no mundo todo e também a vontade de Zeus, protetor de todos os estrangeiros.”

– Foi isso que eu disse, ao que ele respondeu com palavras rudes:

“Ai, amiguinho, você deve ter perdido o juízo! A não ser que tenha vindo de tão longe que nunca ouviu falar que os ciclopes não dão importância nem a Zeus nem a nenhum outro deus, pois temos uma força terrível. Além disso, sou o mais forte de todos. Meu nome é Polifemo, sou filho de Possêidon e mesmo os deuses têm medo de mim. Talvez eu possa até me apiedar de você, mas primeiro me diga onde ancorou o navio, só para minha informação...”

– Ele me disse isso, mas eu sabia que estava querendo me enganar:

“Ah, meu navio afundou! Possêidon o fez em pedaços, atirando-o contra as rochas. Apenas eu e estes poucos amigos escapamos da morte!”



– O gigante não disse uma palavra. Apenas olhou meus companheiros e, em seguida, cometeu um ato horrendo: esticou as enormes mãos, apanhou dois e bateu com eles no chão, como se faz para matar um polvo. Os infelizes ficaram ali mesmo, e o ciclope, que os fizera em pedaços, devorou-os sem deixar nem os ossos! Depois, virou um jarro inteiro para dentro de seu estômago! Enquanto nós chorávamos, erguendo as mãos para Zeus, o gigante se deitou estendido entre os carneiros e caiu em sono profundo, roncando terrivelmente. Eu, então, pensei em sacar a espada e enterrá-la em seu corpo, bem no lugar onde ficava o fígado, mas cheguei à conclusão de que matá-lo também não seria uma maneira de escaparmos da morte.Afinal, como moveríamos a rocha que nos barrava a saída? Então, esperamos que amanhecesse. Ao raiar o dia, Polifemo levantou-se e acendeu novamente o

fogo. Depois ordenhou as ovelhas, botou os filhotes para mamar e, feito isso, agarrou mais uma vez dois companheiros meus, batendo com eles no chão e os devorando em seguida. Satisfeito, saiu para levar a pastar o rebanho, afastando facilmente a rocha e recolocando-a, em seguida, na entrada, deixando-nos presos do lado de dentro. Eu, então, pus-me a matutar um jeito de me vingar do terrível monstro e escapar, junto com os homens que me restavam. Isso se Atena me concedesse tamanha graça...

– O ciclope tinha dentro de sua gruta um tronco de abeto recém-cortado, talvez para lhe servir de cajado quando a madeira secasse. Todavia, para nós, pareceu mais o mastro de um navio de vinte remos. Cortei um pedaço de uma braça de comprimento e dei a meus companheiros para que o desbastassem. Quando já estava bem aplainado, afiei uma das pontas e a coloquei na brasa, para que secasse, pois o tronco ainda estava verde. Feito isso, escondi o pedaço de madeira no meio do estrume e disse aos outros que tirássemos a sorte para ver quem me ajudaria a furar o olho do ciclope. Eis que foram sorteados exatamente aqueles que eu mesmo teria escolhido! Quatro robustos companheiros e eu, cinco ao todo. Ao anoitecer, quando Polifemo voltou, depois de desincumbir-se das mesmas tarefas de sempre, pegou mais dois de nossos homens e os devorou do mesmo modo que os outros. Ao final, peguei eu um pote de madeira, enchi do vinho que tinha comigo e, segurando-o com as duas mãos, ofereci ao monstro:

"Tome, ciclope, beba agora um pouco de vinho, depois de comer gente. Assim verá que excelente bebida eu tinha em meu barco e talvez tenha pena de mim e me mande para casa. Mas você é cheio de cólera e sem coração! Como quer que algum ser humano ponha o pé nesta terra, comportando-se de maneira tão cruel?"

– Sem dizer palavra, pegou o vinho e bebeu de uma só vez:

"Dê-me mais!", ele disse. "Diga seu nome, e eu lhe darei um presente que será de seu agrado. Aqui também se faz vinho, mas este aqui é melhor que o néctar dos deuses!"

– Dei-lhe mais vinho e ele novamente quis mais. Quando vi que já estava bem tonto, disse:

"Você perguntou como me chamo e me prometeu um presente. Vou lhe dizer meu nome, então: sou Ninguém! Todos me chamam Ninguém, pai, mãe e amigos."

– Assim falei e o monstro, então, respondeu:

“Polifemo nunca se esquece dos presentes que promete! A você, Ninguém, farei um grande favor: irei comê-lo por último!”

– Dizendo isso, estendeu o corpo no chão e começou a roncar e bramir feito um animal selvagem, vomitando vinho e a carne dos corpos de meus companheiros. Então, peguei a grande lança de madeira de onde havia escondido, pus a ponta no fogo até ficar em brasa, dando ao mesmo tempo coragem a meus homens, para que nenhum se acovardasse. Quando a ponta ficou bem vermelha, quase pegando fogo, eu e os outros quatro erguemos a tora e, com a coragem que nos inspirou a divindade, a enfiamos com força e ódio bem dentro do único olho do ciclope. O gigante urrou de dor e sua voz ecoou pelas rochas da caverna. Cheio de cólera, pediu socorro na esperança de que os outros ciclopes o ouvissem. Enquanto nós recuávamos, apavorados, ele, possesso e cheio de dor, arrancou a estaca ensanguentada do olho, pedindo socorro sem parar. Graças aos seus gritos, acorreram outros vários ciclopes, que gritavam do lado de fora:

“O que houve, Polifemo? Por que está aos berros no meio da noite, estragando nosso sono? Será que lhe roubaram o rebanho ou estão tentando matar você aí dentro? Quem é? Diga-nos o nome!”

“Ninguém! Ninguém! Ajudem, meus irmãos!”

“Ninguém? Mas se ninguém o está incomodando, o mal que o atingiu deve ter vindo do céu. Por isso, só o seu pai, Possêidon, é que pode ajudar! Não nós, ora!”

– Isso disseram os ciclopes, e meu coração, quando os ouvi indo embora, encheu-se de alívio e alegria por minha artimanha ter dado tão certo! Polifemo, gemendo de dor, foi procurar a saída, pôs a pedra de lado e, com a mão, tateava o rebanho que saía, para se certificar de que nenhum de nós escapasse. E não é que ele realmente pensava que eu não acharia um jeito de sairmos sem que percebesse? Pois eu me pus a matutar, imaginando todo tipo de engodo e malícia. Afinal, tratava-se de salvar as nossas vidas! Então, pensei que o melhor seria fugirmos agarrados aos ventres dos carneiros. Havia na caverna alguns bem grandes, gordos, de lã grossa. Eu os ia separando de três em três, um ao lado do outro, amarrando-os com o junco que tirara do leito do ciclope. O carneiro do meio segurava um homem pendurado em seu ventre, enquanto os outros dois amparavam meus companheiros. Havia, porém, um carneiro maior que todos os outros. Nesse agarrei-me eu, segurando firme sua densa lã e virando o rosto para o lado.

Deixei que meus colegas saíssem primeiro. O ciclope apalpava o dorso dos animais, mas com que olho veria que nós estávamos fugindo agarrados aos seus ventres, por baixo? Enfim, vinha saindo o meu carneiro. Tateando-o, Polifemo o reconheceu e, então, disse:

"Por que, meu bom carneiro, está saindo por último da caverna? Você nunca foi de ficar para trás, era sempre o primeiro a sair para pastar nas ribeiras a relva macia! O primeiro a ir beber água e o primeiro também a voltar para a cerca à noite; mas agora está vindo atrás de todos decerto porque está triste. O seu senhor foi privado de seu único olho por Ninguém! O maldito só fez isso porque me embriagou com seu vinho! Ai, se você pudesse falar, então me diria onde aquele mofino se enfiou para escapar à minha ira! Você veria só como eu o bateria contra o chão até que sua alma abandonasse o corpo, e então isso aliviaria as dores que Ninguém me causou!"

– Ao dizer isso, deixou o carneiro sair. Assim que o animal passou pelo pátio, eu me desprendi e imediatamente saí correndo para soltar meus companheiros. Enfim estávamos salvos! Antes de partir para os navios, desviamos muitos cordeiros do rebanho e os levamos conosco. Com alegria, mas também pesar, os outros marujos nos receberam. Todos juntos choramos pelos que foram mortos. Todavia, precisávamos partir. Assim que nos afastamos um pouco da terra firme, gritei com todas as forças em direção à terra dos ciclopes:

"Ei, Polifemo! Você não sabia o negro destino que o esperava? Nem teve receio de, dentro de sua própria casa, devorar estrangeiros que lhe vieram pedir hospitalidade? Pois bem! Veja agora o que recebeu em troca do seu crime!"



– O ciclope ficou ainda mais colérico. Terrivelmente furioso, arrancou o topo de uma montanha e, calculando nossa posição por meio do som de minha voz, o arremessou na direção do navio. Por pouco não nos acertou na proa! O mar inteiro encheu-se de espuma e a onda lançou a embarcação para trás. Bateríamos contra as rochas se eu não protegesse o navio com uma longa lança. Ordenei, então, aos homens que tomassem depressa os remos e assim voltamos para o mar aberto, escapando da morte certa. Quando, porém, já estávamos a uma distância duas vezes maior que da primeira vez, recomecei a gritar, tão doído estava meu coração pelos que haviam morrido. Os outros tentaram me fazer parar:

"Por que, infeliz, quer provocar aquele monstro? Você viu a rocha que ele atirou em nossa direção, quando então chegamos a pensar que seria o fim! Deixe-o em paz, antes que nos atire outra rocha!"

– Eu, no entanto, não podendo me conter por nada, gritei de novo:

"Ei, ciclope! Se alguém perguntar quem foi que lhe causou tamanho mal,

diga que quem lhe tirou a visão foi aquele que devastou a cidade de Troia, o filho de Laerte, Odisseu de Ítaca!”

– Ele, então, berrou:

“Ai! Eis que agora se cumpriu o que estava escrito! Um adivinho que aqui vivia, fazendo profecias aos ciclopes, disse que um dia Odisseu me cegaria, mas eu imaginava que o filho de Laerte fosse um gigante como nós! E não é que o tal era esse fracote insignificante, que me enganou com vinho! Ora, então venha, astuto Odisseu! Deixe-me hospedá-lo e pedir a meu pai, o deus Possêidon, que o ajude. Ele é o único que pode mandá-lo para casa e também o único capaz de tratar do meu olho...”

– Então lhe respondi:

“Ah, se eu pudesse beber-lhe o sangue e jogá-lo no breu do Hades! Lá nem o abalador da Terra poderia encontrá-lo e curar seu olho!”

– Foi aí que o monstro gritou, em súplica ao deus dos mares:

“Ouça-me, Possêidon, deus do mar! Se é verdade que você é meu pai, não deixe que o filho de Laerte volte para sua terra! Se, contudo, estiver escrito pelo destino que ele deve um dia rever a casa e os entes queridos, então faça-o penar pelos mares por anos a fio! Que retorne sozinho à sua pátria, sem um amigo sequer, sem navio! E mesmo quando tiver alcançado já o solo natal, novas desgraças deverão estar à sua espera!”

– Disse isso e agarrou um outro rochedo, lançando-o contra nós. O projétil rodopiou no ar e por pouco não atingiu o leme. Ao cair no mar, empurrou nosso navio para frente e, assim, acabamos por chegar mais rapidamente à ilha onde os companheiros nos esperavam tristes e inquietos.

– Ao anoitecer, fomos dormir sobre a areia e, de manhã, zarpamos, a lamentar nossos amigos mortos.

Na ilha de Éolo

– Partindo da terra dos ciclopes, fomos parar na Eólia, a ilha onde vivia Éolo, o deus que domina todos os ventos. Morava numa torre de bronze e tinha seis filhos e seis filhas, os quais casou entre si. Viviam todos juntos. Ao lado do pai e da digna mãe, eram felizes e inseparáveis. Todo dia as suas canções ecoavam pelo palácio e à noite todos os casais dormiam em suas bem talhadas camas. Éolo me hospedou por um mês em seu palácio brilhante e gostava de me ouvir contar os infindáveis tormentos por que os aqueus

passaram até que, finalmente, conseguissem dominar Troia. Quando decidimos partir, o deus matou um grande boi e, com seu couro, fez um odre, dentro do qual encerrou todos os ventos. Deu-me, então, o odre para que o guardasse em meu navio, tendo-o primeiro amarrado muito bem com um cordão de prata. Porém, havia deixado Zéfiro do lado de fora, para soprar e empurrar nossos navios de volta para casa. Mas ainda não seria desta vez que o destino nos permitiria chegar à pátria. Viajamos por nove dias e nove noites e, no décimo, já divisávamos Ítaca! Chegamos tão perto que até pudemos enxergar a fumaça que saía dos telhados das casas. Eu, porém, de cansado e insone que estava, acabei adormecendo, pois vim segurando a corda que esticava a vela do navio a viagem toda, não deixando que outro o fizesse justamente na ânsia de chegarmos o mais rápido possível para junto de nossos entes queridos. Então, tendo eu caído em sono, meus companheiros começaram a cogitar que o odre que Éolo me dera deveria conter ouro:

"Ora, gente! Como Odisseu consegue cativar a todos, onde quer que esteja! De quantos espólios não se apoderou em Troia, ao passo que nós, que com ele lutamos, voltamos para casa de mãos vazias? E agora recebeu outro presente de Éolo, mas vejamos o que foi que lhe deu o senhor dos ventos, quanto ouro e prata colocou no odre."

– Falando assim, os tolos desataram o forte nó que amarrava a boca do odre e uma negra desgraça abateu-se sobre nossas cabeças! Na mesma hora todos os ventos escaparam violentamente e uma terrível tempestade arremessou nosso navio outra vez para o alto-mar. Então acordei e, ao perceber o que havia ocorrido, pensei até em me afogar, para que meus tormentos tivessem fim de uma vez por todas! Porém, acabei por me conter e decidi enfrentar com todas as forças mais aquele mal. Passamos dias a lutar contra as ondas, até que o vento nos trouxe de volta à ilha de Éolo. Desembarcamos, bebemos um pouco de água, comemos um naco de pão e, em seguida, tomamos o rumo do palácio. Encontramos o rei a comer e beber, com a mulher e os filhos. Ficou surpreso quando me viu:

"Por que voltou, Odisseu? Que maldição o persegue? Nós já não o havíamos enviado para onde seu coração pedia?"

"Ai de mim!", respondi. "Meus companheiros e o sono invencível me enganaram. Peço, amigos, que me ajudem novamente se puderem..."

– Embora eu pensasse que eles sentiriam compaixão por mim, Éolo gritou

irado:

"Saiam daqui, malditos! Não cometerei um outro erro ao enviar para a pátria homens perseguidos pelos bem-aventurados deuses! Deem o fora daqui e que eu nunca mais os veja de novo à minha frente!"

– Com essas duras palavras, ele nos expulsou, pobres de nós... Com o coração ferido, entramos nos navios e os meus companheiros se sentaram aos remos, sem mais uma gota de coragem nem esperança.

Na terra dos Lestrigões

– Navegamos por seis dias a esmo e, no sétimo, divisamos o continente. Era o país dos lestrigões. Lá achamos um bom porto, todo rodeado por altos rochedos. Os comandantes das outras naus ancoraram as embarcações, ao passo que deixei o meu navio do lado de fora e o amarrei nas pedras. Ao desembarcarmos, subi à mais alta rocha para ver o lugar. Pareceu-me um tanto estranho. Não se podia ver terra cultivada em parte alguma. Porém, ao longe, era possível ver fumaça e uma estradinha para a passagem de carroças que conduzia a um bosque. Ordenei a três de meus homens que fossem saber quem morava ali e eles tomaram o caminho para o bosque. Avançando, avistaram uma cidade. Havia uma nascente junto à entrada, onde uma bela e alta jovem, com um cântaro nas mãos, tinha ido buscar água. Perguntaram-lhe quem era o rei daquela terra, dizendo que queriam conhecê-lo. A moça, que era filha do rei, mostrou onde ficava a torre de seu pai e foi encher o cântaro. Os três homens foram para o palácio e, ao entrar, deram de frente com uma mulher imensa, alta como uma montanha, e ficaram apavorados. Ela então, sem nada lhes dizer, mandou chamar o marido, o rei Antifates, que estava na praça. Ele veio correndo, mas com péssimas intenções. Como era um terrível gigante, mal entrou no palácio e viu meus companheiros estendeu sua mão enorme, catou um dos três e o devorou! Imediatamente os outros dois saíram correndo. Antifates, porém, com voz selvagem e terrível, ordenou aos lestrigões que os perseguissem. Milhares de gigantes saíram às ruas e correram ao porto. Ao verem os navios, começaram a lançar sobre eles pedras enormes e até mesmo rochedos. O estrago foi horrível: os navios feitos em pedaços, e meus homens, comidos pelos lestrigões. Então, embora meu navio estivesse amarrado do lado de fora, cortei com a espada as amarras que o seguravam e, no mesmo instante,

gritei aos marujos que se pusessem a remar depressa. Estes, mais amedrontados que eu, puseram-se a remar vigorosamente, rasgando as ondas, e fugimos para longe. Foi assim que se salvou o meu navio e todos os outros foram destruídos.

Na ilha de Circe

– Com os corações dilacerados pela grande catástrofe, viajamos rumo ao desconhecido, até que um dia chegamos a Eeia, ilha em que morava Circe, filha de Hélios.(34) Saímos para a praia e por lá ficamos dois dias inteiros, a lamentar a morte dos companheiros. Ao amanhecer do terceiro dia, subi ao topo de um monte e vi fumaça sobre uma colina. Queria ir até lá para saber onde é que havíamos parado e se podíamos obter alguma ajuda. Todavia, eu me contive, pois não sabia o que encontraria pela frente... Além do mais, era preciso primeiro achar o que comer, porque estávamos há dias em jejum. Enquanto eu matutava, saiu do bosque um veado bem gordo. Agradeci ao deus que o havia enviado até mim e imediatamente atirei minha lança, abatendo-o. Em seguida, carreguei-o nas costas e o trouxe até os meus homens, dizendo:

"Eis que, apesar de todos os tormentos por que passamos, ainda havemos de vencer a morte, pois ninguém morre antes que sua hora chegue. Preparemos sem demora, portanto, a presa, a fim de que a fome cesse de nos torturar!"

– Alegremente, meus companheiros acenderam o fogo e assaram o veado. Passamos o dia inteiro a comer e beber, recobrando assim as nossas forças. Quando, enfim, já estávamos satisfeitos, eu me levantei e disse:

"Vamos ver o que faremos agora. Quando subi aquela montanha, vi que estávamos em um lugar cercado pelo mar, mas não deserto e inabitado, porque também reparei que de algum lugar ao longe saía fumaça de dentro do bosque. É preciso apenas ir até lá saber onde viemos parar."

– Lembrando-se da desgraça que se abatera sobre nós no país dos lestrigões e de tudo o que havíamos sofrido na terra dos ciclopes, ficaram pasmos com minha sugestão. Só de imaginar o que ainda poderiam padecer, sentiram muito medo e até choraram. Todavia, como o pranto nada resolve, dividi-os em dois grupos, nomeando o intrépido Euríloco como chefe de um e assumindo eu mesmo o comando de outro. Em seguida, tiramos a sorte para

ver qual grupo investigaria a ilha. Sacudi bem o elmo onde havia depositado os quinhões com nossos nomes e o sorteado foi Euríloco. Enquanto ele se punha a caminho à frente de seu triste grupo, nós ficamos para trás, cheios de temor. Avançando, os homens encontraram, numa parte elevada do bosque, o palácio da filha de Hélios, construção reluzente e toda feita de mármore... À sua volta perambulavam leões e lobos, que não incomodaram o grupo porque Circe, grande deusa e feiticeira, havia acalmado as feras com ervas mágicas. Ao chegarem à porta, ouviram uma doce voz de mulher entoando uma canção. O som vinha de dentro do palácio:

"Vamos gritar para que ela nos abra a porta, seja quem for!", disse um dos homens.

– Chamaram-na; ela parou de cantar e veio abrir a porta. Era Circe, uma bela e imponente deusa. Disse-lhes que entrassem, o que todos fizeram, menos Euríloco, temeroso de que algum mal estivesse iminente. Então, ela fez os rapazes se sentarem e lhes preparou um creme de queijo, com mel, farinha e vinho, acrescentando ervas mágicas à mistura. Quando terminaram de comer o preparado, ela pegou uma vara e os conduziu a um cercado feito para abrigar porcos. Foi então que o pior aconteceu! Suas vozes, cabeças e corpos tornaram-se vozes, cabeças e corpos de porcos! Apenas suas mentes permaneceram ilesas, para que o sofrimento fosse ainda maior.

– Em vão esperava Euríloco rever seus companheiros. Finalmente, percebendo que algo de ruim lhes havia sucedido, fugiu correndo, para ao menos salvar a si próprio. Com o coração na boca, chegou ao navio e, quando o vimos, estava tão apavorado que não conseguia dizer uma palavra sequer! Desconcertados, nós lhe perguntávamos repetidamente sobre o que havia acontecido, até que finalmente ele pôde falar novamente e nos disse que encontraram um alto palácio onde morava uma terrível feiticeira e que não vira mais seus companheiros desde o momento em que estes foram recebidos por ela. Eu então imediatamente pus minha grande espada à cinta, peguei o arco e disse a Euríloco que viesse comigo para mostrar o caminho, mas ele caiu aos meus pés chorando e implorou:

"Deixe-me aqui, eu suplico! Ou melhor, não vá nem você, pois sei que, se for, não irá voltar nem trazer de volta nenhum de nossos amigos! Partamos agora deste lugar amaldiçoado, para que ao menos nós, que ainda estamos vivos, escapemos a um destino cruel!"

– Como suas palavras em nada me agradaram, eu lhe disse: "Fique aqui

então, Euríloco, perto do navio, comendo e bebendo. Quanto a mim, uma força arrebatadora me impelea socorrer os meus companheiros!". Dizendo isso, fui sozinho em direção à floresta.

– No caminho, Hermes me fez parar, tomando a forma de um belo jovem. Pegou-me amigavelmente pelo braço e me disse cheio de piedade:

"Aonde vai com tanta pressa, infeliz, sozinho em um lugar estranho? Está indo à casa de Circe? Se ela transformou em porcos os seus companheiros, em porco há de transformá-lo também, sem que você tenha chance de escapar! No entanto, eu o salvarei da terrível magia da feiticeira. Está vendo aquela erva que brota de uma fenda na rocha? Espanta qualquer mal de perto dos homens. Mas ouça, pois lhe falarei de todas as artimanhas da filha de Hélios: primeiro ela lhe dará um creme, tendo acrescentado a ele as suas ervas mágicas, mas nada lhe acontecerá, estrangeiro, graças a esta erva boa. Depois ela virá tocá-lo com a vara e, então, você deve sacar da espada e se atirar sobre ela, ameaçando-a de morte. Ela ficará com medo e o acolherá, pedindo-lhe em seguida que durma com ela. Não negue se quiser salvar seus amigos, mas peça-lhe que primeiro jure pelos deuses que não lhe fará mal nem lhe tirará a força quando você se deitar ao lado dela."

– Ao dizer isso, o deus de pés alados arrancou a planta da rocha. Tinha flores muito brancas e uma raiz negra e tão forte(35) que um ser humano não poderia arrancar. Os deuses, porém, tudo podem. Entregando-me a erva, ele se foi para o Olimpo e eu fiquei a pensar em meus companheiros e em como poderia libertá-los. Quando cheguei ao palácio, bati à porta e gritei: "Circe!". Ela então veio abrir, levou-me para dentro e me fez sentar em um belo trono ornado de prata e com um escabelo aos pés. Em seguida, preparou creme e trouxe para mim em uma tigela de ouro. Havia posto na mistura também as ervas, pois tinha em mente más intenções. Tomei o creme sem medo porque sabia que o encanto não funcionaria dessa vez. Em seguida, ela veio me tocar com a vara, dizendo: "Corra! Vá encontrar os seus amigos lá no chiqueiro!".

– Então puxei a espada e caí sobre ela, como se a quisesse matar. Ela se pôs a gritar, caiu a meus pés e, em prantos, perguntou-me:

"Quem é você e como pôde tomar as minhas ervas sem ser enfeitiçado? Até agora ninguém havia resistido à minha magia! Ah, agora entendi! Você deve ser Odisseu, aquele que, segundo Hermes me disse certa vez, viria aqui um dia, voltando de Troia! Ora, guarde agora a sua espada cortante e venha para

minha cama se deitar comigo, concedendo-me o seu amor!”

“Circe, como pede que eu seja doce com você? Transformou meus companheiros em porcos e agora quer enganar-me a mim também! Porém, eu jamais me deitarei ao seu lado se não me jurar pelo que é mais sagrado que não tentará de novo nenhum mal contra mim!”

– Ela, então, aceitou e, quando terminou o grande juramento, fui deitar a seu lado no belíssimo leito.



– Quando nos levantamos, encontramos uma mesa farta estendida para nós. Quatro ninfas do bosque serviam Circe. Haviam preparado uma deliciosa comida e posto a mesa. Encheram os copos de ouro com doce vinho e, quando fizeram um sinal para sua senhora de que tudo estava pronto, a feiticeira pegou-me pela mão e levou-me para comer, oferecendo um assento

muito bonito e delicadamente trabalhado. Eu, contudo, estava com a cabeça longe e tudo ao meu redor parecia negro. Quando Circe me viu triste, sentado à mesa sem estender a mão para os saborosos quitutes, voltou-se para mim e, piedosa, disse:

"Por que, Odisseu, fica aí sentado tão triste e quieto? Há pratos de todos os sabores à sua frente e nem sequer os toca? Será que ainda acredita que quero o seu mal? Não tema, pois prestei um solene juramento!"

– Eu, todavia, respondi nestes termos:

"Que homem digno pode comer e beber sabendo que seus companheiros foram transformados em porcos e estão presos num cercado? Se você quiser de coração que minha dor tenha fim, então retire o feitiço dos meus amigos para que eu, com a alma alegre, possa revê-los."

– Após tomar-me pela mão e conduzir-me para fora do palácio, Circe abriu o cercado. Então, todos os porcos saíram e, como me olhavam com tristeza, percebi que eram meus companheiros. Meu coração, nessa hora, debatia-se dentro do peito. Ela, enfim, pegou um unguento mágico e esfregou um pouco na cabeça de cada um. Em pouco tempo se tornaram homens de novo, e pareciam ainda mais belos e destemidos do que eram antes. Correram para junto de mim e apertaram minhas mãos aos soluços. Até a deusa ficou comovida, dizendo por fim:

"Vá, Odisseu, para o seu navio, e arraste-o para terra firme. Esconda tudo o que vocês têm nas cavernas e em seguida volte para minha casa com todos os seus homens."

– Eu, então, vendo que já não havia malícia alguma em seu pensamento, fui até o navio. Lá encontrei meus companheiros a chorar de tão apreensivos que estavam. E qual não foi a sua alegria quando me viram! Os bezerrinhos não se contêm quando, à noite, veem suas mães voltarem ao cercado; correm mugindo para junto delas, quase rompendo as cercas com seu ímpeto. Pois foi assim que meus amigos se lançaram em prantos na minha direção tão logo me viram! Alegria maior, só mesmo se voltassem à rochosa Ítaca! Eu, então, disse-lhes:

"Venham! Arrastemos o navio e escondamos nossas coisas.Preparem-se para, em seguida, irmos ao encontro de nossos companheiros, que estão a se banquetear no palácio de Circe!"

– Todos obedeceram, mas Euríloco, que não queria me ouvir, começou a vociferar:

“Aonde é que vocês querem ir, desgraçados? Olhem que se pusermos o pé no palácio de Circe ela nos transformará a todos em porcos, lobos e leões para que lhe guardemos a casa! Será que já não pagamos caro pela loucura de Odisseu quando lhe demos ouvidos e entramos na gruta do ciclope?”

– Ouvindo essas palavras, meu sangue subiu à cabeça. Estive a ponto de sacar da espada e estendê-lo sem vida no chão, mesmo sendo ele meu parente!(36) Felizmente os outros me detiveram com palavras pacificadoras: “Deixe-o, chefe! Diga-lhe apenas que tome conta do navio e leve-nos ao palácio de Circe”.

– Logo nos pusemos a caminho. Todos nós, pois Euríloco, assustado com minha cólera terrível, também decidiu ir conosco. Chegando ao palácio, encontramos nossos companheiros à mesa. Receberam uns aos outros chorando de alegria, e a deusa, compadecida, dirigiu-me as seguintes palavras:

“Filho de Laerte, escute-me: já chega de derramar lágrimas! Sei de todos os seus tormentos e das desgraças que se abateram sobre suas cabeças. Fiquem em meu palácio até se recuperarem, pois, com as mentes tão atormentadas e os lábios cheios de amargura, não conseguem sorrir nem por um momento! Quando quiserem partir, pretendo, além de não impedir, ajudá-los.”

– Foi agradável a meus ouvidos o modo como a deusa nos falou, e eu, pensando em meus homens, resolvi que deveríamos ficar. Todos se alegraram com a minha decisão, afinal, precisávamos demais de um pouco de sossego e descanso.

Viagem ao Hades

– Passamos muito bem no palácio de Circe. Tínhamos comida, bebida, diversão e estávamos todos satisfeitos. Passaram-se dias, meses e assim já fazia um ano inteiro que estávamos ali. Até que alguém me fez lembrar da doce pátria; foi o que bastou. Imediatamente o desejo de rever meus parente se minha casa se inflou dentro de mim. Quando, à noite, foram todos dormir, caí aos pés da deusa, agarrei-lhe os joelhos e, com palavras inflamadas, disse-lhe:

“Oh, Circe, chegou a hora de cumprir aquilo que me havia prometido! Mande-me de volta à minha terra, que tanto anseio rever! Meus

companheiros choram e meu coração se despedaça ao vê-los assim...” “Já que quer ir embora, não o prenderei aqui, Odisseu, mas está escrito que você há de fazer a mais dura das viagens. Deve ir ao Hades(37) consultar o adivinho Tirésias(38) sobre o seu retorno.”

– Fiquei totalmente paralisado ao ouvir aquelas palavras, mas por fim acabei recobrando as forças e disse:

“Mas como irei eu vivo para o Hades? Quem me servirá de guia? Será que alguém já chegou até lá de navio?”

“Tudo pode acontecer se for de acordo com a vontade dos deuses”, ela respondeu. “Entrem no navio e tratem de zarpar. O próprio Bóreas os conduzirá até o final do oceano. Lá você verá uma praia com um bosque de álamos e salgueiros. É o bosque de Perséfone(39), rainha do Hades. Ali deve ancorar então o navio e seguir em frente até chegar onde as águas do Aqueronte se misturam com as do Estige.(40) Abra nesse lugar uma cova de uma braça de largura e nela despeje libações de mel, leite, vinho e água. Depois, polvilhe tudo com farinha e sacrifique um cordeiro negro e uma ovelha a Tirésias, cuidando para que o sangue das vítimas escorra para dentro da cova. Então, verá surgirem inúmeras sombras dos mortos querendo beber do sangue. Porém, não deixe que elas se aproximem antes de falar com o espectro do adivinho Tirésias!”

– Então, com o coração apertado, fui falar aos meus companheiros. Eles ficaram apavorados, dominados pelo desespero, mas o que mais poderiam fazer se não havia outra escolha?

– Todavia, enquanto nos reuníamos para partir, um de nós, Elpénor, que tinha ido dormir no terraço do palácio, acordou por causa do barulho que fazíamos. Como ainda estava atordoado, caiu do alto do terraço e morreu. Assim, até na ilha de Circe acabamos por perder um amigo; devíamos ir embora. Circe nos trouxe um carneiro negro e uma ovelha para o sacrifício. Pegamos os animais e zarpamos. Conforme Circe nos dissera, foi o vento que conduziu nossa embarcação. Depois de muito navegar, chegamos aos limites do oceano, país dos cimérios, lugar sempre envolto em nevoeiros e nuvens negras. Ao ancorarmos, pegamos os carneiros e nos dirigimos para o lugar de que Circe havia falado. Abri com a espada uma grande cova e, em seguida, libei, espargindo mel, leite, vinho e água e jogando farinha por cima. Por fim, sacrifiquei os dois carneiros, cujo sangue escorreu para o buraco. Logo em seguida começaram a se juntar os espectros dos mortos,

que se acotovelavam uns aos outros querendo beber do sangue do sacrifício. Afinal, só assim poderiam tomar alguma força, lembrar-se de quem haviam sido e entender o que acontecera. Puxei a espada e não deixei que se aproximassem, porque devia ver primeiro a alma de Tirésias. Contudo, a primeira sombra que veio foi a de Elpénor, pois havíamos deixado seu corpo insepulto em Eeia. Pediu-me, então, que eu cuidasse de enterrá-lo, para que sua alma pudesse ter descanso. Vendo-o, meu coração se fez em pedaços e eu lhe prometi que faria o que me pediu. Em seguida, veio o espectro de minha mãe, Anticleia, que eu havia deixado ainda com vida em Ítaca! Meus olhos se encheram de lágrimas e era com o coração oprimido que eu a via agora entre os mortos... Mas eu não devia deixar que se aproximasse para beber o sangue e me reconhecer! Não antes de ver a alma do adivinho Tirésias, que mesmo no Hades tinha ainda o dom de se lembrar, pensar e profetizar como quando andava sobre a terra. Então, finalmente ele apareceu. Segurando um cetro todo de ouro, veio para perto de mim e disse:

"Filho de Laerte, o que vem buscar no desolado país de Hades? Bem, mas primeiro afaste-se da cova para que eu beba um pouco de sangue e possa lhe dizer o que precisa saber!"



– Pus-me de lado e ele se curvou e bebeu, dizendo-me em seguida:

"Ainda há muitos tormentos e amarguras reservados para você! O deus Possêidon está furioso por você ter cegado o filho dele, Polifemo. Todavia, contanto que os bois de Hélios, que pastam na ilha Trinácia, não sejam perturbados, você voltará para a pátria com seus homens. Porém, se um só deles for devorado, tanto o navio como seus companheiros serão perdidos para sempre! E você, caso se salve, só chegará à terra natal depois de passar por muitas aventuras e perigos, sozinho e em um navio estrangeiro. Além disso: mesmo já em sua própria casa, deverá travar uma luta dura e sangrenta, pois lá encontrará homens perversos e descarados, vivendo às custas de sua fortuna e planejando casar-se com Penélope. Todos, porém, devem receber o castigo que merecem de sua mão, filho de Laerte!"

– Muitas outras coisas me falou o grande adivinho, e disse-me ainda que, depois de tudo isso, eu andaria por terras distantes e diversas antes de, finalmente, encontrar a paz em minha terra.

– Quando Tirésias acabou de falar, minha mãe se aproximou. Bebendo o sangue, lembrou-se do passado e começou a narrar-me tudo o que acontecera em Ítaca. Então, contou-me algo que me fez sentir uma dor dilacerante e inimaginável: ela morrera por saudades de mim! Três vezes tentei abraçá-la e três vezes ela sumiu de meus braços, como uma sombra ou um sonho...

– Vieram depois outras sombras de mortos que eu havia conhecido. Falei com Agamêmnon, que, cheio de dor, contou-me que, mal havia voltado para casa, fora morto por sua esposa adúltera, Clitemnestra, e por Egisto. Eu o escutava e meu coração se debatia dentro do peito. Então, Aquiles se aproximou:

"Filho de Laerte, qual a proeza que ainda lhe falta conseguir, se até já pôde descer ao Hades com vida!"

"Não vim para realizar nenhum feito grandioso, Aquiles, mas para ouvir um oráculo do adivinho Tirésias, pois há anos estou a vagar pelos altos mares e nem sei se conseguirei voltar para casa. Não há sobre a terra homem mais afortunado que você! Afinal, todos o honraram enquanto viveu e ainda goza de grande poder no reino dos mortos!"

"Ai, Odisseu!", ele me respondeu em tom de lamento. "Não tente me consolar! Preferiria mil vezes ver a luz do Sol, mesmo que vivesse como um simples empregado de um aldeão sem muitas posses! Mil vezes isso a ser rei no Hades! Diga-me, agora, porém, o que sabe de meu filho, Neoptólemo! Fale-me também de meu pai; quero saber se ainda é rei em Ftia,(41) pois temo que, agora que está velho, seja desprezado por homens sem valor. Ai, se eu pudesse ir por um momento à casa paterna! Então, todos aqueles que tiranizam meu velho pai e lhe trazem amarguras mudariam de cor diante da minha ira!"

– Eu, porém, nada sabia do velho Peleu, mas lhe falei dos grandes feitos de Neoptólemo em Troia. Aquiles encheu-se de alegria.

– Depois vieram falar comigo Pátroclo, Antíloco e muitos outros. Somente Ájax, filho de Télamon, permanecia à parte. Ainda estava ressentido por ter sido eu quem pegara os espólios de Aquiles. Antes eu nunca os tivesse ganho, pois foi por causa deles que a terra engoliu o herói. No entanto, eu me aproximei de Ájax e pedi-lhe que nos reconciliássemos. Afinal, o único

culpado era Zeus, que perseguira o exército dos gregos. O herói, porém, foi embora sem me dar resposta.

– Ainda vi muitos outros no Hades, mas me apressei em ir embora quando ouvi um grande urro. Temi que me aparecesse a cabeça da Medusa, terrível Górgona.(42) Assim, disse a meus companheiros que voltássemos para o navio, o que prontamente fizemos. Embarcamos, içamos as velas e nos pusemos de volta a caminho da ilha de Circe. Lá chegando, fomos imediatamente cuidar do sepultamento do corpo de Elpénor. Juntamos lenha e o pusemos sobre a pira, junto com suas armas. Vendo o cadáver a queimar, derramávamos amargas lágrimas. Enfim, erguemos sobre suas cinzas um alto túmulo, fincando no topo o bem talhado remo de Elpénor. Ao terminarmos o ritual fúnebre, Circe veio ao nosso encontro. As criadas haviam trazido comida e aprontado a mesa:

"Hoje é dia de comer e descansar!", disse a honorável deusa. "Amanhã devem partir novamente e eu lhes direi o cuidado que devem tomar e como se proteger dos perigos que encontrarão pelo caminho."

– Ao cair da noite, tendo comido e bebido à vontade, meus homens foram dormir. Circe, então, chamou-me de lado para me falar:

"Você ainda passará por muitos tormentos, Odisseu, antes de chegar em casa. Terríveis obstáculos há de encontrar em seu caminho!"

– Ela, então, se pôs a enumerar um por um os perigos que eu enfrentaria e me aconselhou sobre o que fazer em cada ocasião. Primeiro falou-me das terríveis sereias,(43) que com seu canto enfeitiçam todo aquele que se aproxima de sua ilha. Também falou das imensas rochas errantes,(44) que barram a passagem para o mar. Falou de Cila e Caribdes, as terríveis feras que ficam à espreita, a fim de trazer a ruína a quem tenta passar por entre elas. Por fim, assim como Tirésias, disse que tratássemos de não comer os bois de Hélios, porque do contrário não poderíamos ter esperança de voltar à amada pátria.

– A deusa falou por horas intermináveis e não percebi a noite passar. Ao surgir a Aurora de dedos róseos, Circe vestiu-me com uma túnica e um manto. Ela usava um longo vestido branco, um belo lenço e um magnífico cinto todo de ouro.



O encontro com as sereias

– Chegou a hora de partirmos. A venerável deusa nos acompanhou até o navio. Chegando lá, eu disse aos homens que subissem ao convés e desatassem as cordas. Subi também; então, todos tomaram seus lugares junto aos remos, e depressa tiramos o navio do porto. Logo içamos as velas e uma doce brisa as inflou. Nossa nave deslizou livremente sobre as ondas. Então, com dor no coração, disse aos meus companheiros:

"Escutem o que fiquei sabendo da boca de Circe, mais sábia que os deuses supremos! Passaremos agora pela ilha das sereias, mulheres-pássaros que enfeitiçam com seu doce canto aqueles que se aproximam de sua ilha. Quem escuta sua voz não mais revê a terna esposa, os filhos e a casa; em vez disso, deixa seus ossos na ilha, ao lado de todos os que encontraram a perdição, enfeitiçados pelo canto das sereias. Por isso, todos vocês devem vedar os ouvidos com cera. Apenas eu, conforme disse Circe, poderei ouvir a canção, se esse for o meu desejo. Para isso, é preciso que vocês me amarrem fortemente ao mastro, de modo que eu não possa sequer me mover. Ainda

que eu chore e lhes implore que me desamarrem, vocês não devem me atender, mas apertar os nós ainda mais!”

– Enquanto eu assim lhes explicava o que encontraríamos pela frente e o que deveríamos fazer para nos salvar, avistamos de longe a ilha das sereias. Então, o vento cessou e meus companheiros recolheram as velas e tomaram os remos. Eu peguei um pouco de cera, cortei em pequenos pedaços e fui amassando ao sol até que ficassem macios. Em seguida, selei os ouvidos dos meus homens. Feito isso, eles me amarraram de pé ao mastro, atando mãos e pés e apertando muito bem as cordas. Por fim, sentaram-se de novo aos remos. O mar espumava conforme nosso navio singrava as águas e se aproximava da ilha. Quando chegamos perto, as sereias nos viram e imediatamente puseram-se a cantar com voz doce:

“Venha, honorável Odisseu! Venha, orgulho dos aqueus! Venha aportar aqui o seu navio e escutar nossas canções fascinantes. Ninguém por aqui já passou sem vir nos ouvir de perto, para depois continuar a viagem com uma dupla satisfação... pois muito se pode aprender conosco! Sabemos tudo quanto vocês sofreram até conquistar Troia cercada de torres. Sabemos tudo o que acontece sobre a Terra e tudo o que ainda acontecerá.”

– Disseram isso a cantar, com sua magnífica voz, e eu, que por demais ansiava ir para junto delas e escutar mais, acenei a meus homens para que me soltassem, mas eles vergaram o corpo sobre os remos para remar mais rápido. Rapidamente, levantaram-se Perimedes e Euríloco e vieram amarrar-me ainda mais forte, por mais que eu chorasse. Quando já havíamos ultrapassado a ilha e a voz das sereias não mais chegava até nós, meus bons amigos destaparam os ouvidos e me livraram das cordas.

Entre Cila e Caribdes

– Mal nos tínhamos salvado das sereias, vieram-me à cabeça os obstáculos ainda bem piores que enfrentaríamos mais à frente, segundo o que Circe me dissera:

“Ao deixar a ilha das sereias, dois caminhos surgirão diante dos seus olhos. Ambos são terríveis e você deverá decidir sozinho qual é preferível: num deles você verá duas enormes pedras móveis que se abrem e fecham. Os deuses as chamam de rochas errantes, entre as quais nem os pássaros conseguem atravessar ilesos. Apenas os pombos de Zeus passam por lá

quando vão levar ambrosia para os imortais. Mesmo assim, as pedras sempre acabam pegando um deles, e então Zeus põe no lugar um outro pombo, para que o número de aves seja eternamente o mesmo. Se algum navio decide atravessá-las, logo o mar se enche de cadáveres e estilhaços, batidos pelas ondas selvagens, pelos raios e tempestades. Na outra passagem, você verá dois rochedos. Um deles sobe até o céu e seu cume pontiagudo está sempre encoberto por uma nuvem negra que nunca se dissipa, seja inverno ou verão. Homem nenhum poderia jamais subir até lá, mesmo que tivesse vinte pés e vinte braços, pois é um rochedo escarpado e escorregadio. No meio da pedra há uma caverna. Se o mais robusto dos arqueiros atirasse, de seu navio, uma flecha em direção a essa caverna, jamais alcançaria o alvo. Dentro da gruta vive Cila, fera abominável que late de maneira terrível! Quem a encontra, seja homem ou deus, não se alegra nem um pouco em vê-la... Tem doze pés e seis longos pescoços, cada um encimado por uma cabeça horrorosa, com três fileiras de dentes muito espessos, afiados e mortais. Vive metida em sua caverna, botando para fora os pescoços compridos e virando as cabeças para um lado e para outro. Assim procuram nas ondas algo para apanhar, como golfinhos, cações e qualquer outra presa dessas que são abundantes no mar. Nenhum marujo até hoje se vangloriou de ter passado por lá incólume, porque cada cabeça do monstro apanha um homem que estiver no convés. O outro rochedo é mais baixo e tão próximo ao de Cila quanto a distância de uma flechada. Na sua extremidade, há uma grande figueira brava de folhagem densa. À sua sombra, fica Caribdes, outra fera, mais terrível que a primeira. Ela sorve o mar três vezes por dia e o vomita com força aterradora. Pobre de quem se encontra por perto na hora em que Caribdes suga as ondas, porque então nem o abalador da Terra é capaz de salvá-lo! Bem, na minha opinião, seria preferível tentar passar o terrível estreito pelo lado do rochedo de Cila, mesmo que isso lhe custe seis de seus marujos. É melhor do que morrerem todos vocês!”

– Foi isso o que Circe me disse, e eu lhe perguntei se poderia, caso conseguisse escapar de Caribdes, lançar-me sobre Cila e impedir que ela apanhasse meus companheiros, ao que ela dirigiu-me as seguintes palavras:

“Pobre Odisseu! Novamente o seu coração busca guerras e batalhas... Mas será que você já não teme nem aos deuses imortais? Sim, porque Cila não é nenhuma criatura mortal, mas uma fera imperecível, selvagem, horrenda e

invencível. Valentia diante de tal criatura é inútil! Trate de passar o mais depressa que puder, pois, se resolver parar para enfrentá-la, temo que ainda vá perder outros tantos homens! Apenas ofereça uma prece à mãe de Cila, Crateida, que a gerou para trazer desgraças ao mundo, e ela, então, não permitirá que a filha repita o mal que fez."

– Eu ia me lembrando de tudo isso quando, subitamente, vimos uma enorme onda, cuja espuma atingia o céu, e ouvimos um estrondo. Todos os marujos ficaram assustados e os remos lhes escaparam das mãos. Nosso navio parou e eu corri para dar coragem a cada um deles:

"Meus irmãos, não somos inexperientes em matéria de perigo. Isso que vemos não é pior do que o que passamos na gruta do ciclope! Creio que sempre lembrarão quem foi que teve cérebro e coragem para nos tirar de lá." Portanto, meus amigos, reúnam todas as forças e peguem nos remos de novo. Você, timoneiro, conduza-nos a uma boa distância do nevoeiro, cuidando para que o navio não lhe escape para o outro lado e isso venha a trazer nossa ruína!"

– Assim lhes falei, mas resolvi nada mencionar sobre Cila, o monstro invencível, para que eles não deixassem os remos e fossem se enfiar no porão, com medo. Eu, desprezando o conselho de Circe sobre não combater a fera, tomei duas lanças pontudas e corri à proa. Esperava que de lá pudesse ver Cila, mas, por mais que procurasse, não conseguia enxergá-la. Meus olhos até começaram a doer de tanto vasculhar a escuridão da gruta.



– Assim passávamos, ansiosos e com medo, tendo junto de nós o rochedo de Cila, enquanto, do outro lado, Caribdes sorvia o mar com furor, formando um redemoinho ruidoso que deixava aparecer o fundo e a negra areia. Em seguida, vomitava o mar, que marulhava como se a água fervesse em uma caldeira sobre um denso fogo. O pavor tomou conta de meus companheiros, já amarelos e trêmulos, à espera do nosso fim. Enquanto, apavorados, olhávamos Caribdes, Cila esticou os seus seis pescoços sobre o nosso navio, arrebatando na hora seis homens, justamente os de braços mais fortes, os mais destemidos na luta! Eu, ao erguer a cabeça, podia vê-los lá no alto a sacudir os braços e pernas, gritando meu nome pela última vez... Enquanto nós, os restantes, escapávamos, a fera os lançava para as rochas da caverna e começava a devorá-los! Os infelizes berravam e estendiam as mãos em desespero. Meus olhos jamais tinham visto um espetáculo tão horrendo,

mesmo em todas as provações por que passei nos mares e nas guerras...

Os bois de Hélios

– Depois de passarmos pela odiosa Caribdes e pela horrível Cila, chegamos à Trinácia. Era a fresca e luminosa ilha de Hélios. De longe podíamos escutar o balir das ovelhas e o mugir dos bois, pois era a hora em que os animais voltavam para os cercados. Vieram-me então à cabeça as palavras do adivinho Tirésias e tudo o mais de que Circe me advertira. Disse eu, então, aos outros homens:

"Vocês devem se lembrar, meus amigos, do que disse o adivinho cego quando fomos com nossa nau até o escuro Hades. Eu lhes direi agora tudo o que fiquei sabendo pela boca de Circe: nesta ilha, Faetusa e Lampetia, as duas filhas de Hélios, levam para pastar os bois e os carneiros de seu pai. São sete as manadas de bois e sete as de carneiros. Cada rebanho tem cinquenta animais. O seu número não muda, porque não procriam e nem morrem. Se não tocarmos nos animais, é certo que voltaremos para casa, haja os tormentos e dificuldades que houver! Se, contudo, comermos um deles sequer, encontraremos todos a perdição, perecendo no mar espumante. Por isso, o mais acertado a fazer é nem mesmo pôr os pés na ilha do deus Sol!"

– Ouvindo minhas palavras, os homens pareciam estar de coração partido. Então, Euríloco tomou a palavra:

"Odisseu, que coração duro e teimoso! Nem se importa com a exaustão que se apoderou de nossos braços e pernas! Você deve ter uma pedra aí dentro do peito, pois não nos deixa nem mesmo ir à terra firme comer um pouco de pão e estender o corpo sobre a areia para que nos livremos do sono e do cansaço! Agora quer que naveguemos em mar aberto à noite, quando bem sabe que as tempestades são piores? Diga-me, então, o que faremos se, de repente, o tempo virar e algum mau vento do Norte ou do Sul afundar nosso navio. Ora, respeitemos a noite e, pela manhã, sairemos de novo para o largo mar!"

– Todos concordaram com ele, discordando, pois, de mim. Foi aí que então percebi que não escaparíamos da desgraça:

"Euríloco, sou forçado a ouvi-los por ser apenas um contra todos vocês! Todavia, quero que jurem solenemente que não tocarão em um animal sequer

e que só comeremos das provisões que Circe nos deu!”

– Todos aceitaram e, depois de fazermos o juramento, ancoramos em um porto onde jorrava uma fresca nascente. Desembarcamos e fomos nos sentar para comer. Depois lembramos nossos companheiros levados por Cila e lamentamos por bastante tempo. Estávamos, contudo, tão cansados que acabamos por cair no sono. Pouco antes de amanhecer, fomos acordadospor uma terrível tempestade. Todo o céu se cobriu de nuvens e o mar se agitou de repente. Nós então arrastamos o navio para terra firme e, para protegê-lo da fúria do vento, o pusemos em uma caverna. Tudo posto em ordem, disse eu aos meus homens:

“Ouçam, rapazes, temos comida suficiente no navio: pão, vinho, nada nos falta. Portanto, que ninguém pense em pôr a mão nos bois de Hélios, pois ele é um deus que tudo vê e tudo escuta lá de cima!”

– Isso lhes disse e todos estavam de acordo, mas passou-se um mês e o vento rugia incessantemente, sem que pudéssemos sequer pôr o nariz para fora da caverna. Nos arranjamos enquanto tínhamos pão e vinho, mas, quando se esgotaram as reservas, meus companheiros se encarregaram de desafiar a tempestade e ir procurar peixes e aves para comermos... Mas o que encontraram foi tão pouco! Eu, então, me recolhi num canto, sozinho, longe de meus homens, para pedir aos deuses que nos deixassem livre o caminho de volta. Lavei as mãos, fiz a prece e, ao terminar, fui sentar-me à sombra de um carvalho. Então, os deuses derramaram doce sono em meus olhos. Enquanto, porém, eu dormia longe de todos, Euríloco viu a oportunidade de dar aos outros o pior dos conselhos:

“Meus amigos, tiranizados pelo filho de Laerte: toda morte é amarga, mas não há nada pior do que definhar de fome. Por isso, sugiro que peguemos os melhores bois para o nosso repasto, sacrificando-os em nome dos deuses. Se tudo correr bem, quando voltarmos para Ítaca ergueremos um templo reluzente em honra de Hélios e lhe dedicaremos ricas e abundantes oferendas. Ainda que o deus se zangue e queira destruir nossa embarcação, prefiro perecer de uma vez por todas engolindo água salgada a definhar de fome dia após dia no fim do mundo!”

– Como todos estavam de acordo, escolheram as melhores reses e, desfolhando galhos de carvalho, uma vez que não tinham cevada, disseram as orações aos deuses. Em seguida, mataram os animais, esfolaram, cortaram os pernis e os envolveram com gordura. Depois, colocaram no fogo e

aspergiram com água, pois não havia mais vinho. Ao assar, cortaram as outras carnes e colocaram nos espetos.

– Àquela hora, acordei e fui para o navio. Ao me aproximar, a fumaça envolveu-me e senti o cheiro da carne e da gordura que estavam a assar. Então, suspirei profundamente e dirigi aos imortais uma prece, queixando-me:

"Por que, Zeus, pai dos deuses e dos homens? Por que, pergunto também a vocês todos, bem-aventurados imortais? Por que me lançaram o sono sobre os olhos, deixando os meus homens cometerem algo tão medonho?"

– Nesse meio tempo, porém, Hélios tomou conhecimento do que acontecera por meio de Lampetia. Furioso, bradou aos quatro cantos:

"Grande Zeus e todos os outros deuses que habitam o Olimpo! Façam com que os ímpios que mataram minhas reses, que eu tanto me alegrava em ver, paguem bem caro pelo que fizeram! Se, contudo, não forem castigados como bem merecem, hei de me enfiar no Hades, para conceder luz ao reino dos mortos!"

– Foi o próprio Zeus quem respondeu ao deus Sol:

"Hélios, continue a iluminar, como sempre, os deuses e os mortais! Eu lhe prometo que, com um raio, farei em pedaços o navio desses infelizes, quando estiverem em pleno alto-mar!"

– Sei que foi isso que o pai dos deuses e dos homens disse, mas vocês, nobres feácios, decerto perguntarão como tenho conhecimento do que disseram os deuses. Bem, foi Calipso que me contou. Ela também é uma deusa e os imortais conversam entre si.

– Quando cheguei até meus homens, pus-me a gritar e a ralhar com eles, mas de que adiantava? O mal estava feito...

– Por seis dias os desgraçados devoraram os bezerros mais seletos de Hélios, ainda que os deuses lhes enviassem terríveis sinais. As peles esfoladas se arrastavam pelo chão, as carnes mugiam nos espetos e nós escutávamos o bramido de bois. No sétimo dia, o vento parou de soprar e nós, então, embarcamos e saímos ao mar. Quando já estávamos bem longe, num lugar de onde não se podia ver a terra firme em parte alguma, somente o céu e o imenso mar, uma nuvem negra estendeu-se sobre nossas cabeças, escurecendo toda a água abaixo dela. Então, nossa viagem não duraria muito mais tempo. Zéfiro veio zumbindo furiosamente e nos rompeu as cordas que sustentavam o mastro, que tombou, atingindo o timoneiro na cabeça. O pobre

infeliz, com a cabeça destroçada, caiu no mar e, como se tivesse mergulhado, afundou nas ondas enquanto sua alma voava para longe do corpo. De súbito, Zeus fez o céu trovejar e relampejar e, com um raio, atingiu nosso navio, enchendo-o de enxofre. Meus companheiros caíram no mar e, como gralhas, oscilavam sem esperança de se salvar. De fato, nenhum se salvou... Eu, contudo, segurava-me ainda ao navio, mas as ondas furiosas logo despregaram as tábuas. O mastro caído se rompeu por completo e nosso navio não mais existia... Eu, então, me agarrei ao mastro que flutuava à deriva e uma onda lançou-me sobre o leme, o qual também tratei de me agarrar e, em seguida, com uma corda do mastro, amarrei os dois pedaços de madeira e me sentei sobre eles. Enquanto isso, o vento e as ondas me batiam furiosamente.

– Então, Zéfiro parou de soprar e chegou a vez de Noto me arremessar para um mal ainda pior. O vento reuniu todas as forças para me mandar de novo em direção a Cila e Caribdes. Por toda a noite empurrou-me para lá e, ao sair o Sol, eu já estava no terrível estreito, ao lado da rocha de Caribdes, que, àquela hora, sorvia com furor a água do mar.

– Então, com todo o vigor que ainda me restava, saltei e fui me agarrar a um ramo de figueira brava. A fera sugou o mar e, com ele, o mastro e a quilha. Pendurado ali, eu esperava que ela os expelisse novamente. Já era quase meio-dia quando Caribdes começou a vomitar o mar. Consegui, então, avistar as madeiras do navio. Então, larguei o ramo, vindo cair no meio das ondas. Nadei depressa e subi nos restos da embarcação, fazendo de remos os meus próprios braços. Assim, fugi o mais rápido que pude do maldito estreito. Quanto à terrível Cila, Zeus não deixou que ela me visse, pois se isso acontecesse não haveria mais salvação para mim.

– Durante nove dias vaguei sem rumo pelas ondas e, no décimo, cheguei à ilha de Calipso, a bela e inflexível deusa que me acolheu. Bem, mas já não há o que falar sobre isso. Ontem à noite contei essa história em seu palácio e, aliás, não me agrada dizer a mesma coisa duas vezes...

16 Ogígia: a ilha de Calipso localiza-se, segundo as descrições, muito longe na direção do ocidente, além de Esquéria, a terra dos feácios.

17 Hermes era representado calçando sandálias aladas, com a cabeça coberta por um chapéu de abas largas (o pétaso), segurando o caduceu, o símbolo de suas funções de mensageiro divino. Talvez justamente por causa dessa função é que se lhe atribuía asas nos pés, tal como outra divindade mensageira dos deuses, Íris, pois ambos deviam cruzar rapidamente imensas regiões do espaço para

levar os recados dos deuses.

18 Ambrosia e néctar: a ambrosia era o alimento habitual dos deuses que possuía a capacidade de torná-los invulneráveis; já o néctar era a bebida dos deuses e tinha a propriedade de avivar todos os sentidos e propiciar a imortalidade. Ambos podiam conferir a juventude eterna ao mortal que os ingerisse.

19 Órion: gigante filho de Hirieu, de Possêidon e Euríale, ou da Terra, segundo diferentes tradições. Amado por Aurora, Órion foi raptado pela deusa e transportado para Delos. Foi morto por Ártemis por tê-la desafiado num concurso de disco, ou por ter seduzido uma ninfa do seu séquito, ou ainda, numa outra versão, por ter pretendido violentar a própria deusa. Para castigá-lo, ela enviara um escorpião, que, mordendo-lhe o calcanhar, causara-lhe a morte. O animal e Órion foram transportados para o céu, sob a forma de constelações.

20 Iásion, filho de Zeus e Electra, vivia com o irmão, Dárdano, na Samotrácia, apesar de que, em certas lendas, se diga que é de origem cretense. Um aspecto comum a todas as tradições é o amor de Iásion por Deméter. Por vezes, porém, esse amor não é correspondido e Iásion tenta violentar a deusa (ou então um simulacro), o que imediatamente atrai sobre ele a cólera de Zeus, que o fulmina.

21 Estige e Aqueronte: o Estige é o rio de águas lodosas e frias que percorria a região infernal. Em Homero, o Estige é o rio do mundo subterrâneo, e a forma de juramento nos poemas homéricos é feita ora associando os pares Terra e Céu, ora Terra e Mar com esse rio do mundo subterrâneo. Originariamente era uma ninfa, filha de Oceano e Tétis. Por ter sido a primeira divindade a responder ao apelo de Zeus na luta contra os titãs, Estige recebeu o privilégio de ser “o juramento dos deuses”. Assimilada a um afluente subterrâneo, ela foi sempre o “terrível rio do juramento”, cuja água os próprios deuses receavam verter para evitarem cometer um perjúrio. É na Odisseia que temos a mais antiga descrição grega do mundo subterrâneo (o Hades), mencionando o rio Aqueronte, ao lado do Piriflegetonte e do Cocito. O Aqueronte é o rio que as almas devem atravessar para chegar ao reino dos mortos.

22 Plêiades, Boieiro, Ursa: as Plêiades são sete irmãs que, perseguidas pelo gigante Órion, imploraram a ajuda de Zeus, que as transformou em pombas, e que depois foram divinizadas e convertidas nas sete estrelas da constelação homônima. Eram filhas do gigante Atlas e de Plêione. Quanto ao Boieiro e à Ursa, a origem de ambos está ligada ao mito de Calisto e Árcade. Árcade é o filho de Zeus e da ninfa Calisto, que fazia parte do séquito de Ártemis. Quando Calisto, amada por Zeus, morreu, ou, segundo a versão mais difundida, foi transformada em ursa, Zeus confiou o filho dela a Maia, a mãe de Hermes, que o criou. Quando Árcade tornou-se adulto, encontrou, numa de suas caçadas, a sua mãe metamorfoseada em ursa e perseguiu-a. O animal refugiou-se no templo de Zeus Lício. Árcade, no seu encalço, penetrou no recinto sagrado. Ora, uma lei do país punia com a morte todo aquele que penetrasse desse modo no templo. Mas Zeus compadeceu-se deles e, para evitar que os matassem, transformou-os em constelações: a Ursa e o seu Guardião (Arcturos, literalmente, em grego, “o guardião de árktos”, a Ursa).

23 Bóreas, Noto, Euro e Zéfiro: Bóreas é o deus do vento Norte, filho de Eos (a Aurora) e de Astreu, este filho de Crios e de Euríbia. É irmão de Euro, Zéfiro e Noto. Pertence, portanto, à raça dos titãs, seres que personificavam as forças elementares da natureza. Habita na Trácia, que é, para a Grécia, a região fria por excelência. Euro é o vento Sudoeste, e Zéfiro, o vento Oeste, impetuoso e funesto, que provoca tempestades e borrascas. Noto é o deus do vento Sul, quente e carregado de umidade. Tanto ele quanto Euro não intervêm como personagens em nenhum mito, ao contrário de seus irmãos, Bóreas e Zéfiro.

24 Para os gregos morrer insepulto constituía uma das coisas mais abomináveis, pois se acreditava que a alma do morto jamais teria descanso definitivo. A esse respeito, veja, mais adiante, a aparição da sombra de Elpénor a Odisseu pedindo-lhe que cumprisse os ritos de sepultamento de seu cadáver abandonado.

25 Zeus Xênios: Xênios é um dos epítetos de Zeus, protetor dos estrangeiros. Ele exige que o visitante seja recebido com cortesia, pois este pode ser um enviado dos deuses ou mesmo um deus disfarçado. O respeito a Zeus Xênios determina, portanto, a hospitalidade.

26 Ciclopes: os mitógrafos antigos distinguiam três espécies de ciclopes: os urânicos, filhos de Urano e Gaia (Céu e Terra), os sicilianos, companheiros de Polifemo, que intervêm na Odisseia, e os construtores. Alcínoo refere-se, portanto, aos ciclopes urânicos, que pertencem à primeira geração divina, a dos gigantes.

27 Aedos: poetas-cantores que compunham seus poemas a partir de um rico repertório de lendas de seu povo e os cantavam com o acompanhamento de um instrumento musical (lira ou cítara). A arte do aedo (poeta-cantor) é um dom concedido por Apolo, deus da música e da poesia, ou pelas Musas, que não são apenas cantoras divinas, mas também presidem ao pensamento em todas as suas formas. Diz Hesíodo que basta que um cantor, isto é, um servo das Musas, celebre os feitos dos homens do passado ou os deuses, para que quem tem preocupações ou desgostos os esqueça imediatamente.

28 É fato conhecido que os atletas da Grécia antiga participavam das competições completamente nus (sobretudo na corrida, no salto, no lançamento de disco e de dardo e nas lutas). No entanto, nem sempre foi assim. Diz a tradição que, em uma corrida em que todos os participantes trajavam uma longa túnica, Orsipo de Mégara, o último colocado, teve a ideia de tirar sua roupa e correr nu, pois teria percebido que a roupa atrapalhava a plenitude de seus movimentos. A estratégia deu certo e Orsipo venceu a décima quinta Olimpíada (por volta de 720 a.C.). A partir de então, o costume teria se difundido, sendo posteriormente adotado pelos atletas de outras modalidades esportivas. Tucídides, o grande historiador ateniense, menciona que os espartanos foram os primeiros a introduzir duas inovações nos jogos que se tornaram a marca registrada das competições atléticas gregas: a nudez total do atletas nos jogos e o hábito de untarem seus corpos com óleo.

29 A aventura de Ares com Afrodite é contada originalmente na Odisseia, mas foi narrada por Menelaos Stephanides no volume *Os Deuses do Olimpo*, desta mesma coleção.

30 Talento: como medida de dinheiro, o talento era dividido em 60 minas ou seis mil dracmas. Como medida de peso, equivalia a 38,7 Kg.

31 Cidade de Príamo: isto é, Troia, também chamada de Ílion (v. nota 2). Príamo foi seu último rei.

32 Cabo de Maleia: promontório situado na extremidade do sudeste da Grécia, a leste do atual Cabo Matapan.

33 Os lotófagos (em grego, comedores de lótus), são um povo a cuja terra Odisseu aportou, depois de ter sido desviado da sua rota por um violento vento Norte, que o levou até ao sul da ilha de Chipre. Depois de acolherem hospitaleiramente o herói, deram-lhe para comer um fruto que eles próprios consumiam, o lótus, que fazia perder a memória.

34 Hélios, o Sol, é uma divindade dotada de existência e personalidade próprias, que se distingue de outras divindades solares como Apolo. Pertence à geração dos titãs e, por isso, é anterior aos Olímpios. Passa por ser filho do titã Hipérion e da titânide Teia. É irmão da Aurora (Eos) e da Lua (Selene). Desposou Perseide, uma das filhas de Oceano e Tétis, e teve vários filhos: Circe, a feiticeira, Eetes, rei

da Cólquida, Pasífae, mulher de Minos, e Perses. Desde a época homérica, Hélios aparece como o servo dos deuses, exclusivamente devotado ao seu serviço de iluminar o mundo. Assim, não pôde vingar-se ele mesmo do ultraje que lhe fizeram os companheiros de Odisseu (ver adiante), que mataram e comeram parte dos seus rebanhos na ilha de Trinácria (Sicília). Pediu reparação a Zeus e aos outros deuses, ameaçando retirar-se para debaixo da terra se lhe fosse recusado o castigo dos culpados. Esses bois do Sol, que os companheiros de Odisseu comeram, eram animais de uma brancura imaculada e cornos dourados, que as filhas dos Sol, as helíades, tratavam.

35 Conjectura-se que essa planta seria a mandrágora.

36 Eurílоco é cunhado de Odisseu, já que desposou Ctimene, a irmã do herói.

37 Hades: em grego, o "Invisível". Geralmente, não era nomeado, pois temia-se que, invocando-o, se provocasse a sua cólera. Por isso, era designado através de eufemismos. O mais usual era o epíteto de Plutão, o "Rico" (em alusão à riqueza inesgotável da terra). Deus grego do mundo dos mortos e filho de Cronos e Reia, Hades é, juntamente com Zeus e Possêidon, um dos três senhores que dividiram entre si o poder sobre o universo, depois de vencerem os titãs. Enquanto Zeus obteve o céu e Possêidon o mar, Hades recebeu o mundo subterrâneo. Era uma divindade sinistra e terrível, mas justa (não o inimigo do gênero humano, pois os gregos não tinham Satã). O nome do deus Hades aplicava-se também a seu reino, o mundo subterrâneo, cuja localização variava à proporção que mudavam as noções geográficas. Na Ilíada, o Hades ficava no extremo ocidental do mundo, além do rio Oceano, que, segundo a concepção da época, circundava o mundo. Mais tarde, ele foi posto nas profundezas da terra, aonde se chegava através de abismos naturais.

38 Tirésias era um tebano, filho de Éveres e da ninfa Cariclo, que se transformou durante algum tempo em mulher por ter matado a fêmea de um casal de serpentes. Zeus e Hera, discutindo sobre a questão de saber se é o homem ou a mulher que sente maior prazer no amor, pediram a Tirésias para decidir, e quando este apoiou a opinião de Zeus (de que são as mulheres que sentem maior prazer), Hera puniu-o com a cegueira; como compensação, Zeus concedeu-lhe vida longa (sete gerações humanas, dizia-se) e o dom da profecia. São atribuídas a Tirésias numerosas profecias ligadas aos mais importantes acontecimentos de Tebas (veja o volume Édipo, desta mesma coleção, onde é narrada a Guerra dos Sete contra Tebas e a Expedição dos Epígonos). No mundo subterrâneo, conservou seu dom de profeta. É ele quem ensina a Odisseu a melhor forma de atingir Ítaca.

39 Perséfone: filha de Zeus e Deméter. Um dia, quando Perséfone colhia flores, a terra abriu-se a seus pés. Da fenda profunda surgiu um carro puxado por vários cavalos e dirigido por Hades (Plutão), que a raptou tornando-a sua esposa. Nos mistérios de Elêusis, Perséfone é celebrada juntamente com sua mãe. Na condição de rainha dos mortos, é representada como uma mulher severa, sentada num trono ao lado do marido. Segura um archote e, às vezes, uma papoula. Veja a história completa de Perséfone em outro volume desta coleção: *Os Deuses do Olimpo*.

40 Para Estige e Aqueronte, ver nota 21.

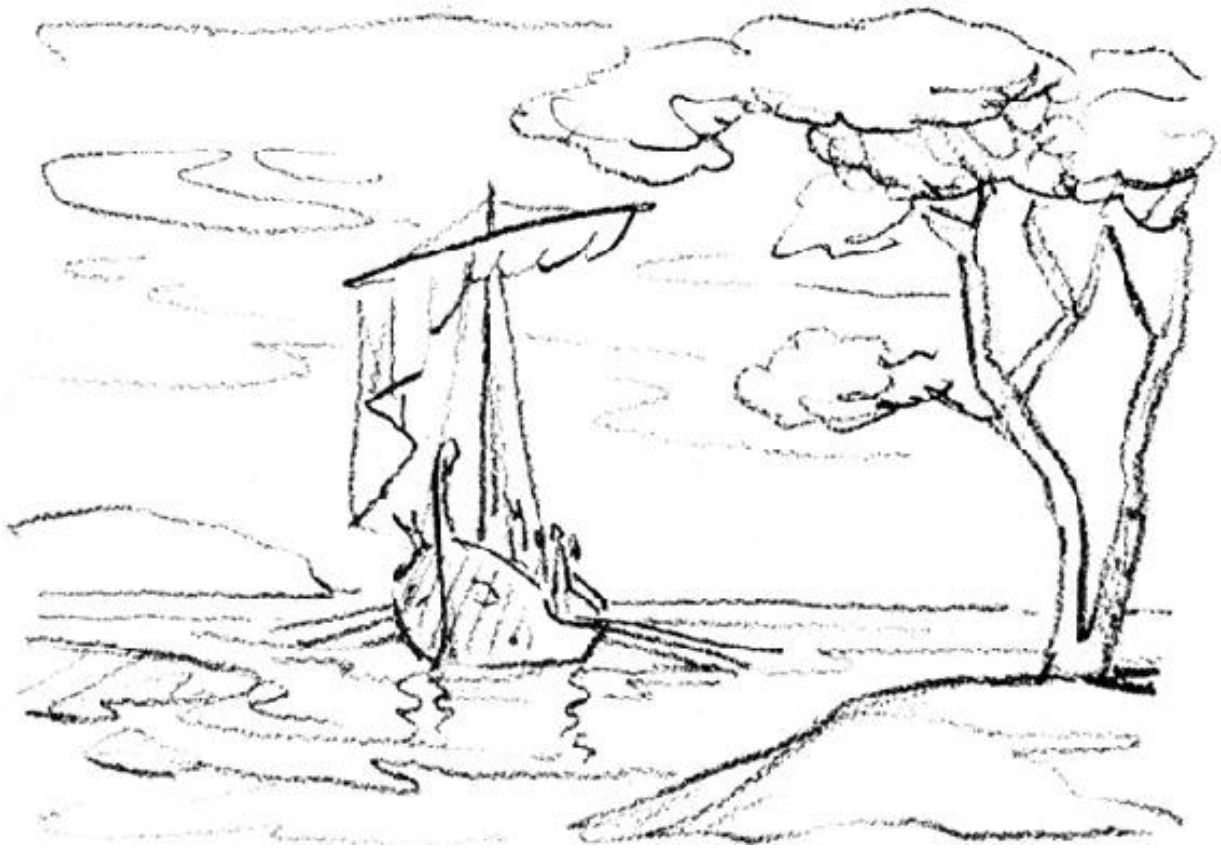
41 Ftia: cidade da Tessália, pátria de Peleu e Aquiles.

42 Medusa, a Górgona, era um monstro terrível que amedrontava homens e deuses. Apenas Possêidon não a temia e chegou a unir-se a ela. Por ordem de Polidectes, tirano de Sérifo, Perseu conseguiu matá-la. Elevou-se no ar graças às sandálias aladas de Hermes e, enquanto ela dormia, cortou-lhe a cabeça. Para não ser petrificado, serviu-se de um escudo polido como espelho, fitando a imagem do monstro. Do pescoço cortado, saíram Pégaso e Crisaor, que Medusa havia gerado com Possêidon. Atena colocou a cabeça monstruosa no centro de sua égide. De acordo com uma versão, Medusa teria sido

uma bela jovem, orgulhosa especialmente de seus cabelos. Por ter ousado rivalizar em beleza com Atena, a deusa metamorfoseou-a em monstro, transformando seus cabelos em serpentes.

43 Sereias: gênios marinhos, metade mulher, metade pássaro. Algumas vezes passam por filhas da Musa Melpômene (ou Terpsícore) e do deus-rio Aqueloo, outras por filhas de Aqueloo e Estérope, ou então o deus marinho Fórcis. São mencionadas pela primeira vez na Odisseia, onde são duas. Tradições posteriores referem-se a três ou quatro. Segundo Apolodoro, uma tocava lira, outra cantava e a terceira tocava flauta. Na lenda mais antiga, as sereias viviam numa ilha do Mediterrâneo e, com a sua música, atraíam os marinheiros que passavam nas redondezas. Os barcos aproximavam-se perigosamente da costa rochosa da ilha, despedaçavam-se, e as sereias devoravam os imprudentes. Diz-se que elas, por não terem sido bem-sucedidas com Odisseu, se atiraram ao mar e pereceram. Uma tradição tardia descreve-as como criaturas metade mulher, metade peixe.

44 Rochas errantes: não confundir com as Simplégades (“colidentes”), também chamadas Kyanêiai (“de cor azul escura”), que eram duas rochas fabulosas situadas no mar, no extremo norte do Bósforo, formando a porta do Ponto Euxino (o mar Negro). Acreditava-se que essas rochas colidiam, esmagando as naus que passavam entre elas. Os argonautas por pouco escaparam delas e, desde então, as Simplégades tornaram-se fixas. Já as “errantes” (do grego Plágktai, ver Odisseia, XII, 61) eram rochas fabulosas que, como seu próprio nome indica, não se situavam em nenhum local determinado.



O RETORNO A ÍTACA

Odisseu desperta em Ítaca

Todos na corte de Alcínoo ficaram sem fala, fascinados com a narrativa de Odisseu. Cheio de admiração, o rei ofereceu-lhe outros presentes e os nobres se prontificaram a fazer o mesmo.

Nesse ínterim, o navio que os feácios haviam prometido ficara pronto. Odisseu partiria no dia seguinte, ao pôr do sol. De manhã, trataram de colocar os presentes na embarcação. O próprio Alcínoo estava lá e se encarregou de arrumar tudo no porão. Em seguida, começou-se a aprontar a mesa para o banquete de despedida. Chamaram também Demódoco, o divino cantor, que se pôs a cantar e a despertar em todos belas emoções... Mas Odisseu, que tão ansioso estava pela hora da partida, olhava incessantemente para o Sol à espera de que ele começasse a se inclinar para Oeste. Quando o disco luminoso já estava bem baixo, todos se levantaram para encher os copos de vinho e Odisseu desejou a Alcínoo que reinasse amado pelo povo, até avançada velhice. Em seguida, pegou um copo e ofereceu a Areté:

– Saúde, venerável rainha! Faço votos de que sua família desfrute sempre da bem-aventurança.

Dizendo essas palavras, cruzou a soleira do palácio, com os olhos rasos d'água.

Na hora em que o Sol se punha, Odisseu embarcou e foi se deitar sobre o leito que lhe haviam preparado com lençóis limpos. Os marujos sentaram-se nos bancos e, inclinando o corpo para trás, começaram a bater o mar com os remos, enquanto os deuses enviavam um doce sono, tão profundo como a própria morte, ao herói Odisseu.

O navio dos feácios se arrojava, irrefreável, pelo mar aberto. Nem mesmo um falcão, que é o mais veloz dos pássaros, poderia alcançá-lo. Assim, a embarcação corria, levando de volta à pátria um homem comparável aos deuses em sabedoria, que agora dormia tranquilo, esquecido das tristezas e dos sofrimentos.

A rápida nave rasgou as ondas pela noite inteira e, na hora em que surgia o luminoso astro da aurora, já havia chegado a Ítaca. Entrou no porto de Fórcis,(45) como o chamam, onde há uma grande caverna com duas fontes murmurantes, próximas a uma oliveira. Lugar encantador, sagrado, habitado pelas belíssimas ninfas náiades; lá é possível ver recipientes de vinho feitos

de pedra e talhas onde as abelhas fazem mel. Também nessa caverna estão entalhados na rocha os teares em que as lindas ninfas tecem panos da cor do mar, maravilha de se ver. Na caverna, há duas saídas: uma para o Norte, que serve aos mortais, e outra para o Sul, que serve aos imortais. Por esta um ser humano não deve nem mesmo passar ao largo.

Os marujos feácios conheciam o lugar. Assim, trouxeram o navio com tanto ímpeto que o enfiaram na areia até a metade. Odisseu ainda dormia profundamente e eles o ergueram junto com o leito e o depositaram suavemente sobre a areia. Depois, trouxeram os presentes e os dispuseram junto dele. Feito isso, arrastaram o navio para o mar, saltaram para dentro, pegaram nos remos e tomaram o rumo de casa. Possêidon, contudo, zangou-se com os feácios. Bem sabia que Odisseu algum dia voltaria para Ítaca, mas os feácios não somente o repatriaram, como também lhe deram mais presentes do que o herói teria trazido dos espólios de Troia. Portanto, assim que o navio retornou e se dirigiu para o porto, o deus o transformou em um rochedo, para que as ondas o batessem para sempre. Vendo isso, Alcínoo balançou tristemente a cabeça, pois lembrou-se do oráculo que seu pai lhe dissera certa vez. Chamou, então, o povo para oferecer sacrifício ao deus marinho, para que este se compadecesse deles e não encerrasse a cidade entre altas montanhas.

Nesse meio tempo, Odisseu despertou, mas não reconheceu sua terra natal, porque Atena havia estendido sobre ele um nevoeiro, impedindo que os outros o vissem. Isso fez, porém, com que o próprio Odisseu ficasse em dúvida sobre o lugar em que estava:

– Onde vim parar agora? – disse ele. – O que farei com todos estes tesouros, se aqui viverem homens perversos, que não temem aos deuses nem conhecem leis?

Enquanto assim pensava, lamentando que o dia do retorno ainda estivesse distante, Atena veio para perto dele, sob a aparência de um jovem pastor. Odisseu ficou alegre ao ver alguém e pediu ao moço que tivesse pena dele, estrangeiro que era, e perguntou que lugar era aquele.

– Surpreende-me a sua pergunta, forasteiro! – respondeu a deusa. – Este lugar todos conhecem! Mesmo no fim do mundo, lá onde o Sol emerge, ou no outro extremo, onde desaparece!(46) Mesmo lá é possível encontrar muitos que já ouviram falar desta terra! É um lugar pedregoso, sem estradas para carros ou cavalos, mas não é nada pobre. Trigo e cevada crescem em

abundância. As chuvas regam a terra e há pasto bastante para bois e cabritos. Existem árvores de toda espécie e água cristalina brota das fontes. Está agora, estrangeiro, na famosa Ítaca!

O coração de Odisseu parecia querer saltar do peito, mas ele não demonstrou sua alegria. Para não dizer quem realmente era, forjou uma falsa história:

– De fato, quando guerreávamos em Troia, já ouvimos falar muito de Ítaca. Agora vim parar aqui junto com estes tesouros todos, partindo de Creta. Fugi de lá por haver matado Orsíloco, filho de Idomeneu. Ele queria tomar todos os despojos que ganhei na guerra e levou o castigo que merecia! Tomei depois o rumo da praia, onde achei um navio. Dei alguns regalos aos marujos e lhes disse que fôssemos para Pilos ou Élida. O vento, porém, não ajudou e o navio foi trazido para cá. Desembarcamos e, então, fomos para beira-mar, onde nos esticamos um pouco para descansar, exaustos que estávamos. Deitado lá na areia, peguei no sono, e eles partiram sem me acordar e nem sequer tocaram nos meus tesouros! Ficaram apenas com o que lhes dei.



Atena sorriu com aquilo que ouvia e, tomando sua forma feminina, acariciou a cabeça do herói e disse:

– Ladino Odisseu, nem mesmo um deus pode competir com você em manhas e artifícios! A Palas Atena, contudo, você não conseguiu reconhecer! Ela que, como já por tantas outras vezes, veio ajudá-lo, pois está escrito que você ainda há de passar por outros perigos, mesmo quando estiver em seu palácio. Por isso, não revele a ninguém quem é, mas aguente firme o sofrimento e os ultrajes e tenha a paciência que ainda se faz necessária!

– Não a reconheci, grande deusa – ele admitiu. – Ora, mas como poderia, uma vez que pode tomar a forma que bem quiser? E também não esqueço o quanto me ajudou quando estava a guerrear em Troia! Desde então, eu a perdi de vista e durante a viagem de volta encontrei pelo caminho desgraças

sem fim... Mas sei que estava perto de mim quando encontrei a terra dos feácios! Agora está mais uma vez ao meu lado. Diga-me, porém, eu imploro: é verdade que cheguei à tão saudosa pátria?

– Sim, Odisseu, mas não se queixe de que não o ajudei quando o deus do mar o perseguia! Acontece que eu nada poderia fazer no mar, que é o reino de Possêidon, irmão de meu pai.(47) Todavia, com a minha ajuda, aqui está você agora, em Ítaca!

Ao dizer essas palavras, a deusa dissipou o nevoeiro e continuou a falar em seguida:

– Olhe à sua volta! Eis o porto de Fórcis, a oliveira e a caverna, onde você vinha oferecer sacrifícios às nereidas!

O atormentado herói ficou exultante ao ver sua terra natal. Chorou de alegria e, curvando-se, beijou o solo amado. Porém, a deusa não o deixou chorar por muito tempo:

– Venha, filho de Laerte! Não percamos tempo! Vamos guardar os tesouros na caverna para que ninguém os roube. Em seguida veremos o que fazer.

Assim, depois de esconder todos os presentes, Atena contou-lhe sobre os pretendentes e, ao final, acrescentou:

– Pense agora numa maneira de se livrar desses indignos que já há três anos esbanjam os haveres e oprimem a bondosa mulher de Odisseu.

– É inestimável a ajuda que está me dando, honorável deusa! – respondeu Odisseu. – Afinal, se não me dissesse tudo isso, pereceria como Agamêmnon, dentro de minha própria casa... Mas agora, com o seu precioso auxílio, todos esses ímpios hão de receber a paga pelo que fizeram!

– Estarei ao seu lado, Odisseu! – garantiu Atena. – É preciso, no entanto, que você primeiro fique irreconhecível, de modo que ninguém perceba que está de volta. Assim, deve ir até a casa de Eumeu, o fiel guardador de porcos, enquanto eu correrei a encontrar Telêmaco. Ele está longe, em Esparta. Foi até lá perguntar sobre você. Devo mandá-lo voltar!

– Por que o deixou partir, deusa? – lamentou-se o herói. – Será justo que outros fiquem aqui a arruinar sua casa enquanto ele padece no estrangeiro?

– Seu filho passa muito bem em Esparta, Odisseu – tranquilizou-o Atena. – Os pretendentes certamente estão à espera da chegada de Telêmaco para matá-lo, mas não tenha medo, pois esses homens não mais fazem do que armar a própria perdição!

Na cabana de Emeu

Dizendo isso, a deusa tocou Odisseu com uma vara dourada e imediatamente ele se transformou em um velho mendigo, destruído pela miséria e pelo sofrimento. A deusa o vestiu com roupas esfarrapadas e, ao lhe dar também um bordão para que levasse consigo, despediu-se e rumou para Esparta. Odisseu, obedecendo às palavras de Atena, pôs-se a subir a encosta que levava até a cabana do fiel porqueiro. Não demorou muito a chegar. Primeiro foram os cães que o ouviram e lançaram-se sobre ele, latindo. Logo, porém, Eumeu correu para fora e os espantou.

– Ancião – disse a Odisseu assim que o viu –, por pouco os cachorros não o pegaram! Então você colocaria a culpa em mim, como se não me bastasse trabalhar todas as noites para dar de comer a parasitas pervertidos! A isso sou obrigado, enquanto meu bondoso rei, sabe-se lá em que terra distante, anseia por um naco de pão! Se é que ainda está vivo... Mas venha aqui para dentro comer e beber alguma coisa. Depois me diga quem é e que infelicidade o está a afligir.

Odisseu alegrou-se com as palavras amigas de Eumeu:

– Tomara que Zeus, que tudo vê, conceda-lhe tudo o que seu coração desejar, meu bom homem, pois foi muito amigável o modo com que me recebeu em sua casa!



– Estrangeiro – respondeu o guardador de porcos –, não acho certo desprezar aqueles que Zeus me envia, ainda que sejam de condição mais modesta que a minha, como você. Ah, quem me dera em seu lugar viesse o homem que tanto me estimou! Ele me daria uma casa decente e uma bela esposa... mas pereceu, o infeliz. Tomara que pereça também toda a geração de Helena, já que foi por seus caprichos que tantas almas desceram ao Hades!

Ao dizer isso, foi para fora da cabana e apanhou um porco, que em seguida matou e preparou para assar. Quando a carne estava bem passada, Eumeu a trouxe no espeto, bem quente e polvilhada de farinha. Despejando vinho em um copo de madeira, disse:

– Coma à vontade, forasteiro. Esta carne é a que comemos nós, os criados, pois os animais melhores e mais gordos são consumidos pelos pretendentes, que não temem deus algum pela injustiça que cometem! Bem, talvez tenham

tomado conhecimento de que o dono da casa está morto. Por isso não se preocupam em voltar para suas casas, embora Penélope não queira desposar nenhum deles. Assim, vão ficando por aqui, comem às custas do meu senhor e farreiam o tempo todo com as criadas. Quanto a mim, que não tenho outra alternativa, escolho todas as manhãs os melhores porcos para lhes enviar.

Quando Odisseu já estava satisfeito, ofereceu a Eumeu o copo para que ele também pudesse beber do vinho e disse:

– Diga-me, amigo, quem é o seu senhor? Pode ser que eu o tenha encontrado pelas minhas andanças, pois já percorri o mundo todo e conheci muita gente.

– Ancião, ninguém que traga notícias dele já pode nos convencer de que saiba algo de verdade... Muitos de quantos chegam até aqui e depois seguem viagem vão para o palácio e, ocultando a negra verdade, contam mentiras em troca de um prato de comida. Não houve um só mendigo que passasse por Ítaca sem ir ao encontro da mulher de meu patrão para contar falsas histórias! Quanto a ela, o que mais poderia fazer senão acolher cada um deles e indagar sobre o marido? Mas, como nenhum proveito ela obtém, acaba sempre por verter amargas lágrimas! Quanto a você, facilmente obteria uma túnica e um manto em troca de alguma história. Mas já não há esperança... os restos do rei já devem ter sido dilacerados pelos cães e pelos abutres, ou os peixes o devoraram e agora a areia cobre seus brancos ossos em alguma praia desconhecida! Sim, esse deve ter sido o fim de meu senhor, que deixa amarguras aos seus entes queridos e a mim mais ainda. Embora eu desde criança não veja meu pai e minha mãe, que me encheram de carinho, o que mais inflama meu peito é o desejo de rever Odisseu, cujo nome, por respeito, eu hesito pronunciar, ainda que já não possa me ouvir... Afinal, meu patrão me estimava muito e tenho muitas saudades dele...

– Pois bem! – respondeu Odisseu. – Acredite você ou não, digo-lhe que seu senhor está a caminho! Sei o que lhe digo. E quando ele vier, só então você me dará os agrados de que me falou: um belo manto e uma túnica! Não antes de vê-lo com seus próprios olhos, porque a única coisa que odeio mais que as portas do Hades é quem diz mentiras, ainda que a pobreza o induza a isso! Eu, porém, juro pelo grande Zeus, pelo pão que você me deu e pelo lar de Odisseu que me hospeda: tudo acontecerá como lhe digo! Não tardará o rei a voltar e, então, castigará duramente todos aqueles que lhe destratam a mulher, o filho e os amigos!

Eumeu, no entanto, assim respondeu:

– Agrado nenhum receberá, velho, porque meu senhor não volta mais! Apenas trate de tomar o seu vinho e mudemos de assunto, pois lembrá-lo me corta o coração! Deixe de grandes juramentos! Tomara que Odisseu volte mesmo, como é o meu desejo e como querem Penélope, o velho Laerte e Telêmaco de beleza divina. Ah, Telêmaco... Também choro por ele, porque foi para Pilos e Esparta saber do pai! Agora os pretendentes lhe preparam uma cilada, a fim de assassiná-lo assim que volte a Ítaca! Bem, mas fale agora dos seus tormentos. Diga-me quem é, de onde vem e como veio parar na nossa ilha.

Odisseu, no entanto, por mais que desejasse, não podia ainda contar a verdade ao bondoso porqueiro:

– Venho da rica ilha de Creta – disse então. – Quando meu pai morreu, deixou-nos grande fortuna, mas meus irmãos me deram o que havia de menor valor, pois não somos filhos da mesma mãe. Casei-me, contudo, com uma bondosa mulher, oriunda de uma família rica. Eu não era nenhum covarde nem fugia da guerra. Nunca temi a morte e era sempre o primeiro nas batalhas. No entanto, minha paixão era o mar... Por nove vezes fui capitão de homens que eram marujos por vocação, como eu. Com eles juntei muitas riquezas e também fui para Troia. Todos foram, não haveria de ser diferente. Ao voltar para casa, porém, não pude desfrutar muito tempo da companhia dos meus entes queridos, pois meu coração me impelia à aventura e, então, parti rumo ao Egito. Lá fiquei por sete anos e, embora tenha enfrentado muitos perigos, acumulei mais tesouros do que jamais havia conseguido... Mas acabei sendo enganado por um fenício. Disse-me que eu ganharia ainda muito mais se me juntasse a ele e levou a mim e minhas riquezas para o seu navio. Foi então que percebi que havia caído numa armadilha e que ele estava me levando para a Líbia, com más intenções no coração. Bem, mas não era a vontade de Zeus que ele levasse a cabo seu objetivo. Com um raio, o senhor dos deuses incendiou o navio. Todos nós ficamos a flutuar sobre as ondas, mas eu me salvei porque Zeus trouxe para junto de mim o mastro da embarcação, ao qual me mantive agarrado. Por nove dias lutei contra as ondas e, no décimo, fui parar na terra dos tésprotas. Lá, fui achado pelo filho do rei, que teve pena de mim e levou-me a ver seu pai, Fídon, que me vestiu com um manto e uma túnica e acolheu-me no palácio. Foi por ele, pois, que fiquei sabendo de Odisseu. Disse-me Fídon que o havia hospedado e até me

mostrou os tesouros, de bronze, ouro e ferro que o grande herói de Ítaca trouxera consigo. Eram tão abundantes que seriam suficientes para dar sustento a dez gerações! Não cheguei a ver Odisseu, porém, porque ele havia ido até o oráculo de Dodona(48) para saber de que maneira poderia voltar para sua pátria. O próprio rei jurou-me que tinha aprontado um navio para levá-lo a Ítaca, mas eu parti antes disso, a bordo de um navio que estava indo para Dulíquios. Quando, porém, já estávamos no mar, os marujos tramaram me vender como escravo. Assim, eles despojaram-me de meus trajes e vestiram-me com estes farrapos que agora uso. À noite, chegamos a Ítaca e eles ancoraram o navio em uma praia deserta. Amarraram-me com atas bem apertadas e desceram à areia para comer, deixando-me na nave. Eu, então, reunindo todas as minhas forças, pude enfim romper as amarras e desci lentamente pelo leme. Nadando, consegui escapar e fui sair numa outra praia. Quando me procuraram pela manhã e não me encontraram, embarcaram novamente e foram embora. Então pus-me a subir a encosta até que vi a sua cabana que, felizmente, pertence a um homem de bom coração. Estava mesmo escrito que eu me salvaria!

Eumeu acreditou na falsa história de Odisseu, mas duvidou justamente da única parte verdadeira: seu senhor estava vivo e voltaria.

– Você me deixou muito triste, forasteiro, relatando seus tormentos, mas não fez bem em me contar tantas mentiras sobre o meu senhor, pois bem sei que teve um negro destino. Poderia ter morrido em Troia, como herói, e os gregos ergueriam um alto monumento em sua honra... Mas agora está morto de maneira inglória! Quanto a mim, não tenho vontade de ver ninguém! Só vou à cidade quando Penélope me chama, quando alguém nos traz alguma mensagem. Então todos se sentam e pedem detalhes ao recém-chegado. Enquanto uns choram pelo rei que pereceu no estrangeiro, outros se alegram dilapidando sem dó as riquezas do desditoso anfitrião. Eu porém não creio em mais nada, desde quando um certo etólio enganou-me com suas palavras! Disse-me ter visto meu senhor em Creta, construindo um navio, e que ele chegaria naquele verão, ou no outono, carregado de riquezas. Quanto a você, meu pobre velho, que chegou até aqui com o auxílio dos deuses, não tente ganhar minha simpatia com inverdades, pois isso em nada o ajudaria... Tenho pena de você. Zeus e meu coração assim o querem...

A essas palavras do porqueiro, Odisseu respondeu:

– Homem incrédulo, vãs foram as minhas palavras... Vamos fazer um

acordo, tomando os deuses por testemunha: se acontecer como lhe disse e o seu patrão retornar, você me dará de presente o manto e a túnica e me enviará para Dulíquios. Se, porém, Odisseu não voltar, mande os criados me atirarem de um alto precipício, para servir de exemplo àqueles que vêm pedir pão com falsos juramentos!

– Pois sim! – respondeu Eumeu. – Muito bem! Diga-me agora de que eu mereceria ser chamado se atirasse do precipício o homem que acolhi em minha casa! Que coragem teria eu depois disso para oferecer sacrifícios a Zeus? Bem, vamos deixar disso porque está quase na hora do jantar. Já anoitece e a qualquer momento chegarão os meus ajudantes.

De fato, logo chegaram os dois pastores. Eumeu lhes disse para trazer um porco bem nutrido para dar de comer ao hóspede. Com a ajuda deles, também preparou e assou a carne, cortando-a depois em sete pedaços. Uma parte ofereceu às ninfas do bosque, outra a Hermes, protetor dos pastores, uma outra, com as belas costelas, a Odisseu, que julgava estar morto no estrangeiro, e as partes restantes distribuiu entre os quatro.

– Desejo, Eumeu, que Zeus lhe tenha o mesmo apreço que sinto por você, pois ainda honra o seu infeliz senhor! – disse Odisseu.

Depois de comer, eles se prepararam para dormir; o porqueiro estendeu para o hóspede umas peles de carneiro junto ao fogo e foi dormir perto dos porcos, debaixo de um rochedo. Odisseu alegrou-se ao ver tanta dedicação de Eumeu a vigiar os bens do amo.

Telêmaco retorna a Ítaca

Enquanto Odisseu dormia na cabana, seu filho Telêmaco deitava-se em um leito ornado de prata, no palácio de Menelau. Em sonho viu a deusa Atena, que lhe disse haver chegado a hora de voltar para casa, mas também recomendou cautela, com estas palavras:

– Os pretendentes estão de tocaia no estreito de Same, prontos a tomar seu navio e assassiná-lo! Não passe por lá, mas desembarque em algum lugar deserto de Ítaca, e que seus companheiros sigam sozinhos para o porto. Não vá para a cidade, porém, mas dirija-se à cabana de Eumeu, o guardador de porcos que sempre quis o seu bem. Passe por lá à noite e o envie até Penélope, para que ele a tranquilize com a notícia de que seu querido filho está de volta.

Assim, Telêmaco e Pisístrato despediram-se de Menelau no dia seguinte e tomaram o caminho de volta.

Na hora em que Telêmaco embarcava para Ítaca, o jantar era servido na cabana de Eumeu. Odisseu, então, querendo pôr à prova o porqueiro, disse-lhe:

– Ouça, meu amigo, pela manhã irei à cidade mendigar. Procurarei também Penélope para lhe dizer o que sei de seu marido. Depois vou ver se os pretendentes podem me arrumar algum trabalho em troca de algo para comer. Não quero mais incomodá-lo.

– Está louco? Procura sua ruína ao querer se enfiar no meio deles, que não têm pena dos pobres e infelizes! Fique aqui, que não me traz nenhum incômodo. Quando o filho de Odisseu chegar, irá vesti-lo com roupas limpas e enviá-lo aonde você quiser.

– Agradeço, Eumeu, e faço votos de que Zeus, que tudo vê, dê-lhe tudo o que deseja. Você me livrou de algo detestável, pois não há nada pior que a mendicância... mas agora que me fez ficar, eu lhe perguntarei uma coisa. Quero que me diga se os pais de Odisseu ainda vivem e veem a luz do Sol!

– O infeliz Laerte está vivo, apesar de pedir a Zeus que lhe corte o fio de sua vida sem alegria. Afinal, chora noite e dia pelo filho morto no estrangeiro e pela mulher, a bondosa Anticleia. Ela, coitada, a mãe de Odisseu, definhou e se consumiu como uma vela, que derrete até se apagar. A pobrezinha exalou o último suspiro com o nome do filho nos lábios! Uma morte terrível, estrangeiro! Não quero que ninguém entre os que estimo venha a morrer assim!

– Ah, meu amigo! – disse Odisseu. – Será que não foi assim também quando seus pais o perderam? Isso agora me passou pela cabeça...

– Se quer saber de meus tormentos, estrangeiro, beba seu vinho e apure os ouvidos. Pode lhe parecer inacreditável o que vou contar, mas eu sou filho de Ctésio, rei de Sírie, uma ilha bem distante, situada onde o Sol se põe. Abençoado lugar! Lá os homens não sabem o que é fome ou doença e, quando envelhecem, Apolo e Ártemis lhes concedem uma morte que mais parece um doce sono. Duas cidades tem minha ilha, que vivem irmanadas, pois meu pai as governa com sabedoria. No entanto, certa vez vieram ímpios saqueadores da Fenícia, com um navio cheio de mercadorias. No palácio vivia então uma bela fenícia, alta e muito prendada, a quem eu, então uma criança, tinha muito apreço. Quando chegaram os saqueadores, corri para

junto dela. Essa moça, no entanto, foi quem me fez o maior mal. De cabeça virada, encantada com as belas mercadorias, ela se uniu a seus compatriotas. Roubou do palácio três copos de ouro, pegou-me também pela mão e fugiu, levando-me com eles. Por ser ainda muito pequeno, não estava entendendo que assim perdia meu pai e minha mãe para sempre! Por seis dias e noites viajamos pelo mar. No sétimo dia, Ártemis, com uma seta, estendeu a traidora morta, no porão do navio. Então os fenícios a pegaram e lançaram ao mar, para que fosse devorada pelos peixes, enquanto meu coração sangrava de tristeza. No caminho, pararam nesta ilha para me vender a quem oferecesse mais. Tive sorte, pois foi Laerte quem me comprou. Acabei então criando raízes neste lugar.

– Seu relato muito me comove, Eumeu, mas olhe que Zeus deu a você, junto com a desgraça, um patrão bondoso. Quanto a mim, no entanto, os deuses ainda me perseguem e há anos vagueio pelo mundo, estranho em terras estranhas...

A conversa seguiu noite adentro e, quando enfim os dois adormeceram, já estava quase raiando o dia.

O encontro de Odisseu e Telêmaco

Quando a Aurora de dedos róseos veio dourar o horizonte, Telêmaco já havia chegado em Ítaca. O navio parou em uma praia recôndita e os pretendentes, que estavam de tocaia, ficaram sem saber da volta do filho de Penélope.

Telêmaco saltou para terra firme e disse aos marujos:

– Vão vocês com a nave para o porto, porque eu quero ver os pastores. Irei à noite para o palácio.

Dizendo isso, tomou a trilha e dirigiu-se à cabana de Eumeu. Àquela hora, Odisseu e o porqueiro preparavam o desjejum. Os ajudantes tinham saído para levar os porcos para o pasto. Odisseu foi o primeiro a ouvir os passos lá fora e viu, pela porta aberta, os cães correndo a abanar o rabo. Disse então:

– Eumeu, vem vindo alguém conhecido, pois vejo os cães correrem para ele, contentes e sem latir!

Nem terminou de dizer essas palavras e o amado filho lhe surgiu à porta. O porqueiro, de um pulo, pôs-se de pé. O copo de madeira escapou-lhe das

mãos, tamanha era a sua alegria. Imediatamente lançou-se ao encontro do jovem e o abraçou apertado, como o pai que vê o único e precioso filho voltar do estrangeiro salvo da morte:

– Venha, meu bom Telêmaco! – disse Eumeu, enquanto Odisseu observava de coração apertado. – Você veio, meu filho, e eu aqui dizendo que não mais voltaria a vê-lo! Mas entre, deixe que eu olhe melhor para você e alegre minha alma!

– Com todo o prazer, bom velho! Afinal, vim aqui por sua causa. Quero saber o que está acontecendo na casa de meu pai.

– O que você bem sabe... Os dias de sua mãe passam tristemente e as noites, cheias de amargura... ela ainda deseja, mas já quase sem esperança, a volta de Odisseu.

Eumeu tomou a lança das mãos do jovem e o fez entrar. Odisseu se levantou, cedendo lugar para que ele se sentasse.

– Sente-se, forasteiro! – disse Telêmaco. – O bom Eumeu me arranjará um lugar!

Odisseu sentou-se novamente e o porqueiro estendeu uns ramos no chão, pondo por cima peles de carneiro, para que o rapaz pudesse se acomodar. Em seguida, Eumeu pôs a carne assada que havia sobrado sobre a mesa. Trouxe bastante pão, encheu de vinho o copo e ofereceu a Telêmaco. Depois que todos comeram até se satisfazer, o rapaz disse ao porqueiro:

– Meu bom ancião, como o estrangeiro chegou até você?

– É cretense. Sofreu muito. Errou por terras estranhas e, por fim, para fugir à escravidão, escapou de um navio tésprota e veio até mim. Agora ele está em suas mãos, leve-o consigo e o ajude como julgar melhor.

Então, o prudente Telêmaco respondeu:

– Ah, Eumeu! Como é que o levarei ao palácio, onde os malévolos pretendentes estão no comando? Ficarei muito triste quando começarem a insultá-lo... Peço a você que o mantenha aqui por mais um pouco, para que eu lhe traga um manto e uma túnica, um par de sandálias e uma espada. Depois, enviá-lo-ei para onde ele quiser, mas deixá-lo à mercê daqueles invejosos, isso não vou fazer!

– Meus bons amigos! – disse enfim Odisseu. – Corta-me o coração ouvir o que vocês penam na mão desses malfeitores! Porém, diga-me, meu bom rapaz, se porventura o povo lhe é hostil e por isso você é forçado a recuar diante deles. Ou será que não pode se reconciliar com seus irmãos para

combater os pretendentes? Ah, tivesse eu nos braços a força que se aloja em meu coração, fosse filho de Odisseu, ou ainda o visse voltar – pois há, sim, esperança de que ele volte! – que a espada inimiga me decepe a cabeça agora mesmo se eu não traria a desgraça a todos esses malfeitores! E mesmo que eles, estando em maior número, conseguissem me conter, eu preferiria cair morto em minha própria casa a presenciar essas barbaridades, a ver esses forasteiros que a ninguém respeitam arrastando as criadas indecorosamente, virando um após outro os copos de vinho e se entupindo de comida às custas dos outros, sem medida nenhuma!

O prudente Telêmaco, porém, disse em resposta:

– Meu caro estrangeiro, nem o povo está contra mim nem estou brigado com meus irmãos, uma vez que não os tenho! Zeus fez a nossa linhagem toda de filhos únicos: Arquísio tinha apenas um filho, Laerte. Este, por sua vez, também teve um filho só, Odisseu, que gerou a mim somente e partiu para Troia sem haver desfrutado quase nada da minha companhia. Por isso minha casa está agora cheia de inimigos, que esgotam meus haveres e cobiçam minha mãe. Quanto a mim, procuram um meio de me assassinar!

Então, voltando-se para o porqueiro, disse Telêmaco: – Eumeu, corra até minha mãe para dizer-lhe que voltei, pois ela está muito preocupada e não sem razão! Diga também à nossa fiel Euricleia que cuide de dar logo a notícia ao velho Laerte.

Imediatamente o porqueiro amarrou as sandálias e se pôs a caminho. Então, Atena, sempre atenta a seu protegido, apareceu à porta. Apenas Odisseu podia vê-la. Com um gesto, Atena chamou o herói para perto da porta e disse-lhe:

– Agora, astuto Odisseu, revele a seu filho quem você é realmente e sente-se com ele para juntos planejarem como hão de exterminar os pretendentes. Eu lhe prometo estar ao lado dos dois!

Dizendo essas palavras, tocou-o com um cetro dourado, tornando-o novamente um homem belo e forte, vestido com um manto limpo e uma túnica. Depois disso, a deusa desapareceu e o filho de Laerte entrou na cabana. Ao vê-lo, Telêmaco ficou transtornado:



– Estrangeiro! – exclamou. – Você deve ser algum deus para mudar assim de aparência! Eu o reverencio e me prontifico a lhe oferecer ricos sacrifícios. Apenas tenha compaixão de todos nós em nossa desventura!

– Não sou nenhum deus – respondeu Odisseu. – Sou aquele que você tanto deseja ver ao seu lado. Já bastam, Telêmaco, os ultrajes e os desgostos! É seu pai que está diante de seus olhos!

Odisseu abraçou o filho, beijou-o com ternura e as lágrimas, que até agora havia contido, umedeceram a terra. Telêmaco, no entanto, não podia acreditar:

– O que aconteceu diante de meus olhos não é coisa que qualquer um possa fazer! Há pouco você era um velho pobremente vestido e agora parece um deus! Isso é o que você é, portanto: um deus, não o meu pai...

– Pois acredite, sou Odisseu! Atena toda-poderosa realizou o milagre que você viu. Tudo podem os deuses imortais. Fazem de alguém um nobre herói ou um humilde mendigo, se assim o querem.

Essas palavras enfim convenceram Telêmaco, que, abraçando o pai, desatou a chorar... Nem mesmo Odisseu podia se conter e, assim, choravam os dois mais do que aves marinhas quando mãos cruéis arrebatam do ninho filhotes recém-nascidos. Então, o rapaz perguntou ao pai como havia chegado a Ítaca:

– Os feácios trouxeram-me e deixaram-me em um porto remoto – respondeu o rei de Ítaca. – Bem, mas nós não temos tempo a perder! É preciso pensar como daremos cabo de nossos inimigos. Diga-me quem e quantos são eles para que possamos ver também de que espécie de ajuda necessitamos.

O plano para enfrentar os pretendentes

Telêmaco assustou-se com as palavras de Odisseu.

– Fiquei sabendo, pai, que você é o mais hábil com a espada, e me contaram até onde chega a sua esperteza, mas como enfrentaremos tanta gente? Afinal, deve saber que não são nem dez, nem vinte, mas muitos mais! De Dulíquios estão aqui 52 homens, todos valentes. De Samos vieram 24, mais vinte de Zante e 12 daqui mesmo de nossa ilha. Se, pois, sairmos a enfrentar todos eles, é certo que pagaremos caro por nossa ousadia, a menos que tenhamos uma ajuda considerável!

– Pois teremos! – garantiu Odisseu. – A nosso lado estará Atena e, se for preciso, o próprio Zeus!

– Pai, se é verdade que teremos ajudantes como esses, então não precisamos de mais ninguém! – respondeu Telêmaco.

– Nós os teremos conosco, e agora me escute: bem cedinho, antes mesmo de raiar o dia, tome o rumo do palácio. Mais tarde virei, junto com Eumeu, mas estarei de novo transformado em mendigo. Tome cuidado apenas para não deixar transparecer a sua ira ao ver os pretendentes me insultando dentro de minha casa. Ainda que eles me escorracem e me batam, contenha-se! Diga-lhes somente que parem. Se não o escutarem, deixe, que eles estão cavando a própria sepultura! Agora direi mais uma coisa: quando eu lhe fizer um sinal com o olhar, pegue todas as armas da sala e esconda no sótão. Se perguntarem por que as está recolhendo, dê-lhes uma desculpa qualquer.

“Perderam o brilho por causa da fuligem”, diga-lhes. “Não estão como meu pai deixou, e além disso temo que vocês se embebedem e acabem se matando, pois as armas, por si só, arrastam o homem para o mal”. Diga algo assim e recolha tudo! Deixe, porém, duas espadas, duas lanças e dois escudos para que nós possamos investir sobre eles quando chegar o momento oportuno. Ah, e preste atenção! Cuide para que ninguém fique sabendo de minha volta, nem mesmo Penélope, que, de alegria, pode deixar escapar que voltei e a notícia acabará chegando aos ouvidos dos pretendentes!

Na hora em que assim conversavam, o navio que trouxera Telêmaco ancorou no porto. Imediatamente um marujo correu a avisar Penélope de que o filho voltara e estava na casa do porqueiro. Fora do palácio, encontrou Eumeu, que também estava indo dar à rainha a mesma boa notícia. Quando entraram e viram Penélope, o marinheiro gritou bem alto:

– Seu filho está de volta, rainha!

Eumeu, então, foi para junto dela e disse-lhe tudo o que Telêmaco mandara. Ela cobriu o rosto com as mãos e chorou de alegria. Contudo, os pretendentes também ouviram a notícia, mas não ficaram nem um pouco satisfeitos. Decepcionado, Eurímaco virou-se para os outros:

– O sujeitinho nos enganou! E nós dizíamos que não tinha capacidade para nada... Agora precisamos enviar um barco até os homens para mandá-los retornar!

Nesse exato momento, porém, Eurímaco avistou o navio de seus comparsas entrando no porto:

– São eles! – disse. – Devem tê-los visto, mas não chegaram a tempo. Vamos saber já!

Dirigiram-se para a praia e chegaram no momento em que os marujos amarravam o navio no quebra-mar. Antínoo foi quem primeiro saltou para fora da embarcação e disse:

– Algum deus deve tê-lo salvado! Todo dia ficávamos de olho nos cabos e à noite vasculhávamos o mar para que navio algum passasse sem que o víssemos! E eis que ele conseguiu escapar da morte... Vamos, então, armar outro plano. Se ele escapar outra vez, estaremos em maus lençóis!

Porém, um outro pretendente, Anfínomo, sugeriu que não tivessem pressa, pois temia a deusa Dique:(49)

– Eu não matarei Telêmaco antes de saber se essa é a vontade divina. Se os

deuses nos derem sinais de que estamos livres para fazê-lo, então eu serei o primeiro a enterrar minha espada cortante no corpo dele!

Querendo ou não, todos reconheceram que as palavras de Anfínomo estavam corretas e, de cabeça baixa, voltaram ao palácio. Contudo, Médon, o fiel arauto de Penélope, escutara toda a conversa. Correu à rainha e contou-lhe tudo. Ela, então, desceu de seu quarto e, cheia de cólera e exasperação, veio censurar Antínoo na frente de todos:

– Malfeitor descarado! Diga-me qual a razão de querer matar Telêmaco! Está esquecendo que quem livrou seu pai de morte certa quando os tésprotas o perseguiam foi Odisseu? Você, ingrato, não apenas esquecido de tudo isso, quer esbanjar a fortuna de meu marido, tomar-lhe a esposa e ainda matar-lhe o filho! Pois bem, tire logo da cabeça o mal que está a tramar e diga também a esses outros que se conformem, pois os deuses estão vendo tudo!

A essas palavras respondeu Eurímaco:

– Honrada e sábia Penélope, ouça-me. Não precisa ter medo de nada, porque, enquanto eu estiver vivo, não haverá quem se atreva a fazer mal a Telêmaco! Digo isso para que todos escutem! Esta espada que carrego eu tingirei com o sangue daquele que ousar cometer tal crime. Afinal, não me esqueço de que Odisseu me fazia sentar em seus joelhos quando eu era pequeno, dava-me carne na boca e segurava o copo para que eu provasse do doce vinho! Por isso, tenho por Telêmaco a maior consideração e a rainha nada precisa temer!



Foi isso que o odioso Eurímaco estava a dizer, embora nesse momento não pensasse em outra coisa a não ser a perdição do filho de Penélope.

À noite, Eumeu voltou para a cabana e encontrou Telêmaco a preparar comida junto com Odisseu. Este novamente estava vestindo farrapos, pois um pouco antes Atena tratara de transformá-lo em mendigo outra vez. Mal o porqueiro entrou, Telêmaco quis saber o que tinha acontecido e se os pérfidos pretendentes haviam voltado da emboscada.

– Estava com pressa e nem perguntei sobre eles – respondeu Eumeu. – Um de seus marujos foi o primeiro a dar a boa nova a Penélope, mas enquanto eu vinha para cá avistei sobre a colina de Hermes um navio chegando, cheio de homens munidos de escudos e lanças. Não sei, porém, se eram mesmo eles.

Telêmaco ouviu e deu um sorriso furtivo para Odisseu. Logo se sentaram os

três para comer, pois já havia caído a noite. Pela manhã, ao romper a aurora, Telêmaco calçou as sandálias, pegou a lança e disse ao pastor:

– Eu agora vou ao encontro de minha mãe para que ela possa me ver e parar de chorar. Trate de levar o estrangeiro à cidade, para que vá mendigar, porque eu não posso, com todas as minhas aflições, ficar me preocupando com todo mundo. Se ele achar ruim, não é culpa nossa! Eu gosto de falar a verdade!

Então, Odisseu disse:

– Nem eu quero ficar aqui por mais tempo. É melhor mendigar na cidade que nas montanhas. Lá, cada um me dará o que puder e eu já não estou na idade de trabalhar no chiqueiro!

Telêmaco partiu, descendo a encosta com largas passadas. Ao chegar ao palácio, deixou a lança apoiada em uma coluna e entrou. Euricleia, a ama, foi a primeira a vê-lo e correu para ele, chorando de alegria. As bondosas servas também vieram correndo e lhe beijaram as mãos, os ombros e a cabeça. Por fim, desceu Penélope e, em prantos, abraçou o amado filho:

– Minha doce luz! Telêmaco! Você voltou! Eu não acreditava que voltaria a vê-lo quando partiu para Pilos escondido de mim! Venha agora, sente-se ao meu lado e me conte se soube algo de seu caro pai.

– Eu vou lhe dizer tudo, mãe – disse o jovem. – Em Pilos recebeu-me Nestor da mesma maneira com que um pai recebe o filho que, após anos, retorna do estrangeiro. Porém ele nada sabia de meu pai e aconselhou-me que eu fosse a Esparta ver Menelau. Deu-me um carro com cavalos velozes e um filho como guia. Em Esparta vi também Helena, cuja beleza trouxe tantos sofrimento a gregos e troianos, graças a uma maldição divina.(50)O que me comoveu, no entanto, foi o modo como Menelau me recebeu ao saber que sou filho de Odisseu. Homem mais estimado que meu pai não parece ter havido em todo o exército dos aqueus... Vou lhe dizer o mais importante: ele me disse que meu pai está vivo. Ficou sabendo disso da boca do infalível Proteu, adivinho do mar. A deusa Calipso o mantém cativo em sua ilha e Proteu o viu com seus próprios olhos! Odisseu derramava amargas lágrimas enquanto fitava o mar aberto...

Penélope suspirou e disse, cheia de dor:

– Uma coisa peço apenas: que ele esteja vivo, pois só então posso continuar acalentando a esperança de que um dia volte! Ah, mas já não acredito em nada!

Dizendo isso, subiu aos seus aposentos para chorar.

Odisseu chega ao palácio

Do lado de fora do palácio, os pretendentes se divertiam atirando lanças e arremessando discos. Quando a hora da comida estava próxima, deixaram os jogos de lado e foram para o pátio. Lá mataram gordos carneiros, cabras bem nutridas, porcos escolhidos a dedo e um bezerro. Todos os animais, como sempre, eram dos rebanhos de Odisseu, que julgavam estar morto no estrangeiro. No entanto, naquele exato momento, o rei de Ítaca ia para casa, a fim de levar ruína a todos os pretendentes!

Odisseu descia a encosta na companhia do porqueiro Eumeu. Ao chegarem à fonte de mármore que Ítaco(51) havia construído em tempos remotos, encontrou-os Melântio. Tratava-se do cabreiro de Odisseu, que agora havia tomado partido dos pretendentes. Assim que se encontrou com eles, deu uma mostra de sua índole negra:

– Veja só como combinam os dois imprestáveis! Gente da mesma laia, farinha do mesmo saco! Seu imundo! Para onde está levando esse paspalho, esse verme preguiçoso? Para a ágora,(52) onde ele há de ficar roçando a espinha nos pilares a mendigar nacos de pão? Faria melhor se o entregasse a mim. Eu o poria no cercado para recolher estrume e carregar forragem para os cabritos! Bem, mas de que serve um vadio que só sabe perambular todo amarrotado pela ágora à cata de migalhas para encher o estômago sem fundo? Ouça o que vou lhe dizer: se essa criatura repugnante puser o pé no palácio, que eu não me chame Melântio se ele não levar uma bela coça dos pretendentes!

Foi isso que o invejoso cabreiro disse e, ainda não satisfeito, ao passar por Odisseu, deu-lhe um forte pontapé nas costas. O herói, porém, nem se moveu: “aguente, meu coração!”, disse para si mesmo. Poderia muito bem dar uma pancada com o bordão no insolente pastor de cabras e o estender no chão. Ou mesmo agarrá-lo com seus fortes braços, erguendo-o e atirando-o de encontro às pedras.

– Nereidas das fontes! – disse Eumeu. – Se é verdade que meu senhor já lhes ofereceu em sacrifício belas ovelhas e cabras, ouçam meu maior desejo: quero que ele retorne e arrebente a cara infame desse sujeito!

Melântio, então, fazendo troça, respondeu:

– Olhe só o que esse cão sarnento está a proferir! Se eu vir algum navio estrangeiro, vou levá-lo amarrado para vender como escravo e assim também a sorte me sorrirá, com a paga que receber por ele! Quanto a Telêmaco, que tanto estima esse porcariço nojento, Apolo há de ajudar os pretendentes a liquidá-lo. Ele perecerá, assim como pereceu Odisseu!

Dizendo isso, ele os deixou, logo chegando ao palácio. Imediatamente sentou-se a uma mesa em frente a Eurímaco, a quem admirava e servia. Pouco tempo depois chegaram Odisseu e Eumeu à porta da mansão:

– É este o palácio de Odisseu, estrangeiro – disse o guardador de porcos.

– Percebo – disse o herói. – Destaca-se entre todas as outras residências! Ora, mas estou a escutar o som de harpa e de cantos... deve haver gente a festejar algo...

– Sim. São os que comem e bebem às expensas de meu senhor! Bem, mas agora diga-me se quer entrar você primeiro ou eu. Como preferir. Mas não dê importância aos insultos e cuidado para que ninguém o machuque!

– Melhor você entrar primeiro; eu irei depois. Não se incomode se eles me insultarem e me baterem, estou acostumado. Por um naco de pão, quando há necessidade, toleram-se muitas coisas...

Enquanto falavam, um cachorro que estava deitado no chão ergueu as orelhas e levantou a cabeça. Era Argos, o cão de Odisseu, que o criou mas pouco desfrutou de sua companhia, pois partira para Troia. Assim, outros pegavam o animal para caçar lebres e cabritos selvagens. Agora, porém, já velho, jazia abandonado no meio do esterco, do lado de fora do estábulo das mulas. Estava tão fraco que já não podia mais ficar de pé... mas ao reconhecer o cheiro do dono, abanou o rabo e ergueu as orelhas. O herói, então, virou o rosto para o outro lado e enxugou uma lágrima que lhe escorria pela face, para que o porqueiro não percebesse. Então, disse:

– Olhe, Eumeu! Um cão tão bom caído no meio do esterco! Parece ser um excelente cachorro de caça!

– Ah, o que me vem lembrar! – respondeu o fiel porqueiro. – Este é Argos, o cachorro de meu patrão. Você devia vê-lo quando Odisseu partiu para Ílion! Nenhum outro cão era mais corajoso e rápido que ele! Se farejasse uma presa, não havia como ela escapar! Agora que os anos lhe pesam e Odisseu está ausente, quem tomará conta dele? As criadas, já que o patrão não está, esqueceram as obrigações. O trovejante Zeus tira metade da excelência de quem cai na escravidão...

Ao dizer isso, Eumeu entrou no palácio. Odisseu ficou parado olhando cheio de pena para o cão, e o pobre animal, virando a cabeça, finalmente aceitou a negra morte, feliz em ter vivido o suficiente para ver o retorno de seu dono.

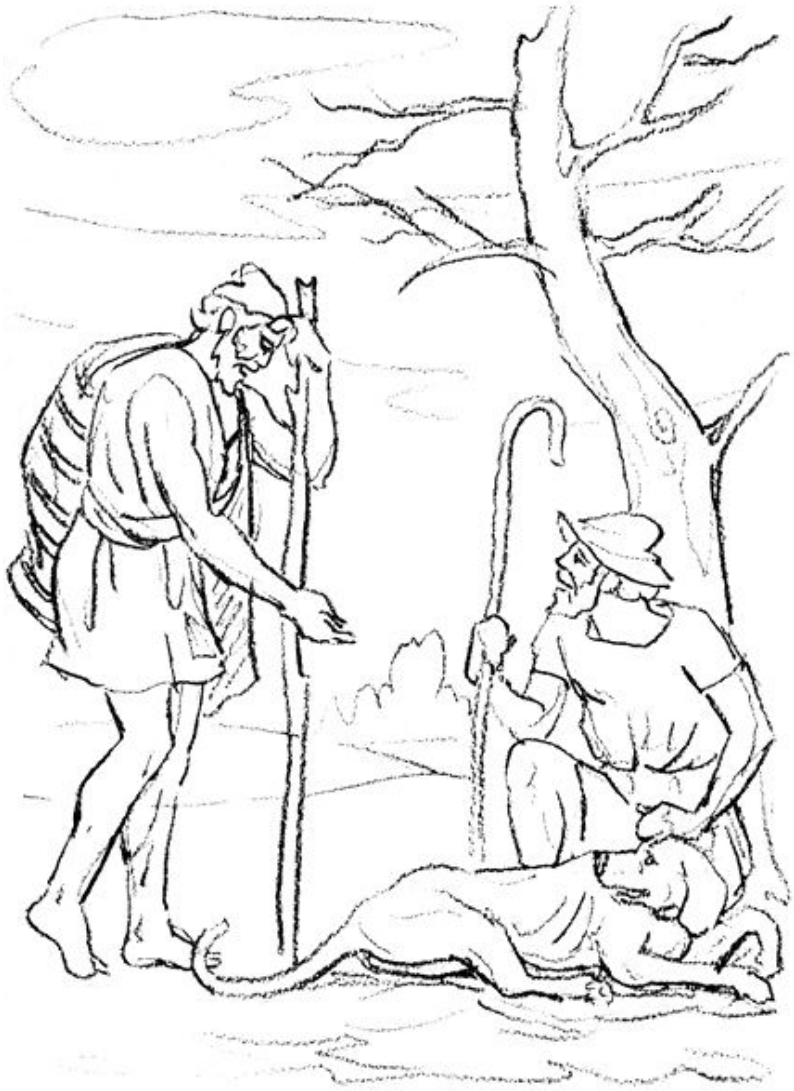
Telêmaco foi quem primeiro notou a presença de Eumeu e fez um sinal para que ele viesse se sentar ao seu lado. Logo veio Odisseu, mas não chegou a entrar, sentando-se na soleira. Assim que Telêmaco o viu, pegou do cesto pão e carne, dizendo ao porqueiro:

– Dê isto para o estrangeiro e diga-lhe para pedir também aos pretendentes. A necessidade não conhece a vergonha.

Assim fez o guardador de porcos e Odisseu, então, disse-lhe:

– Que Zeus conceda a felicidade ao digno e valoroso rapaz! Faço votos de que o anseio de seu coração se torne realidade!

Odisseu pegou a carne que o filho lhe oferecera, e, enquanto comia, Fêmio cantava e tocava sua harpa. Ao terminar de comer, o rei disfarçado de mendigo levantou-se para pedir esmolas aos pretendentes. Como se tivesse experiência na mendicância, passava entre todos e estendia a mão. Muitos lhe davam algo, alguns perguntavam quem era e de onde vinha. Então, o pastor de cabras, Melântio, disse:



– Vi esse sujeito no caminho para cá. Foi Eumeu que o trouxe, mas não sei onde o encontrou!

Ao ouvir isso, Antínoo, de um salto, bradou:

– Por que nos trouxe esse pedinte aqui, maldito porqueiro? Já não nos bastam todos os mendigos que temos de aguentar e você ainda empurra esse imundo para nós? Parece que você não se importa nem um pouco que dilapidem os bens de seu patrão!

– Você é injusto, Antínoo! – disse Eumeu. – Sei que ninguém convida um estrangeiro que não seja um bom artista, um curandeiro, um adivinho ou um cantor de voz divina para se sentar à mesa. Esses são convidados, mas o pobre ninguém deseja por perto. E você menos que todos. Do mesmo modo odeia a mim, mas eu não me importo! Não enquanto Penélope e seu filho de

aparência divina viverem neste palácio!

– Deixe-o, Eumeu! – interferiu Telêmaco. – Ele é assim mesmo, de língua venenosa! Será que está tão preocupado assim com nossa fortuna, corroendo-a descaradamente junto com os outros amigos parasitas?

Antínoo se ofendeu:

– Que está a resmungar aí, Telêmaco tagarela?! Ou será que deveríamos todos dar-lhe o suficiente para se fartar por uns três meses?

Ao dizer isso, puxou para junto de si o escabelo em que repousava os pés, com alguma má intenção em mente. Então, Odisseu, depois de ter passado por todos os pretendentes, um a um, veio parar à mesa de Antínoo:

– Dê-me algo, senhor. Não parece ser nada humilde e deve poder dar uma quantia maior que os outros. Aí então eu falarei bem de sua pessoa aonde quer que eu vá. Também fui patrão um dia! Morava numa casa rica e imponente, tinha muitos escravos e grande fortuna. Dava um pouco a quem tinha necessidade, pois tinha pena dos pobres e mendigos... Mas agora Zeus fez desaparecer toda a minha riqueza e fui rebaixado a esta situação miserável.

Em vez de se comover, Antínoo ficou ainda mais irado:

– Mas que maldição foi que trouxe este tormento à nossa mesa? Tome seu rumo, nojento, que só o que sabe fazer é estender a mão para pedir esmolas!

Odisseu afastou-se da mesa do insolente Antínoo e disse:

– É pena que você não tenha o bom senso tão brilhante quanto a aparência! Você não daria um punhado de sal se tivesse, já que não dá nada agora, que tem tudo de graça!

– Vejam só! Ainda vem nos xingar! – gritou Antínoo. – Ah, mas agora não há de sair inteiro daqui de dentro!

De repente, apanhou o escabelo e o atirou com força em cima de Odisseu, que foi atingido no ombro, mas continuou imóvel como uma rocha. Sequer disse palavra. Apenas balançou a cabeça. Ainda não havia chegado a hora da desforra. Assim, foi de novo sentar-se na soleira, dizendo aos outros presentes:

– Ouçam-me, pretendentes à mão da honrada rainha! De algumas coisas também sei eu nesta vida. O homem aceita se bater com outro em defesa de sua casa, mas não admite que o espanquem por ter fome e pedir comida! Se, contudo, os mendigos também tiverem um deus que deles se compadeça, então Antínoo, em vez de se deitar no leito nupcial, há de deitar-se sob a

negra terra!

– Coma, rapaz, e de boca fechada! – disse Antínoo. – Antes que partamos todos para cima de você e o arrastemos pelos pés até esfolar todo o seu corpo!

Nessa hora, Telêmaco ficou profundamente sentido, mas não deixou cair uma lágrima de seus olhos e permaneceu em silêncio no seu lugar.

O encontro com Penélope

Graças ao comportamento bárbaro de Antínoo, Penélope também ficou sabendo da vinda do desafortunado estrangeiro e apiedou-se dele:

– Assim como esse pária atingiu aquela pobre criatura com o escabelo, que Apolo o atinja com as setas certeiras da morte! – disse às criadas.

Euricleia completou:

– Se as nossas maldições surtirem efeito, nenhum desses indignos voltará a ver a luz do dia!

– Sim, minha bondosa anciã! – Penélope acrescentou. – Afinal, todos eles só querem a nossa ruína, mas Antínoo chega a ser pior que a negra morte! Um pobre homem veio à nossa casa mendigar por um pouco de pão e ele o agrediu com o escabelo!

Ao dizer isso, mandou uma serva ir chamar o porqueiro. Quando este veio até ela, a rainha lhe disse:

– Meu bom Eumeu, vá dizer ao forasteiro que quero vê-lo. Parece ter rodado o mundo todo. Vou lhe dar algum regalo e perguntar se sabe alguma coisa de Odisseu.

– Ficará muito alegre em escutar o que ele tem a dizer, rainha! Se pelo menos os pretendentes ficassem quietos... Eu o hospedei por três dias em minha cabana e não me cansei de ouvir suas histórias. Do mesmo modo que alguém se alegra ao ouvir um aedo dotado de doce voz, eu também tive prazer em ouvi-lo narrar suas peripécias! Tem ainda notícias de Odisseu. Disse que guerreou ao lado dele contra os troianos e, ao passar pelo país dos tésprotas, ouviu dizer que Odisseu estava lá e se preparava para voltar.

– Corra! Diga-lhe que venha até aqui! – disse Penélope, ansiosa. – Quero que ele mesmo me conte tudo o que sabe. E que os pretendentes se aborreçam à vontade! Esses têm vida boa porque seus bens estão intactos, mas dos nossos não resta quase nada. Afinal, não há aqui nenhum homem

com a força, a astúcia e a coragem de Odisseu para expulsar essa desgraça do palácio. Se, porém, meu marido voltar algum dia, então há que se ter pena deles, incapazes de perceber que pagarão com a vida por todas essas injúrias que cometem! Bem, mas agora vá chamar o estrangeiro e diga-lhe que, se me contar a verdade, eu o vestirei com um manto e uma túnica limpa.

Eumeu imediatamente correu até Odisseu e disse-lhe o que Penélope mandara, mas o rei disfarçado de mendigo respondeu:

– Iria de bom grado agora mesmo, mas temo os pretendentes, cuja maldade não tem limites! Você viu como fui agredido sem que tivesse feito nada de errado, e ninguém, nem Telêmaco, foi capaz de me proteger! Diga à rainha que espere até eles irem embora, ao anoitecer, e, então, irei até ela contar tudo o que sei.

O bom porqueiro levou depressa a resposta a Penélope, que a julgou bastante sensata. Em seguida, Eumeu foi até Telêmaco:

– É hora de eu ir para o cercado dar de comer aos porcos.

– Vá, então, mas amanhã venha cedo, pois preciso de você – disse Telêmaco.

Quando Eumeu se foi, veio um outro mendigo que todos já conheciam bem. Era alto, muito magro e feio. Além de tudo isso, era perverso, glutão e avarento. Ninguém sabia qual era o seu verdadeiro nome, mas todos o chamavam de Iro, porque levava os recados dos pretendentes assim como a deusa Íris levava as mensagens dos deuses. Mal pôs os olhos em Odisseu, ficou irado:

– Saia da porta, seu perdido, antes que eu o tire daí à força, puxando-o pelo pé! Não vê que estão me fazendo sinal para enxotar você? Eu, porém, quero que saia sozinho! Por isso levante, se não quiser arrumar briga!

Odisseu lançou um olhar atravessado para o mendigo:

– Por que tenho que ir embora? Por acaso fiz algum mal a você ou lhe falei com má educação? Não vou sentir inveja se lhe derem mais do que deram a mim. Venha, cabemos nós dois na soleira. Em que lhe prejudica eles me darem esmolas também? Se você é mendigo, somos dois. O que nos derem fica a arbítrio dos deuses. Só não venha puxar briga, porque se eu me irritar posso lhe arrebentar o queixo, mesmo velho como estou! Talvez até seja melhor, pois amanhã você não ousará vir pedir esmolas neste palácio novamente!

Iro enfureceu-se:

– Veja só que língua comprida! Parece uma velha rabugenta! Não pensa que posso desmontá-lo com um só sopapo bem dado! Pois se é isso que quer, vamos lá, velho sujo! Arregace as mangas e que os outros vejam a surra que levará por querer medir forças com um homem valente!

Os pretendentes ouviram a discussão e não quiseram perder a oportunidade:

– Venham! Vamos nos divertir! – disse Antínoo. – Nunca vimos uma luta de esfarrapados! Vamos incitá-los à briga, antes que se arrependam!

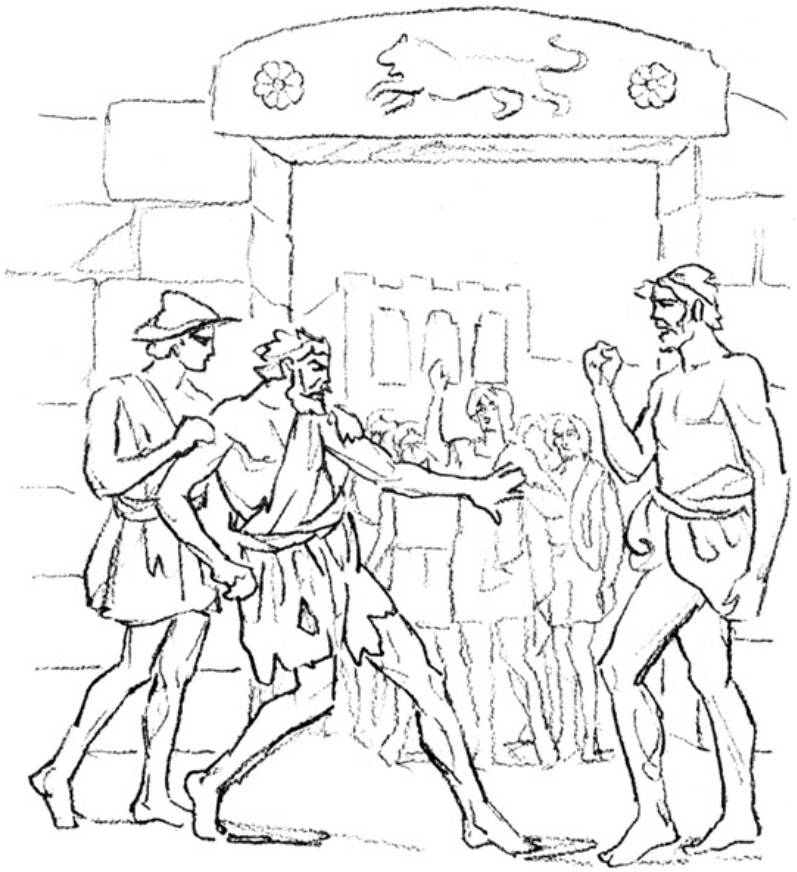
Todos, então, foram para perto e, às gargalhadas, gozavam dos dois e os estimulavam, até que Antínoo propôs:

– Eu sugiro que concedamos um prêmio a quem vencer! O que me dizem daquelas entranhas de cabrito penduradas na lareira?

Todos concordaram:

– Tudo bem! – disse então Antínoo. – Que o vencedor leve os miúdos de cabrito e, o perdedor, uma bela expulsão, para que não ponha mais os pés aqui novamente a mendigar!

Odisseu, então, disse maliciosamente:



– Ouçam, senhores, sou um velho arruinado pelos infortúnios. Não deveria lutar com um jovem cheio de vigor... mas o que posso fazer se este meu estômago perverso quer a todo custo aquelas entranhas de cabrito penduradas na lareira? Jurem somente que todos vocês ficarão afastados e a briga será só entre nós dois; não vá ninguém me acertar traiçoeiramente!

Os pretendentes concordaram, e Telêmaco disse a Odisseu:

– Estrangeiro, se o seu coração lhe diz para lutar, não tema a ninguém! Cuide de seu oponente, e quem pensar em acertar você que fique sabendo desde já que se dará muito mal!

Assim, mais tranquilo, Odisseu atou os farrapos à cintura. Ficaram então à mostra suas coxas robustas, os largos ombros e os braços musculosos. Os pretendentes ficaram desconcertados ao vê-lo, e diziam um para o outro:

– Iro se dará mal! Não estão vendo que músculos se escondiam sob os farrapos?

Iro escutou os comentários e foi tomado por um intenso tremor. Tentou fugir, mas os criados o impediram. Então, Antínoo ralhou com ele:

– Ah, tomara que você se dane, seu arruaceiro! Medo de enfrentar um velho acabado pelas desgraças... Ouça o que digo: se ele se mostrar mais valente, eu botarei você num navio e o mandarei para a ilha de Équeto, que é um rei sem piedade, e ele, desgraçado, lhe cortará o nariz, as orelhas e os testículos para dar aos cães. Que eu não me chame Antínoo se não fizer isso!

Quando Iro ouviu essas palavras, ficou completamente paralisado. Trouxeram-no arrastado diante de Odisseu, que pensava o que faria com ele. Seguramente poderia, com um golpe, estendê-lo ao chão, mas não queria fazer isso. Deixou, então, que Iro lhe batesse primeiro. O mendigo chegou a atingir o ombro de Odisseu, mas este então lhe desferiu um forte soco abaixo da orelha. A luta acabou aí. Gemendo, Iro caiu ao chão, com o sangue escorrendo-lhe pela boca. Enquanto os pretendentes caíam na gargalhada, Odisseu o pegou pelos tornozelos e o arrastou para o pátio, deixando-o apoiado no muro. Pôs nas mãos dele uma vara, dizendo estas palavras:

– Fique aqui agora a espantar os cães e os porcos. Não os outros mendigos, seu imundo, se não quiser que um mal ainda pior lhe venha a acontecer!

Dizendo isso, pendurou no ombro a sacola furada e sentou-se na soleira. Os pretendentes, rindo, iam entrando e dizendo-lhe:

– Zeus o recompense, estrangeiro, por nos ter livrado daquele comilão! Agora mandaremos o infeliz para o rei Équeto, que não tem piedade de

homem algum!

Antínoo, então, pôs as entranhas de cabrito na frente de Odisseu e Anfínomo trouxe-lhe dois pães, dizendo:

– Boa sorte, velho! Queiram os deuses que os seus tormentos logo tenham fim! – e deu-lhe vinho em sua própria taça.

– Anfínomo, você parece ser um homem sensato – respondeu o filho de Laerte. – Ouvi falar de seu pai, Niso de Dulíquios, que era justo e bondoso. Mas vou lhe dizer uma coisa agora: não há criatura mais frágil que o ser humano. Ora é nobre e importante, ora pobre e fraco. Cheguei a este estado miserável por haver cometido muitas injustiças. Acreditava em minha inteligência e valentia, mas eis que minha sorte se inverteu. Por isso o homem deve evitar a injustiça antes de tudo, aproveitar o que consegue obter com suas próprias mãos e aceitar de coração o que os deuses lhe concedem. Aqui vejo as barbaridades que cometem esses pretendentes, a devorar a fortuna e insultar a mulher daquele que, creio eu, não está muito longe de casa. A qualquer momento Odisseu voltará, e será melhor que você não esteja aqui para vê-lo na hora do ajuste de contas! Afinal, depois que ele puser o pé no palácio, não largará dos pretendentes até que muito sangue tenha corrido!

Então o herói ofereceu as libações e bebeu do vinho. Depois devolveu a taça a Anfínomo, que tomou cabisbaixo o rumo de casa. Porém, não estava escrito que ele se salvaria, pois seu destino o impeliu a voltar na hora fatal, quando Atena escolheria a lança de Telêmaco para atingi-lo.

Nesse ínterim, Penélope pensava em descer à grande sala, mas, de tão triste, não tinha ânimo para se lavar e se enfeitar. Então, Atena lhe trouxe um doce sono para que se dissipasse qualquer sinal de cansaço e preocupação. Enquanto a rainha dormia, a deusa limpou-lhe o belo rosto com mirra celestial e a tornou como que ainda mais alta, esbelta e alva. Depois, vieram as criadas, cujas vozes acordaram Penélope:

– Como descansei bem! – disse ela enquanto se levantava. – Ah, se Ártemis me concedesse uma morte igual a esse sono, seria melhor que viver me debulhando em lágrimas, com saudade de meu marido, o primeiro em toda a Grécia!

Desceu, então, acompanhada de duas servas. Odisseu a viu e seu coração bateu forte, embora seu rosto não deixasse transparecer a emoção. Ela foi até Telêmaco:

– Meu filho, o que é isso que está acontecendo? Uma hora Antínoo bate no estrangeiro, depois botam Iro para espancar o pobre homem! Já pensou o que será se permitirmos que todo estrangeiro que venha até nossa casa padeça assim? Você acabaria sendo desdenhado por todo o mundo!

– Tem toda a razão em estar zangada, mãe. Compreendo tudo o que você disse, pois já não sou criança, mas esses malfeitores me assombram o pensamento e não me deixam sossegar! Porém, não foi bem como eles queriam. Veja só, o forasteiro foi mais forte que Iro, que agora está tonto e cabisbaixo...

Então, Eurímaco aproximou-se da rainha:

– Oh, Penélope, mas que formosura! Se todos os filhos de nobres da Grécia pudessem imaginar a sua beleza, correriam tantos para cá que não caberiam neste palácio!

– Não me venha falar de formosura, Eurímaco. A minha começou a se esvair no momento em que meu marido partiu para Troia. Se ele voltasse, porém, todas as tristezas que me dilaceram o coração teriam cura. Lembro-me dele na hora em que estava de partida, quando então apertou minha mão e me disse: “Creio, meu amor, que muitos aqueus morrerão na cidade fortificada de Ílion, porque os troianos são valentes e inigualáveis na arte da guerra. Ninguém sabe se os deuses permitirão que eu volte. Por isso, tenha seu filho em bom cuidado e, como sempre, olhe por meu pai e minha veneranda mãe, para que a dor não os faça definhar. Quando você perceber que nosso filho já criou barba e eu ainda não voltei, então não espere mais! Case-se de novo!”. Foi isso que Odisseu me disse e eis que assim aconteceu. Telêmaco já é um homem e as desditosas núpcias deverão acontecer um dia, para aumentar ainda mais a minha dor... Mas não é só isso: antigamente os pretendentes não se comportavam assim quando queriam a mão de uma nobre. Matavam e comiam os seus próprios bois e carneiros e ainda traziam outros presentes. Não faziam como vocês, que esbanjam a fortuna alheia!

Quando Penélope disse isso a Eurímaco, Odisseu, que havia escutado as palavras da mulher, sentiu uma profunda alegria em seu coração.

O Sol se punha e todos os pretendentes puseram-se a cantar e dançar. Ao anoitecer, vieram algumas servas. Eram aquelas que concediam favores aos pretendentes. Folgando com eles, acenderam as tochas e uma grande fogueira no meio do pátio. Depois, todas cuidavam de sempre jogar lenha ao fogo, para que não se apagasse enquanto durasse a festança.

– Garotas, podem se recolher! – disse Odisseu. – Deixem que eu cuido da fogueira. Não me cansaria de ficar aqui até de manhã.

As servas, porém, não queriam ir embora e ficaram aborrecidas com ele. Uma delas, Melanto, que era irmã do cabreiro Melântio e não respeitava a ninguém por ser amiga de Eurímaco, falou ríspida e descaradamente:

– Ficou doido, forasteiro? Por que não vai dormir em algum albergue e para de nos dar trabalho? Em vez de ficar quieto no seu canto tem a ousadia de falar na frente de tantos jovens nobres, como se estivesse à altura deles! A não ser que ainda esteja se gabando de ter vencido Iro. Tome cuidado porque um desses rapazes valentes pode lhe quebrar a cabeça e jogá-lo para fora todo ensanguentado!

– Olhe o que diz, cadela! – retrucou Odisseu com firmeza. – Telêmaco arrancaria seu couro se lhe contasse todos esses disparates que você proferiu contra um pobre estrangeiro!

Melanto se assustou e as outras servas também. Como àquela hora apareceu Telêmaco, elas se dispersaram e foram se enfiar em seus quartos, deixando que o estrangeiro cuidasse da fogueira. Então, Eurímaco resolveu provocar Odisseu:

– Por que não vem trabalhar para mim, estrangeiro, plantando árvores em minhas propriedades e cortando estacas para as cercas? Eu então lhe daria pão em abundância, roupas para vestir e sandálias para calçar. No entanto, que trabalho aceitaria, agora que já está mal-acostumado? Só o que sabe é mendigar para satisfazer o estômago!



A isso, porém, o esperto rei de Ítaca respondeu:

– Suponhamos, Eurímaco, que nós dois nos medíssemos para ver quem é melhor trabalhador. Ceifaríamos a relva de manhã até a noite na primavera, em que os dias são mais longos, isso sem ter comido uma migalha sequer. Se me dessem dois bois para o arado, aí você iria ver como o gordo torrão de terra cairia no sulco e como o solo se abriria de ponta a ponta... Mesmo se agora Zeus acendesse a chama da guerra e eu tivesse nas mãos duas lanças, um escudo e um elmo de bronze, você veria que sou o melhor entre os melhores e pararia de me insultar! Porém, o que mais o agrada é humilhar os outros. Vangloria-se de ser valente porque à sua volta só há imprestáveis! Se em algum momento Odisseu surgisse aqui no palácio, você julgaria estas portas estreitas demais para a fuga!

Eurímaco ficou verde de raiva:

– Vou acabar com você, cão! – e, apanhando um escabelo, lançou-o com força para atingir a cabeça de Odisseu, mas este se abaixou de repente e o objeto foi atingir o escanção.

O pobre homem caiu de costas, quebrando a bilha que trazia e entornando o vinho pelo chão. Vendo tudo isso, os outros pretendentes gritavam:

– Olhem só o que esse desgraçado aprontou! Que ele não saia daqui vivo!

– Ficaram loucos? – gritou Telêmaco. – Ou será que algum deus os impele a um comportamento tão odioso?

Todos então morderam os lábios e ninguém ousou responder. Assim que foram embora, Odisseu aproximou-se de Telêmaco:

– Agora que o lugar está vazio, teremos a oportunidade de recolher as armas! Não percamos tempo!

Imediatamente, Telêmaco chamou Euricleia:

– Feche as portas dos quartos das mulheres, minha aia, até que eu leve todas as armas para o sótão. Estão escuras por causa da fuligem. Eu era um bebê quando meu pai foi embora, mas agora cresci e quero tomar conta das armas!

– Faz bem em cuidar da casa de seu pai, meu menino. Mas quem segurará o candeeiro com as criadas fechadas no quarto?

– Este bondoso estrangeiro! – respondeu Telêmaco. – Que mal há para alguém que come em nossa casa trabalhar um pouco?

Suas palavras foram ouvidas. De pronto Odisseu levantou-se e os dois carregaram os elmos, os escudos e as lanças para o sótão, enquanto a própria Atena iluminava o lugar. Telêmaco estava confuso, pois não entendia de onde vinha a luz. Odisseu, então, lhe disse:

– Não se espante, pois os deuses tudo podem. Agora vá se deitar e deixe-me falar com sua mãe.

Quando Telêmaco foi dormir, surgiu Penélope, que assim disse:

– Aia, traga uma banqueta para o estrangeiro! Quero indagá-lo sobre o meu marido e também saber qual é a grande preocupação que o aflige para estar tão pensativo.

A aia imediatamente trouxe um escabelo, pôs uma pele de carneiro por cima e disse a Odisseu que se sentasse. Penélope, então, perguntou:

– Quem é você, estrangeiro? Diga-me de onde vem e de quem descende.

– Divinal rainha, pergunte-me o que quiser, mas não de minha pátria e minha linhagem... Meu coração palpita quando me lembro! Ademais, não cabe falar de meus sofrimentos e angústias em casa alheia...

– Ah, estrangeiro, não me chame de divinal! A dor fez murchar meu viço e beleza com a partida de Odisseu para Troia! Se ele voltasse, minhas feridas

se curariam... Mas agora este intenso sofrimento me dilacera, pois o palácio se encheu de príncipes cruéis e arrogantes, que me oprimem e se banqueteiam às custas da fortuna de meu marido! Fico trancada em meu quarto para não os ver e choro por causa do meu amor! Enquanto eles se preocupam com casamento, eu só procuro maneiras de escapar, lançando mão de engodos. Assim, montei um tear, essa ideia me foi inspirada pelos deuses, para tecer um pano, dizendo aos pretendentes: "Já que o divino Odisseu está morto, tenham um pouco de paciência até que eu teça uma mortalha para meu infeliz sogro, o velho Laerte. Com esse pano o vestiremos quando a negra morte vier ao seu encontro. Não quero que as mulheres de Ítaca venham algum dia me acusar de tê-lo deixado baixar ao Hades sem uma mortalha, uma vez que tinha imensa fortuna!". Disse isso a eles e todo dia tecia o pano interminável, pois desfazia a trama de noite, à luz do candeeiro. Desse modo eu os enganei por três anos, até que uma criada infiel delatou-me, e eles vieram de noite para me surpreender, enquanto eu desfazia o tecido. Protestaram e eu, querendo ou não, tive de terminar o pano. Agora já não sei como escapar e nem encontro outra desculpa! São esses os meus tormentos, estrangeiro. Apenas diga-me agora quem são seus pais e qual a sua terra. Sim, pois todos temos pai, mãe, nome e pátria!

Odisseu, então, respondeu:

– Já que quer saber quem sou, direi tudo, ainda que o sofrimento da lembrança me dilacere! Afinal, é muito amarga a vida de quem está há tantos anos longe de casa, como eu.

Como tinha decidido falar, foi obrigado novamente a inventar uma história, pois não havia chegado a hora de se revelar à amada esposa:

– Minha pátria é a rica ilha de Creta, com noventa cidades e muitos povos. Nasci de nobre família. Meu nome é Éton e meu pai, Deucalião, filho de Minos. Meu irmão mais velho, Idomeneu, foi guerrear em Troia e eu, sendo menor, fiquei em Creta. Então, conheci Odisseu. Um vento contrário o trouxe à nossa ilha quando ele estava a caminho de Ílion. Pediu para ver Idomeneu, mas este havia partido dias atrás. Assim, o recebi e hospedei com toda a pompa. Ficou doze dias em Creta e, no décimo terceiro, quando os ventos mudaram, nós nos despedimos.

Continuando, pôs-se a contar milhares de mentiras semelhantes a verdades. Falou-lhe de exílio, amarguras e tormentos, e ela, ao ouvi-lo, desfazia-se em lágrimas a pensar no marido. Sequer imaginava que ele estivesse bem à sua

frente! Odisseu, com pena, tinha os olhos pregados na esposa e dissimulava as próprias lágrimas com dificuldade. Então Penélope disse:

– Se é verdade que hospedou meu marido, diga-me como estava vestido e, então, acreditarei em você.

– É uma pergunta difícil, rainha. Já faz vinte anos! No entanto eu me lembro de muita coisa. Ele vestia uma capa vermelha e usava um broche dourado que nos impressionou muito. Neste estava entalhado um cão que segurava um veado entre os dentes. Também vestia uma túnica finamente bordada e reluzente, que brilhava muito ao sol. As mulheres que o viram ficaram admiradas com os bordados da roupa.

Penélope, ao escutá-lo, novamente não pôde deixar de chorar, mas, por fim, enxugou as lágrimas e disse:

– Estrangeiro, assim que o vi senti pena de você. A partir de hoje, porém, será um amigo desta casa e terá minha proteção. As roupas que meu marido vestia eram as que você me descreveu. Eu as fiz com minhas próprias mãos. Também fui eu que costurei o broche dourado na capa... mas foi um triste destino que o impeliu a partir para a amaldiçoada cidade de Troia!

– Honorável senhora, não deixe a dor lhe murchar a formosura e destruir-lhe o coração! Embora eu não a condene por isso, pois toda mulher que perde seu amado companheiro não pode conter a dor. Ainda mais a senhora, que perdeu um homem semelhante aos deuses!... Mas pare de chorar e escute o que lhe direi: Odisseu está vivo. Encontra-se agora no país dos tésprotas e a qualquer momento estará aqui! Traz consigo muitos tesouros, mas nenhum de seus companheiros. Todos se afogaram no mar espumoso... Ele, lutando dias e noites contra as ondas, chegou à terra dos feácios, que o honraram como a um deus, dando-lhe ricos presentes. Queriam mandá-lo direto para casa e ele já estaria aqui, se não tivesse achado melhor ir até a terra dos tésprotas e de lá até o oráculo de Dodona. Queria saber do carvalho sagrado de Zeus(53) se deveria chegar aqui incógnito ou às claras. Tudo isso foi Fídon, rei dos tésprotas, quem me contou. Ele hospedou o filho de Laerte durante aqueles dias, e esperava que voltasse de Dodona. O rei ainda me jurou, derramando vinho aos deuses, que já estava pronto o navio que traria Odisseu para cá. Eu, porém, parti antes rumo a Dulíquios e assim não cheguei a vê-lo, mas vi os tesouros que ganhara. Eram tão abundantes que poderiam dar sustento até a sua décima geração. Pois bem, rainha, o seu marido está a salvo e não tardará a aparecer. Juro por Zeus que será como eu

digo!

Penélope, então, disse-lhe:

– Tomara que o que você diz venha a se tornar realidade. Eu, então, lhe darei tantos presentes que isso causará inveja a todos.

Então, voltando-se para as criadas, ordenou:

– Venham lavar nosso hóspede. Limpem seus pés e estendam um leito com cobertas quentes para que ele descanse até o amanhecer. Amanhã quero que ele se sente à minha mesa, ao lado de Telêmaco. Não me importa se os pretendentes ficarão ou não enraivecidos com isso!

– Respeitável senhora – falou Odisseu –, não se incomode comigo. Desde quando me massacravam as ondas passei a odiar cobertas e lençóis limpos. Dormirei como sempre tenho dormido. Nem preciso que nenhuma criada venha me lavar os pés, a não ser que haja alguma bondosa anciã, tão sofrida quanto eu. Essa eu não recusaria que viesse me limpar.

Euricleia reconhece Odisseu

Penélope respondeu prontamente:

– Meu caro hóspede, nunca passou pela porta de meu palácio alguém tão bondoso e sensato como você! Tenho mesmo uma velhinha bondosa e ajuizada. Foi ela quem amamentou meu pobre marido quando era um bebê. Agora a pobrezinha já está fraca, mas pode lavar-lhe os pés.

Então, chamou a serva:

– Euricleia, venha aqui limpar este homem. Ele tem a mesma idade de Odisseu, que talvez também esteja fraco dos braços e das pernas, pois o homem atormentado envelhece cedo.

– Ah, Odisseu, o meu bom senhor! – lamentou-se Euricleia. – Por que Zeus o persegue tanto, uma vez que respeitava os deuses e lhes oferecia ricos sacrifícios? Meu senhor só desejava uma velhice tranquila, podendo desfrutar da companhia do digno filho! Mas o deus fez com que o dia do retorno jamais chegasse, e agora quem sabe em que corte distante criadas sem juízo, como essas cadelas daqui do palácio, fazem troça dele? É por causa do vergonhoso comportamento delas que o pobre estrangeiro não as quer ver pela frente! Faz muito bem em não querer que o lavem, o que faço com prazer, pois tenho pena por tudo o que ele tem passado. Há ainda outra razão: muitos estrangeiros passaram por aqui sem que nenhum se parecesse

tanto com Odisseu no porte, no andar...

– Outros já me disseram isso, minha boa velha! – respondeu Odisseu. – Isso porque é verdade que somos muito parecidos em várias coisas. Quem é observador percebe isso.

Então, Euricleia trouxe uma bacia, onde despejou água fria e depois quente. O rei, que agora temia ser reconhecido, ficou longe do fogo, virando o corpo para que não ficasse muito iluminado. Desde jovem tinha uma cicatriz na perna. Se Euricleia visse, tudo estaria perdido. Ela começou a lavar-lhe os pés e, de repente, sua mão tocou a ferida. Então, largou subitamente a perna de Odisseu, que, batendo na bacia, derramou bastante água. Os olhos da ama se encheram de lágrimas e ela tocou-lhe no queixo, dizendo com voz trêmula:

– Odisseu, meu filho! Como não o reconheci antes? – e imediatamente voltou os olhos na direção de Penélope, querendo fazer-lhe um sinal de que o marido estava de volta, mas Atena desviou o olhar e o pensamento da rainha. Odisseu, então, agarrou a velha aia e disse-lhe:

– Quer que eu esteja perdido agora que voltei para casa, minha boa ama?

– O que diz, filho? Está com medo de que eu o denuncie? Não sabe como é firme o meu caráter?

Dizendo isso, a sensata Euricleia foi buscar mais água para lavar os pés de Odisseu. Então, ele ocultou a cicatriz com os farrapos e foi de novo para junto do fogo. Disse, então, Penélope:



– Hesito entre dois caminhos, estrangeiro: ficar aqui ao lado de meu filho, respeitando meu marido e a opinião do povo, ou casar-me de novo. Jamais poria essa ideia de segundas núpcias na cabeça, mas agora que Telêmaco cresceu e já sabe das coisas, devo escolher alguém para levar à casa de meu pai, antes que a fortuna de Odisseu se esgote de vez! Assim, vejo aproximar-se o desgraçado dia em que me afastarei deste palácio. Pensei em propor, portanto, uma prova para os pretendentes. Odisseu costumava enfileirar doze machados e, alvejando-os com o arco, fazia passar uma flecha pelos buracos de todos eles de uma vez, sem errar nunca. Pretendo sugerir a eles que tentem fazer o mesmo. Quem com mais facilidade atirar a seta, fazendo-a passar pelos buracos, eu tomarei por esposo e irei embora deste palácio, do qual me lembrarei com doçura, mesmo em meus sonhos...

– Não adie mais essa decisão, adorável mulher, porque eu prevejo que

justamente nessa hora decisiva Odisseu aparecerá. Ele é o único merecedor de vencer essa prova – respondeu o filho de Laerte.

– Farei isso, estrangeiro, mas agora já está tarde. É quase meia-noite e precisamos dormir. Vou subir e me deitar no leito que não cesso de umedecer com minhas lágrimas desde a partida de meu marido. Quanto a você, peça que lhe estendam as cobertas onde preferir se deitar.

O rei de Ítaca foi deitar-se sobre peles de carneiro, mas não conseguia pegar no sono, pois só pensava em dar cabo dos pretendentes. Atena, porém, não o deixou desamparado e derramou um doce sono sobre seus olhos.

Ao acordar pela manhã, Penélope rompeu em soluços e, com os olhos cheios de lágrimas, pedia à deusa Ártemis:

– Honorável deusa, filha de Zeus, mande-me uma seta e leve-me a vida, para que eu não venha a trazer alegria ao coração de um homem insensível! Esta noite sonhei que tinha Odisseu ao meu lado. Fiquei tão feliz, não acreditava que era um sonho! Agora que acordei só me resta chorar e lamentar...

Finalmente havia raiado o grande dia. Odisseu levantou-se, Telêmaco também, e Euricleia ordenou às servas:

– Hoje vocês devem deixar tudo muito bem limpo! Ponham as melhores tapeçarias sobre os assentos, limpem as mesas, lavem as taças até que fiquem bem reluzentes! Teremos uma grande festa!

Pouco tempo depois surgiu o porqueiro Eumeu, trazendo três leitões. Deixou-os a comer do lado de fora do palácio e foi perguntar a Odisseu como tinha se saído com os pretendentes e se eles o haviam insultado novamente:

– Deixe que me insultem! – respondeu o rei disfarçado de mendigo. – Eles ainda hão de pagar pelas injustiças cometidas em casa alheia...

Em seguida veio Melântio, o pastor de cabras, trazendo cabritos para os pretendentes. Mal viu Odisseu, começou de novo a ultrajá-lo:

– Ainda rondando por aqui, forasteiro? Vai dar o fora ou será que prefere levar umas boas bordoadas para desaparecer daqui de dentro? Há outras mesas aonde pode ir mendigar!

Porém, Odisseu nada lhe disse em resposta. Apenas balançou a cabeça, remoendo a ideia de vingança. Por fim chegou Filécio, chefe dos pastores, trazendo vitelos e carneiros. Ao ver o filho de Laerte, perguntou:

– Quem é esse estrangeiro, Eumeu? Embora esteja com a aparência sofrida,

seu rosto parece nobre! Bem, mas as coisas são assim... Os deuses estropiam quantos vagueiam pelo estrangeiro, mesmo que sejam reis. Ah, Zeus é um tirano e não tem pena dos homens! Primeiro cria o ser humano e depois o atormenta com desgraças e penas!

Em seguida, pegou Odisseu pelo braço:

– Ao ver você, estrangeiro, lembrei-me de meu senhor e um suor frio me correu pelo corpo, pois pensei que ele talvez também esteja por aí, vestindo farrapos! Isso se estiver vivo... Antes de partir, Odisseu pediu-me que dividisse os rebanhos, ficando eu a cuidar das vacas. As reses desde então se multiplicaram, mas agora são outros que ditam as regras... e sou obrigado a trazê-las para aqueles que arruinam a fortuna do rei, que está a padecer no estrangeiro! Assim me veio a ideia de cometer uma ilegalidade, estando o filho do rei ainda no palácio: pegar os bois e levá-los para outro lugar, pois a conduta desses pretendentes é algo insuportável! Só não faço isso porque penso que talvez ele apareça e faça esses inescrupulosos pagarem o que devem!

– Amigo, você não parece má pessoa e fala com sensatez – respondeu Odisseu. – Por isso lhe direi uma coisa: juro por Zeus, pelo lar que me acolhe e pelo pão que nele me oferecem que você ainda estará aqui quando Odisseu voltar! Verá com seus próprios olhos o aniquilamento desses pretendentes!

– Zeus permita que meu senhor apareça! Aí você verá a força que se esconde neste meu peito!

Logo chegaram os pretendentes e começaram a matar carneiros, cabras, porcos e ainda um bezerro. Quando as carnes estavam assadas e prontas para serem saboreadas, as criadas as serviram. Telêmaco trouxe, então, um escabelo e uma pequena mesa para o pai e o fez sentar-se ao lado da porta. Isso era o que estava combinado. Em seguida, trouxe-lhe também uma boa parte de miúdos e um copo de vinho. Então, Ctesipo, um dos mais perversos entre os pretendentes, disse aos outros:

– Ouçam, meus amigos! O forasteiro, com muita justiça, aliás, ganhou uma porção igual à nossa! Mas não é tudo, tenho algo mais para lhe dar!

O arrogante rapaz apanhou do cesto uma pata de boi e a jogou com força em direção à cabeça de Odisseu, que, no entanto, conseguiu se abaixar a tempo, olhando Ctesipo com um sorriso cheio de malícia nos lábios. Como, porém, o insensato poderia entender o seu significado?

– Teve sorte de não atingir meu hóspede, Ctesipo! – gritou Telêmaco. – Pois você teria um funeral em vez de bodas!

Gargalhando, os pérfidos moços lançaram-se à comida e começaram a virar os copos um atrás do outro, até seus olhos ficarem vermelhos pelo efeito do vinho. Então, Teoclímeno, um adivinho que viera de Pilos junto com Telêmaco, disse-lhes:

– Ah, infelizes! Que mal pende sobre suas cabeças! Que trevas lhes enuviam os olhos... mas eis que lágrimas lhes correm pelas faces! Começou o lamento! As paredes pingam sangue! Sombras de gente morta correm à sua volta! O Sol desapareceu! O céu ficou escuro! Vem chegando a negra noite!

Eurímaco, de um salto, falou:

– Esse aí ficou louco! Por que não o levamos para fora para que veja a luz, já que aqui dentro as trevas o estão a envolver?!

– Meus olhos veem muito bem, Eurímaco! Estou bem lúcido. Aqui não vou ficar, seus imbecis! Estão bem folgados a comer na toca do leão e ainda xingam quem lhes fala o que é certo!

Dizendo isso, Teoclímeno os deixou e partiu em direção à cidade. Então, um dos pretendentes disse:

– Você não tem mesmo sorte com seus hóspedes, Telêmaco! Enquanto um come e bebe vorazmente sem sequer pensar em trabalho, incapaz, que não conhece nada da arte da guerra, o outro levanta-se para dar uma de profeta! Olhe, vou lhe dar um conselho, ouça se quiser: meta esses dois num navio e mande para os sicilianos, que pagarão bem para tê-los como escravos!

No entanto, Telêmaco sequer prestou atenção. Tinha os olhos e o pensamento em seu pai e estava impaciente, pois aguardava o sinal para correr para junto dele. Enquanto isso, os pretendentes, sem suspeitar de nada, devoravam a farta comida às risadas. Contudo, jamais haveria uma ceia mais trágica que aquela... A deusa e o destemido herói estavam a postos!

45 Fórcis: deus marinho grego, filho de Pontos e Gaia (Mar e Terra). Desposou sua própria irmã, Ceto, com quem teve as Górgonas e as Greias. Algumas versões atribuem-lhe a paternidade de Cila, das Hespérides e de Equidna.

46 A concepção geográfica do mundo grego arcaico difere completamente da nossa: no extremo ocidental, por exemplo, acreditava-se que se localizava o jardim das Hespérides. O Oceano, por sua vez, era um rio circular que envolvia a terra.

47 Possêidon era irmão de Zeus e de Hades.

48 Dodona: cidade do Epiro. Em meio a seus bosques, erguia-se um templo que os pelasgos haviam consagrado a Zeus. Ali se instalou um dos mais antigos e célebres oráculos.

49 Dique: deusa que personifica a Justiça. Tal como a maioria das divindades menores, cuja personalidade mal se distingue do nome, Dique não protagoniza nenhuma lenda particular.

50 A maldição divina foi ocasionada por Éris, a deusa da discórdia. Para se vingar por ter sido a única divindade que não fora convidada para as núpcias de Peleu e Tétis, Éris lançou um pomo que deveria ser entregue à mais bela das três deusas: Hera, Atena e Afrodite. Zeus ordenou a Hermes que as conduzisse ao monte Ida, na Tróade, para aí serem julgadas por Páris. As deusas iniciaram perante ele um debate, elogiando cada uma a sua beleza e prometendo-lhe presentes. Hera oferecia-lhe a realeza sobre todos os povos; Atena tornava-o invencível na guerra; e Afrodite concedia-lhe a mão de Helena. Afrodite foi a escolhida por Páris e foi ela, pois, que esteve na origem da Guerra de Troia. Para a história do pomo da Discórdia, leia *Ilíada: A Guerra de Troia*, desta mesma coleção.

51 Ítaco: herói epônimo da ilha de Ítaca. Era filho de Ptérelas e de Anfimede e pertencia à raça de Zeus. Tinha dois irmãos, Nérito e Políctor, que com ele emigraram de Corfu e fundaram a cidade de Ítaca, na ilha homônima.

52 Ágora: na Grécia, uma assembleia popular, em contraposição ao Conselho (Boulé). Era também o nome do local da assembleia, que podia servir igualmente de praça do mercado. Era arborizada e adornada com templos e estátuas. Aí, ao ar livre, os camponeses vendiam seus produtos, os peixeiros e os padeiros tinham seus tabuleiros, os banqueiros e cambistas tinham suas mesas. A ágora era o lugar preferido para encontros e conversas em geral.

53 No oráculo de Dodona, as respostas do deus supremo eram dadas por meio de ramos de carvalhos. No cimo das árvores havia vasos de bronze, que se entrechocavam à menor brisa. Os sons produzidos eram interpretados pelos sacerdotes como a palavra de Zeus. Com o tempo, o oráculo de Dodona foi suplantado pelo de Delfos.



O FIM DOS PRETENDENTES

O arco de Odisseu

Atena, então, pôs na mente de Penélope a ideia de trazer o arco e os machados para dar início à prova. Era o começo do fim dos pretendentes. A majestosa rainha subiu as escadas e, com a chave bem moldada, abriu o quarto em que estavam o arco e a aljava cheia de flechas. Esse arco fora de Êurito,(54) o célebre arqueiro, que vencera todos os valentes jovens da Grécia, menos Hércules. Depois da morte de Êurito, o arco ficou para Ífito. Quando certa vez Odisseu foi até o Peloponeso e encontrou-se com ele, os dois se tornaram amigos fraternos e então trocaram de armas. Odisseu deu-lhe a espada e a lança e, Ífito, seu famoso arco. O rei de Ítaca guardava o presente como lembrança do querido amigo, e por isso não o levou para Troia, deixando-o em casa junto com seus tesouros. Por vinte anos o arco ficou escondido e eis que agora saía do lugar onde estava para trazer a ruína aos pretendentes...

Penélope pegou a arma, sentou-se e a apoiou em seus joelhos. Então chorou, pois antigas lembranças lhe vieram à mente... mas logo se levantou, enxugou as lágrimas e com o arco na mão desceu as escadas e foi dizer a todos:

– Ouçam-me vocês, que comem e bebem na casa de um homem que pereceu em terras distantes e dizem querer-me tomar por esposa! Chegou a hora de mostrar sua destreza com o arco de Odisseu! Eu me casarei com aquele que mais facilmente curvar o arco, passar a corda à outra ponta e varar os buracos dos doze machados enfileirados, como fazia meu marido. Então, abandonarei esta belíssima casa, de que me lembrarei com doçura, mesmo em meus sonhos.

Depois, ela disse ao porqueiro Eumeu que colocasse à frente dos pretendentes o arco e enfileirasse os machados. Ele, então, pegou o arco e a aljava com as flechas e, com os olhos cheios de lágrimas, depositou-os sobre a mesa. Também Filécio, assim que viu o magnífico arco de Odisseu, ficou com os olhos marejados de lágrimas. Antínoo enfureceu-se com eles:

– Que estão aí a chorar, seus miseráveis! Saiam ou fiquem de vez, mas calados e sem chorar! Nós temos pela frente uma prova difícil, pois envergar um arco como este não é para qualquer um! Afinal, entre nós não há ninguém como Odisseu. Lembro-me dele quando partiu para Troia; eu era então um

menino e o olhava cheio de admiração!

Enquanto dizia isso, acreditava que seria ele que retesaria a corda e passaria a flecha pelos buracos dos machados.

– Deixemos de conversa! – disse Telêmaco. – Venham todos! Eis o prêmio: mulher como esta não há em Pilos, nem na dourada Micenas, em Argos ou no continente! Nem mesmo aqui em Ítaca! Bem, vocês a conhecem e não é preciso lhe tecer elogios... Vamos então! Gostaria apenas de experimentar eu também o arco de meu pai. Se eu puder curvá-lo e atravessar os machados com a seta, então não me queixarei quando minha mãe se casar de novo. Ficarei aqui e já serei digno de empunhar as armas de meu pai!

Dizendo isso, pôs os machados em fila com incrível precisão e todos se espantaram que ele fizesse tão bem algo que jamais havia feito antes. Depois, pôs-se de pé à porta e tomou o arco. Tentou insistentemente curvá-lo três vezes para passar a corda, mas não teve força suficiente. Na quarta vez, porém, quase ia conseguindo curvá-lo, quando então seu pai fez um sinal para que parasse.

– Sou fraco – disse o jovem – e continuarei a sê-lo! Experimentem fazer melhor os que são mais fortes que eu – e, apoiando o arco na porta, foi sentar-se novamente em seu lugar.

– Vamos começar seguindo a ordem em que nos sentamos – disse Antínoo.

Então, levantou-se Liodes, mas este entendia mais de profecias que de retesar arcos. Desse modo, desistiu logo na primeira tentativa:

– Que tente outro! Não consigo retesar este arco, que ainda há de acabar com muitas vidas...

– Que disse, Liodes? – gritou Antínoo. – Só porque não consegue armar o arco põe-se a prever morticínio? Melântio, traga um pedaço de sebo e o esquente no fogo. Vamos untar o arco para que dobre mais fácil.

Esquentaram o sebo, untaram a arma e muitos foram tentar, mas a força que tinham não era suficiente. Enquanto isso, Eurímaco e Antínoo, os mais fortes e líderes dos pretendentes, ainda não haviam tentado. Por um momento, os dois pastores, Eumeu e Filécio, foram para fora. Odisseu foi ao encontro deles:

– Quero lhes perguntar uma coisa, mas estou hesitante, embora não deva estar... Respondam-me, amigos, se, digamos, Odisseu voltasse, vocês estariam de que lado? Do lado dele ou dos pretendentes?

Na mesma hora os dois, em uníssono, pediram aos deuses que o patrão

voltasse e juraram de coração que estariam ao seu lado. Assim, Odisseu, seguro do sincero apreço e da coragem dos dois, disse-lhes:

– Pois bem! Eis-me aqui! Sou Odisseu e cheguei à pátria depois de vinte anos sofrendo inúmeros tormentos! De todos os meus homens são vocês dois que realmente me querem de volta. Percebi isso desde o primeiro momento e agora está confirmado! No entanto, para lhes provar que sou realmente quem afirmo ser, mostro aqui a cicatriz provocada pelo javali no Parnaso!(55)

Dizendo isso, desenrolou os farrapos da perna. Os dois pastores, ao verem a marca, ficaram convencidos de que o patrão estava de volta e o abraçaram, chorando de alegria. Odisseu, porém, não deixou que chorassem por muito tempo:

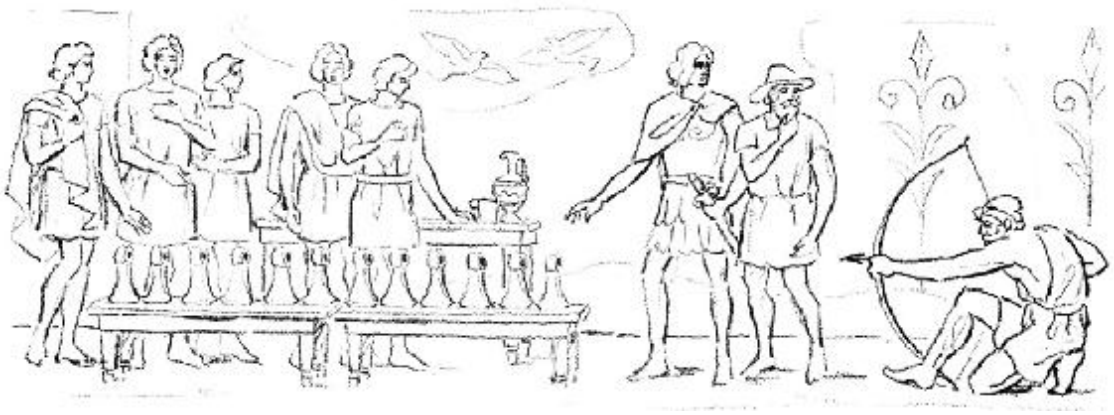
– Vão lá para dentro. Não os dois juntos, mas primeiro um depois o outro. Chegará um momento em que eu também pedirei o arco e, se eles protestarem, você, Eumeu, deverá trazê-lo para mim. Logo depois, vá pedir às criadas que saiam, trancando bem as portas atrás de si. Diga-lhes que por mais barulho e gemidos que venham a ouvir, não apareçam, mas continuem a cuidar de suas tarefas. Quanto a você, Filécio, vá trancar o portão do pátio, amarrando-o ainda com uma corda!

Odisseu participa da prova

Odisseu, então, entrou novamente na grande sala e sentou-se no escabelo onde estava antes. Depois, entraram os pastores, primeiro um e depois o outro. Era Eurímaco que agora tinha o arco entre as mãos e o expunha ao fogo para que aquecesse e ficasse mais maleável. Enfim, tentou dobrá-lo, mas por mais esforço que fizesse, ficando com as faces vermelhas, nada conseguiu. Exasperado, pôs de lado o arco, dizendo:

– Estou ao mesmo tempo aflito e enfurecido, por mim e por todos nós! Não tanto pelo casamento que não acontecerá. Há muitas outras filhas de aqueus, em Ítaca e nas ilhas vizinhas! O que me incomoda é termos nos exposto ao ridículo e nos mostrado muito inferiores a Odisseu. Tal vexame será lembrado pelas gerações futuras!

– Não tenha medo, Eurímaco! – respondeu Antínoo. – Hoje não é dia de retesarmos arcos! Ponha-o de lado e que venha o escanção encher nossos copos! Amanhã, depois de imolar algumas cabras para Apolo, tentaremos de novo, para dar fim de uma vez a esta competição!



As palavras de Antínoo agradaram a todos, e os servos trouxeram vinho e encheram as taças. Libaram aos deuses, comeram e beberam à vontade. Então, Odisseu, que estava sentado à porta, levantou-se:

– Ouçam-me, pretendentes à mão da célebre rainha e sobretudo Eurímaco e Antínoo! Talvez seja oportuno esperar que amanhã Apolo conceda a vitória a quem julgar merecedor, mas deem a mim também a chance de experimentar o arco. Assim verei se meus braços resistem e ainda tenho a antiga força ou se o mar e o sofrimento me levaram a robustez embora...

Os pretendentes se zangaram e Antínoo, saltando de seu lugar, disse:

– Então não lhe basta comer e beber aqui dentro, escutar nossas conversas e saber de nossos segredos?! Esqueceu-se do que aconteceu ao centauro Eurítion,[56] quando, bêbado, comportou-se indevidamente no palácio de Pirítoo? Você também quer que eu lhe decepe o nariz e as orelhas se, por uma tremenda sorte, conseguir armar o arco? Ou prefere que o enviemos a Équeto, que não tem piedade de homem algum e de quem ninguém o poderá livrar? Sente-se, pois, e beba quieto! Não venha querer se medir com gente muito superior a você!

Porém, nessa hora, a sensata Penélope voltou-se e disse:

– Antínoo! Não se comporte tão mal diante de um hóspede de Telêmaco! A não ser que esteja com medo de que o estrangeiro consiga retesar o arco e se tornar meu esposo... Mas isso não acontecerá e nem mesmo ele tem essa esperança! Então, deem o arco ao pobre homem e não deixem que a aflição lhes estrague o banquete!

A essas palavras da rainha, Eurímaco respondeu:

– Digna dama, não estamos com medo de que esse forasteiro a tome por esposa. Se, porém, esse mendigo armar o arco e passar uma flecha pelos

buracos dos machados, o que dirão as gentes? Haverá maior vexame para nós do que sermos vencidos por um pedinte que só causa pena aos homens?

– Eurímaco – respondeu ela –, vocês todos não têm a menor vergonha de se comportar de modo tão insolente na casa de um homem corajoso, nem de lhe devorar os bens na sua ausência! Por que, então, teriam vergonha se as pessoas comentassem que o estrangeiro os venceu na prova? Deixem que ele tente, ora! Vê-se que é robusto e diz ter sido nobre um dia. Tomara que consiga, pois então eu lhe daria um belo manto e uma túnica, uma lança afiada, uma espada e o ajudaria a ir aonde seu coração deseja!

– Mãe – interferiu Telêmaco –, se eu disser que nosso hóspede deve experimentar o arco, ou mesmo se quiser dá-lo a ele de presente, ninguém tem o direito de me impedir! Vá então cuidar da casa e das criadas e deixe que eu decida sobre o arco e tudo o que for preciso, já que sou eu quem manda neste palácio!

Penélope ficou satisfeita com as firmes palavras do filho e subiu aos seus aposentos. Lá, Atena a presenteou com um doce sono.

Então, Eumeu foi pegar o arco para dá-lo a Odisseu, mas imediatamente levantou-se um rumor entre os pretendentes e um jovem arrogante gritou:

– Para onde está levando isso, seu abutre? Será que quer que uma hora dessas acabemos com sua raça? Quer ir para o Hades sem nenhum óbolo para dar ao barqueiro?

Imediatamente se levantaram outras vozes em protesto e Eumeu, amedrontado, largou o arco. Telêmaco, porém, gritou zangado do outro lado da sala:

– Leve o arco, meu velho! Não dê ouvidos a ninguém! Mesmo eu sendo mais novo que você, não hesitarei em expulsá-lo a pedradas desta propriedade, pois sou mais forte que você! Quisera eu ter a força de todos esses párias juntos e aí você iria vê-los a sair correndo daqui!

Assim, Eumeu pegou o arco novamente e foi colocá-lo nas mãos de Odisseu. Em seguida, correu até Euricleia:

– Telêmaco ordena que vocês, mulheres, fechem bem as portas e fiquem lá dentro. Mesmo que ouçam gemidos e balbúrdia, não apareçam... cuidem apenas de suas tarefas!

Ela obedeceu imediatamente. Enquanto isso, Filécio tinha ido fechar o portão do pátio e, tendo-o amarrado ainda com uma corda grossa, voltou para seu lugar e ficou olhando para Odisseu. Este examinava seu arco.

Virava-o daqui, olhava-o dali para ver se não tinha sido roído pelos carunchos. Um dos pretendentes disse, então, ao que estava a seu lado:

– Deve ser algum caçador, para entender de arcos. Ou talvez possua muitos como esse em sua casa. A não ser que esse mendigo manhoso queira fazer um igual e por isso o examina com tanta atenção!

E outro acrescentou:

– Espere só para ver o que lhe acontecerá quando desistir de retesar o arco!

Começa a luta

Odisseu, contudo, com a mesma facilidade com que um bom cantor que conhece liras passa a corda nova e a prende na cravelha, retesou habilmente o arco. Experimentou a corda com a mão direita e ela gorjeou como uma andorinha. Os pretendentes, de tanto susto, mudaram de cor! No mesmo instante Zeus fez trovejar e o rei de Ítaca alegrou-se com o sinal que o deus lhe enviara. Pegou, então, uma flecha de cima da mesa, deixando na aljava as outras, que os corpos dos pretendentes logo provariam. Em seguida, segurou a corda e a flecha com uma mão, o bem acabado arco com a outra e, com mira bem certeira, lançou a seta de bronze. Esta passou pelos machados desde o primeiro buraco até sair pelo último. Então, o herói disse a seu filho:

– Telêmaco, o seu hóspede não o envergonhou. Com facilidade retesei o arco e acertei o alvo. Apesar de os outros me desprezarem, ainda tenho lá o meu valor... Bem, não importa! Que todos agora comam e se divirtam à vontade!

Porém, ao dizer isso, acenou com o olhar para Telêmaco, que pôs a espada cortante à cinta e, segurando a lança afiada, veio pôr-se de pé ao lado do pai. O jovem reluzia em sua armadura brilhante. Então, Odisseu lançou de si os farrapos que vestia e saltou para a soleira, segurando o arco e a aljava cheia de flechas. Depois, esvaziou a aljava a seus pés e disse aos pretendentes, pegando uma das setas:

– Agora atirarei a um alvo que há muito anseio atingir!

Como um raio, apontou e atirou uma flecha mortal e terrível na direção de Antínoo, atingindo-o no pescoço. Nesse momento, o líder dos pretendentes segurava uma bela taça dourada e se preparava para beber, sem sequer

pensar que a morte estava próxima... Mas quem pensaria que um homem só, por mais valente e destemido que fosse, ousaria alvejá-lo diante de todos os convivas, atingindo-o com o negro destino da amarga morte?

Escoiceando, o pérfido virou a mesa de pernas para o ar e caiu ao chão, entornando a taça que segurava e espalhando pelo chão nacos de pão e carne. Todos os outros saltaram de seus lugares, pondo-se de pé, gritando e correndo à cata das armas, mas as paredes estavam vazias e não se viam lanças nem escudos em parte alguma. Furiosos, começaram a xingar Odisseu:

– Seu criminoso! Como pôde alvejá-lo! Ah, mas não há de lançar mais nenhuma seta, pois agora o seu fim chegou, assassino do rapaz mais nobre de Ítaca!

Diziam isso imaginando que Odisseu havia matado Antínoo sem querer. Não lhes passava de maneira alguma pela cabeça que haviam caído na armadilha. No entanto, o sangue de todos gelou quando ouviram a voz do filho de Laerte dizer:

– Cães! Achavam que eu não voltaria e esgotaram sem dó todos os meus bens! Seduziram minhas criadas descaradamente e queriam tomar para si minha fiel esposa! Nem mesmo imaginaram, seus imbecis, que pagariam com a vida por tudo isso!

Os pretendentes ficaram de pernas bambas, tamanho era seu terror. Eurímaco ainda conseguiu reunir alguma coragem:

– Se você é mesmo Odisseu, falou-lhes muito bem sobre todo o mal que lhe causaram, mas veja: o maior culpado jaz morto no chão e fez por merecê-lo! Afinal, era Antínoo que, sozinho, tomava todas as decisões. Não era, todavia, impelido pela necessidade que tinha de se casar, mas por querer ser o rei de Ítaca, depois de assassinar Telêmaco. Ah, mas agora pagou o que devia! Recolheremos junto ao povo o suficiente para lhe pagar tudo o que comemos e bebemos neste palácio e ainda lhe pagaremos uma multa: cada um trará vinte bois e todo o ouro e bronze que você desejar. Aceite isso, pois. Não se zangue conosco!

Odisseu o olhou de soslaio e, cheio de cólera, respondeu:

– Eurímaco, se vocês devolvessem tudo o que me tiraram e ainda juntassem toda a sua riqueza e mais outro tanto, nem assim escapariam da morte!

Eles ficaram pálidos, lívidos de tanto medo. Eurímaco gritou:

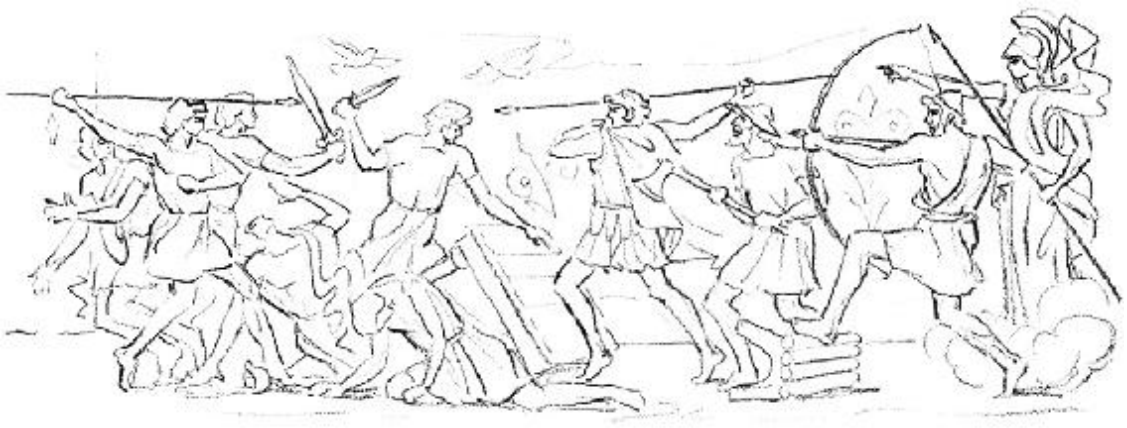
– Rapazes, esse homem não descansará enquanto não der cabo de todos

nós! Que ninguém se acovarde agora! Peguem facas, façam as mesas de escudo e vamos partir para cima dele até que saia por aquela porta. Depois correremos a sublevar o povo e, então, será ele a encontrar uma morte amarga, não nós!

Dizendo isso, imediatamente sacou de uma adaga e investiu contra Odisseu, soltando um grito selvagem. Contudo, não pôde avançar muito, pois uma seta terrível o atingiu bem no meio do peito. Eurímaco, o segundo mais valente entre os pretendentes, já não existia mais!

Atrás dele vinha Anfínomo, com uma adaga afiada, mas desta vez foi Telêmaco que o alcançou a tempo, deixando-o ali mesmo, com a lança enterrada no corpo. Em seguida, o jovem filho de Odisseu deu um salto e veio postar-se ao lado do pai:

– Vou lá para cima trazer mais armas para nós e também para Eumeu e Filécio.



Mal disse isso, correu e trouxe elmos, lanças e escudos, enquanto Odisseu continuava a atirar suas flechas mortíferas, sem desperdiçar nenhuma delas. Ao lançar a última, deixou o arco de lado e tomou um escudo de quatro couros, pondo à cabeça o capacete bem moldado. Pegou ainda duas lanças pesadas e pôs-se de novo a abater os pretendentes. Porém, o perverso Melântio também subira as escadas e, sem que ninguém o visse, trouxe armas e escudos para os invasores da mansão de Odisseu. O herói assustou-se ao vê-los se armando:

– Quem foi que lhes trouxe armas, Telêmaco? Alguma criada ou Melântio, talvez?

– A culpa é minha, pai, que na pressa deixei a porta aberta! – disse Telêmaco.

Então, virando-se para o porqueiro, ordenou:

– Vá correndo fechá-la, Eumeu!

O pastor correu e notou que Melântio voltava para pegar mais armas. Eumeu chamou Filécio, que veio prontamente. Então, os dois lançaram-se sobre o cabreiro e, num piscar de olhos, agarraram-no e o penduraram numa viga junto ao teto. Depois disso, correram para junto de Odisseu e os quatro, agora inflamados pela ira e pela sede de justiça, espalharam a ruína entre os pretendentes. Destes, poucos ainda restavam, mas Agelau lhes deu ânimo e todos atiraram de repente suas lanças na direção de Odisseu. Atena, porém, estava olhando por ele e fez com que todas errassem o alvo.

– Agora é nossa vez! – gritou Odisseu.

Os quatro, juntos, arremessaram suas lanças, matando cada um um pretendente. Atiraram os invasores uma segunda vez e novamente falharam. Odisseu, Telêmaco e os dois pastores outra vez arremessaram suas lanças e não erraram. Filécio estava ainda mais exultante que os outros, pois havia acertado Ctesipo:

– Ei, Ctesipo! – gritou. – Essa é pela pata de boi que você atirou em meu senhor, quando veio à sua própria casa vestido de mendigo!

Em pouco tempo já não havia mais nenhum pretendente com vida. Então, Odisseu mandou que Telêmaco chamasse Euricleia. Ela veio e, ao contemplar todos aqueles jovens mortos ao redor de Odisseu, que se assemelhava a um leão, quis gritar de alegria, mas o herói a impediu:

– Não, minha ama, contenha o júbilo, pois não é correto que alguém se alegre diante de gente morta. O destino e o mal comportamento desses homens foi o que os arruinou. Apenas vá agora chamar aquelas criadas que desonraram minha casa. Você lhes dirá que recolham os cadáveres, esfreguem o salão e lavem bem as mesas e os assentos, pondo tudo em ordem novamente.

Havia cinquenta escravas no palácio de Odisseu. Doze cederam a um comportamento descarado, praticando indecências com os pretendentes, sem respeitar Penélope ou as anciãs. Foram essas que Euricleia chamou. Quando as moças chegaram ao salão e viram os corpos, começaram a chorar. Querendo ou não, porém, tiveram de fazer o que a bondosa velha lhes havia ordenado. Tendo elas colocado tudo em ordem, Telêmaco disse aos dois pastores que as agarrassem e trancassem no celeiro, para que recebessem o castigo merecido. Euricleia disse então a Odisseu:

– Agora vou acordar Penélope e trazê-la até você!

– Ainda não! Traga-me primeiro enxofre e fogo, para expulsar o mal desta casa.

Euricleia o obedeceu e o filho de Laerte, sozinho, defumou o salão e o pátio, onde o sangue havia sido derramado. Quando terminou, vieram as fiéis criadas, trazendo tochas. Foi com doces lágrimas que elas cumprimentaram o senhor, beijando-lhe a cabeça e os ombros e apertando-lhe as mãos. Ele, comovido com o carinho das servas, escondia as lágrimas, com vergonha de que o vissem chorar. Nesse ínterim, Euricleia foi acordar Penélope:

– Levante, minha senhora, que hoje é dia de grande júbilo! Aquele por cujo retorno seu coração tanto ansiava chegou! Odisseu está aqui e todos aqueles que nos atormentavam jazem mortos!

– Ficou louca, querida ama, ou está a brincar com minha dor? Eu não dormia tão bem desde que meu amado se foi... e agora você vem me acordar! Se fosse outra, sairia do quarto a lamentar uma bela repreensão, mas com você eu não posso ralhar, minha boa aia!

– Filha, eu não estou mentindo! Asseguro-lhe que Odisseu voltou! É justamente aquele infeliz mendigo de quem ninguém poderia suspeitar, tamanha a habilidade com que representava! Telêmaco sabia de tudo, mas não o revelou antes que os pretendentes pagassem por todas as injustiças!

Penélope saltou da cama:

– Então é verdade?! Mas como ele foi capaz de enfrentar tantos homens? É muito difícil de acreditar...

– Nem eu sei como conseguiu. Não vi nada, mas ouvi os gemidos na hora da batalha. Todas nós ouvimos, mas permanecemos trancadas até que tudo terminasse e Telêmaco viesse nos chamar. Então, eu vi um espetáculo fantástico, que deixaria seu coração exultante: Odisseu, parado feito um leão, sujo de sangue e à sua volta as carcaças sem vida dos pretendentes! Agora está tudo limpo e em ordem. Corra para encontrar seu marido! Que enfim vocês dois possam sentir, depois de tantas amarguras e tormentos, a maior de todas as alegrias!

– Ah, minha ama! Ainda não consigo acreditar! Algum deus deve ter matado os injustos pretendentes por sua crueldade e atrevimento. Afinal, Odisseu, pobre rei, pereceu no estrangeiro...

– Senhora, bondosa rainha! Como pode dizer isso no momento em que seu marido está finalmente aqui? Será que é tão incrédula assim? Bem, mas ouça

o que vou lhe dizer ainda: eu o reconheci na hora em que lhe lavava os pés, porque toquei na cicatriz que ele tem na perna. Quis na hora gritar de alegria, mas ele me tapou a boca com a mão e mandou que eu nada dissesse!

– Minha boa Euricleia, é muito difícil aos mortais entender o que fazem os deuses. Bem, vamos até Telêmaco para que eu veja os mortos. Então saberei se é deus ou homem aquele que lhes tirou a vida.

Dizendo isso, desceu as escadas. Estava completamente atordoada, sem saber o que pensar. Chegando ao piso inferior, deparou-se com Odisseu. Ele estava sentado, de cabeça baixa, ansiando por uma palavra de sua querida esposa. Penélope, no entanto, permaneceu calada, querendo correr a abraçá-lo, mas ao mesmo tempo com medo de que não fosse ele, assim mudado como estava. Então, Telêmaco zangou-se:

– Ah, mãe, deve ter uma pedra no lugar do coração para ficar assim longe de seu marido, que enfrentou tantos perigos, tantos tormentos e só veio chegar em casa depois de vinte anos!

– Estou tão aturdida, meu filho, que nem posso olhá-lo... Mas se é mesmo Odisseu, não será difícil que nos reconheçamos, pois temos os nossos segredos, que ninguém mais conhece...

Penélope reconhece Odisseu

O divino Odisseu sorriu ouvindo essas palavras:

– Deixe que ela me examine, Telêmaco! Irá me reconhecer quando chegar a hora. Vendo-me assim, porém, sujo e esfarrapado, como pode acreditar que sou eu? Deixe-a, pois, e escute outra coisa que tenho a lhe dizer: nós matamos os príncipes mais célebres. As famílias, assim que souberem, vão se revoltar e teremos outra batalha com muito mais combatentes. Portanto, quanto mais tardarem a descobrir a carnificina, melhor. Por isso, acho que todos devem se vestir com roupas de festa, as criadas também devem se enfeitar, e o aedo cantará uma melodia alegre, de modo a ouvir-se de longe. Assim, acharão que estamos em festa e enquanto isso podemos pensar o que fazer.

Assim, todos tomaram banho, vestiram suas melhores roupas e deram início à música e à dança. Enquanto isso, circulava fora do palácio o boato de que um casamento acontecia na casa de Odisseu, tendo a rainha finalmente se decidido, e agora tomava um dos pretendentes por esposo. Afinal, ninguém

desconfiava que Odisseu havia voltado e matado todos sem que se tomasse conhecimento.

Odisseu também se lavara, ungira-se de óleo e a despenseira o vestira com um belo manto e uma túnica. Atena, que nem por um momento havia se esquecido do herói, também despejou sobre ele uma graça divina, fazendo-o parecer mais alto, mais forte e mais belo. Assim, totalmente mudado, veio de novo sentar-se no mesmo assento, de frente para sua mulher, e disse:

– Ó mulher, que de todas as outras tem o mais duro coração! Que outra ficaria assim afastada do marido, ao revê-lo depois de vinte terríveis anos? – e, para Euricleia: – Ora, vamos então, minha ama, estenda-me um leito para eu dormir, já que ela prefere ficar imperturbável diante de meu retorno!

– Pobre homem! – disse enfim Penélope. – Não tenho orgulho, como está a pensar. Mas ainda não posso reconhecer em você o homem que vi partir para a guerra. Venha, Euricleia, estenda-lhe o leito, já que ele quer assim. Apronte a cama que está do lado de fora do quarto e que ele mesmo talhou na madeira. Estenda sobre ela um lençol bordado e mantas de lã.

Isso que a rainha dizia, contudo, era para testar o marido, que de fato se surpreendeu:

– Suas palavras me magoaram, mulher! Como é que temos uma cama fora da alcova? Quem foi que a tirou de seu lugar? Nem um deus, se quisesse, poderia movê-la do jeito que a construí! E agora escute os segredos, se é o que quer! Havia no pátio uma oliveira de tronco muito grosso. Então, ergui em volta dela quatro paredes de pedra polida, construindo um aposento com belo telhado. Depois, cortei a frondosa árvore e talhei a cama no tronco enraizado. Enfim, talhei os pés da cama e a enfeitei com ouro e prata. Eis como a construí, eis os segredos que você queria ouvir para me acreditar! E como quer que eu acredite que algum homem moveu uma cama assim de seu lugar?

Foram essas as palavras de Odisseu e o coração de Penélope palpitou de alegria! Com os olhos cheios de lágrimas correu para junto dele e abraçou-lhe o pescoço com os braços alvos. Segurava e beijava-lhe o rosto:

– Não se zangue comigo, meu marido! Os deuses nos enviaram muitas amarguras por inveja do nosso amor! Assim, não me alegrei ao vê-lo... Minha alma tremia, meu amor, receando que alguém estivesse a me enganar. Afinal, muitos são aqueles que têm más intenções!... Mas você me contou todos os detalhes do que só nós dois sabíamos, além da bondosa Áctoris, a

escrava que vigiava a porta do quatro! Agora que estou convencida de que você voltou, meu duro coração se abranda!

Dizia isso sem tirar os braços do pescoço do marido, e ele também não largava dela, abraçando-a apertado. Assim os dois choravam de uma alegria que não se podia expressar com palavras! Ainda estariam chorando quando chegasse a Aurora de dedos róseos, se Atena não fizesse com que a noite durasse por duas para que os dois pudessem matar as saudades.

– Ah, mulher, enfim voltei! Foram tantas as nossas amarguras! – disse Odisseu. – Porém, elas ainda não terminaram! Temos outros sofrimentos pela frente, conforme me disse a alma de Tirésias, mas deixemos isso agora! Vamos para a cama desfrutar o doce sono!

– O leito está pronto, meu marido. Iremos assim que você desejar. Só me diga primeiro de que sofrimentos falou o adivinho.

– Ah, que quer saber! – respondeu Odisseu. – Como me perguntou, porém, vou lhe dizer. Marcharei ainda por terras estranhas, pois assim exige o deus Possêidon, que ainda está zangado comigo. O adivinho me disse que devo levar um remo ao ombro e partir para terras distantes até chegar a povos que nunca viram o mar e comem comida sem sal, sem nada saber de navios e de remos, que são as asas das embarcações. Agora escute qual é o sinal que me indicará sem erro que minha andança terá chegado ao fim: um passante irá me parar e perguntar se o que trago ao ombro é um remo. Então, eu deverei enterrar o remo e oferecer sacrifícios ao deus do mar: um carneiro, um boi e um porco macho. Depois, deverei voltar para a pátria e, chegando, também oferecer soberbos sacrifícios a todos os deuses, começando por Zeus. Então, finalmente meus tormentos terão terminado. Eu reinarei feliz em Ítaca, com o amor do povo, que terá do bom e do melhor. Minha morte, enfim, será tranquila e só me alcançará em avançada velhice, longe do mar. Foi isso que disse o infalível adivinho.

E Penélope respondeu:

– Afortunado é aquele que, por mais que tenha penado, termina a vida numa velhice feliz!

O encontro com o velho Laerte

Na manhã do outro dia, Odisseu, Telêmaco e os dois pastores tomaram o rumo das montanhas, onde ficava a casa do velho Laerte. O herói tinha

pressa de ver seu pai, mas também havia outra razão para querer ir até lá. Sabia que não tardaria a se espalhar a notícia da matança que ocorrera no palácio e os parentes dos pretendentes iriam sublevar o povo. Então, a guerra seria inevitável. Talvez ele pudesse encontrar outros para ajudá-lo.

A casa de Laerte era uma choupana rural onde o pobre velho vivia uma vida de privações, a trabalhar no campo. Uma velha siciliana cuidava dele. Na casa morava também um fiel escravo, Dólio, com seus seis filhos. Todos ajudavam Laerte no trabalho e, com sua companhia, abrandavam-lhe a dor da perda do filho e da pilhagem de seus bens.

Quando os quatro chegaram, encontraram apenas uma velhinha no interior da choupana. Odisseu então deixou Telêmaco e os pastores a preparar a comida e seguiu sozinho para encontrar o pai. Encontrou-o a podar uma arvorezinha em um pomar muito bem tratado. Usava roupas pobres, mal remendadas e sujas. Seus pés, das solas às canelas, estavam envolvidos em couro de boi para que os galhos das moitas não os arranhassem. Protegia a cabeça com um capuz de pele de cabra. Quando Odisseu o viu, seu coração sufocou-se dentro do peito. Queria sair correndo imediatamente para abraçá-lo, mas preferiu ver primeiro se ele o reconheceria. Então, aproximou-se dizendo:

– Ei, ancião, vejo que tem um pomar muito bem cuidado. Todas as árvores estão belas e frondosas! Só você, e não fique zangado com o que digo, está desleixado. Usa roupas velhas e parece muito sofrido, mas, se alguém tomar conta de você direito, ficará parecido com um nobre! Se bem que parece que o seu patrão não se preocupa com você, já que, de um jeito ou de outro, faz bem o seu trabalho. Gostaria, contudo, de perguntar uma coisa. Este lugar é Ítaca? Não estou bem certo do que me disse um camarada que encontrei pelo caminho, pois lhe perguntei uma coisa e ele respondeu outra! Certa vez, hospedei um homem fabuloso em minha casa, desses que não se encontram facilmente. Nunca conheci alguém como ele em toda a minha vida. Disse-me que era de Ítaca e filho de Laerte. Quando partiu eu lhe ofereci valiosos presentes e uma taça de ouro para libar aos deuses e se lembrar de mim. Faz muito tempo que isso aconteceu e, se esta for mesmo a ilha de Ítaca, gostaria de revê-lo. Isso se ele voltou para casa são e salvo e se ainda vê a luz do dia.

Laerte derramou lágrimas ao escutar o filho:

– Sim, estrangeiro – respondeu. – É este o lugar que procura, mas ele agora

é usurpado por homens malvados e ladrões. Os presentes que você deu ao seu amigo desapareceram com ele. Se ele estivesse aqui, certamente o receberia e lhe ofereceria belos presentes, como é certo fazer em retribuição a quem primeiro presenteou. Mas ele pereceu no estrangeiro, sem uma sepultura e sem que sobre seu corpo chorassem a mãe e o infeliz pai. Nem a esposa sensata lhe fechou os olhos, como se deve fazer com os mortos...

Dizendo isso, por puro desespero, apanhou com as mãos um punhado de terra e jogou sobre a branca cabeça, suspirando profundamente. Odisseu, com o coração dilacerado de ver o pai daquele jeito, atirou-se sobre ele e disse, abraçando-o e beijando-o:

– Pai, sou eu o filho que tanto deseja rever! Vinte terríveis anos se passaram, mas agora tudo mudou. Escute o que vou dizer: matei os pérfidos pretendentes dentro do palácio!

O velho Laerte, porém, não podia crer em tal felicidade:

– Se você é meu filho, dê-me uma prova!

– Olhe! – disse Odisseu. – Veja a ferida que o javali me fez no Parnaso! Escute ainda que eu lhe diga quantas árvores você me deu! Foram doze pereiras, que com as figueiras perfaziam um total de quarenta árvores frondosas! Ainda mais, doze macieiras e você me prometeu cinquenta fileiras de parreiras carregadas das melhores uvas!

De alegria, as pernas do ancião ficaram bambas e seu coração palpitava diante das provas infalíveis. Laerte estava meio que desmaiado e Odisseu o abraçou, estreitando-o com angústia no peito. Quando o velho recobrou os sentidos, o herói o pegou e, segurando-o bem apertado, levou-o até a choupana, onde a mesa que Telêmaco preparara os estava esperando. Àquela hora chegou também Dólio com seus filhos. Com lágrimas de alegria, abraçou Odisseu e o beijou. Em seguida, sentaram-se todos à mesa.

Nesse meio tempo, espalhou-se pela cidade a notícia da morte dos pretendentes. Todos os parentes se reuniram na praça, chorando. O povo também veio e, então, Eupites, pai de Antínoo, surgiu à frente deles e disse:

– Ouçam, conterrâneos! Esse homem arruinou Ítaca. Levou consigo todo o exército e o perdeu! Nenhum de nossos velozes navios voltou! Somente ele conseguiu retornar, e seria melhor que não voltasse jamais! Mal chegou, fez algo terrível. Assassinou os mais nobres jovens de Ítaca e das ilhas vizinhas. Agora todos entendem qual é nosso dever: precisamos alcançá-lo antes que ele fuja para Pilos ou para a Élida. Eu prefiro não mais viver, se for para

ficarmos com a vergonha de deixar impune o assassino de nossos filhos! Vamos lá, sem perda de tempo, não o deixemos escapar!

Assim falou e todos se compadeceram dele, mas nessa hora levantou-se o adivinho Haliterses:

– Irmãos, escutem-me! Foram os próprios pretendentes os culpados por sua perdição! E mais ainda seus pais! Em vão Mentor e eu lhes dávamos conselhos! Dizíamos que recolhessem os filhos e os impedissem de cometer ações ímpias, dilapidando os bens de um homem valente e, ainda por cima, querendo lhe desonrar a esposa! Não me ouviam, porém, porque achavam que Odisseu jamais voltaria e punham más ideias na cabeça. Portanto, escutem vocês o meu conselho: voltem para suas casas e tratem de cuidar de seus próprios afazeres!

A maioria seguiu o conselho de Haliterses, mas ainda eram muitos os que concordavam com o pai de Antínoo e resolveram apanhar as armas. Assim, liderados por Eupites, puseram-se à procura de Odisseu. Ficaram sabendo que havia ido para a casa de Laerte e para lá se dirigiram.

Na choupana, todos já haviam comido e Odisseu pediu que alguém fosse lá fora ver se algum inimigo se aproximava. Um filho de Dólio prontificou-se a verificar e viu que Eupites e seus aliados subiam a encosta. Avisou Odisseu e de pronto todos se armaram e vieram para fora. Agora, além dos quatro, havia também os seis filhos de Dólio. O pai deles e o próprio Laerte vestiram armas também. Apesar de já estarem velhos, queriam lutar ao lado dos outros. Os inimigos, no entanto, eram em número bem maior, mas Atena não deixaria Telêmaco e seu pai desamparados. Quando Eupites e seus aliados se aproximaram, a deusa falou à alma de Laerte:

– Filho de Arquísio, faça uma prece e atire sua lança primeiro que todos!

O velho brandiu a lança com toda a força que tinha e mais o vigor que lhe dera Atena, varando o capacete de Eupites, que caiu ao chão, sem vida. Odisseu e Telêmaco investiram como a tempestade, e a desgraça teve início. Os outros seguiram atrás.

A vitória estava de novo ao lado de Odisseu e ele os mataria a todos se Zeus e a própria Atena não o impedissem, pois não queriam que se derramasse mais sangue. Assim, Zeus lançou um raio e fez parar a batalha. Então, imediatamente surgiu entre eles Atena, sob a forma de Mentor, e declarou a reconciliação. O filho de Laerte, percebendo quem na realidade estava falando, sentiu uma profunda alegria no coração. Chegara finalmente

o tempo de todos gozarem a paz!

54 Êurito foi professor de Hércules, a quem teria ensinado a manejar sabiamente o arco. Foi aliás o arco de Êurito, herdado por Ífito, seu filho, que foi oferecido por este a Odisseu, como presente de hospitalidade. Foi com esse arco que Odisseu matou os pretendentes. A lenda mais conhecida a respeito de Êurito é a que o apresenta como inimigo de Hércules. Êurito instituiu um concurso aberto a todos os gregos e declarou que ofereceria como prêmio a mão de sua filha ao arqueiro que conseguisse vencê-lo. Hércules conseguiu derrotá-lo, mas, segundo uma versão, o soberano não só lhe negou o prêmio combinado, como o acusou de ter roubado seu rebanho. Ífito tomou o partido do herói; este, porém, enlouquecido, atirou-o do alto das muralhas de Tirinto. Em outra versão, Hércules era realmente o autor do roubo, e matou Ífito quando este reclamou sua parte na divisão dos animais. Para expiar o crime, o herói foi vendido a Ônfale como escravo. Terminado o castigo, organizou uma expedição contra a Ecália; tomou a cidade, matou Êurito e seus filhos, e apoderou-se de Íole. Veja também o livro *Hércules*, desta mesma coleção.

55 "A Odisseia" faz apenas alusão a uma caçada ao javali, no monte Parnaso, em que Odisseu tomou parte durante sua estadia junto de Autólico, seu avô. Nessa caçada, foi ferido no joelho e a cicatriz que daí resultou ficou indelével.

56 Eurítion: centauro que, ao tentar raptar a noiva de Pirítoo, deu origem à batalha entre os centauros e os lápitas.

O poeta da Íliada e da Odisseia

por Menelaos Stephanides

A Guerra de Troia, tal como os estudiosos afirmam, teria ocorrido por volta de 1200 a.C., marcando o final de uma época. De fato, em um espaço de tempo não superior a cem anos, a civilização micênica desapareceu e a Idade Obscura vigorou na Grécia por dois a três séculos. Embora quase todos os vestígios tivessem desaparecido na escuridão, a herança cultural daquele mundo sobreviveu para se tornar a semente do brilhante florescimento do espírito helênico que ainda estava por vir. A essa criação espiritual que chegou até nós, damos o nome de Mitologia Helênica. De boca em boca, de aedo para aedo, chegamos, em 700 a.C., a Homero. E ele, tomando como base o rico repertório de lendas e tradições populares que tinha a sua disposição, compôs as duas obras épicas imortais: a Ilíada e a Odisseia. E embora essas obras tenham chegado a nossas mãos "mutiladas" e "corrigidas", nelas transbordam as palavras inspiradas de um gigante da poesia, sobre o qual a tradição não nos proporciona nada de seguro, exceto seu nome. Mas que diferença faz se Homero nasceu em Esmirna, Quios ou Argos, se era cego ou não, quando podemos conhecê-lo por meio de sua obra, que é o espelho de sua alma?

Homero era um gênio que os críticos atuais e do passado colocaram no ápice de uma pirâmide, isolado ou ao lado de dois ou três outros grandes nomes da literatura mundial.

Uma obra literária nem sempre nos comove apenas por suas qualidades poéticas. Ela pode nos comover também pela verdade com que reflete nossa condição humana. E a obra de Homero satisfaz plenamente ambas as exigências. A poesia de sua linguagem frequentemente alcança o zênite da beleza incomparável, tal como na despedida de Heitor e Andrômaca ou na cena final da Ilíada, em que Príamo se dirige à tenda de Aquiles para resgatar o corpo de seu filho Heitor.

Que valores humanos universais se concretizam nessa cena da despedida, cujos protagonistas pertencem a acampamentos inimigos! E como Aquiles, que por ter arrastado o corpo de Heitor na poeira havia ultrajado até mesmo os deuses que o amavam, pôde receber Príamo em sua tenda? Como foi possível caber tanta compaixão num peito dominado pela cólera? Pode, então, o homem ser ora implacável e feroz, ora bom e flexível? Sim, pode.

Isso disse-nos o poeta há quase três mil anos, e ele tem razão. Assim é Homero: comedido, reverente e, acima de tudo, imparcial. Quando ele proclama que “não há nada mais doce no mundo que nossa pátria e nossos pais”, exibe uma visão universal da humanidade. Chega a pôr em cena um troiano e um aqueu unidos pela morte num abraço. Para ele não há bons e maus, apenas seres humanos. Homero amava sua pátria e também amava o homem para além dos limites de sua nacionalidade. E nisso não reside nenhuma contradição. Ama melhor sua pátria e seu povo quem possui em si a fonte do verdadeiro amor. Muitos homens foram grandes, mas nem todos foram justos. Homero possuiu ambas as qualidades.

Sobre o autor

Menelaos Stephanides, grego, nasceu em 1923 em Istambul, na Turquia. Como milhares de outros gregos foi exilado com sua família e estabeleceu-se em Atenas, na Grécia. Estudou economia na Universidade Nacional em Atenas. Sua paixão pela mitologia gtrga o levou a dedicar-se, durante os vinte cinco anos seguintes, ao estudo dos mitos e em recontá-los para as jovens gerações. Em 1976 seus livros foram homolgados pelo Ministério da Educação Grego para as escolas públicas. Em 1989 recebeu, pelo conjunto de sua obra, a menção Pier Paolo Vergerio para literatura infantil em Padowa, Itália. Seus trabaçhos têm sido traduzidos e publicados em vários idiomas.

Coleção Mitologia Helênica

1. Hércules

2. Prometeu, os Homens e outros Mitos

3. Jasão e os Argonautas

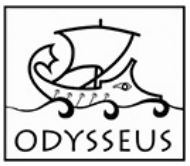
4. Teseu, Perseu e Outros Mitos

5. Ilíada: A Guerra de Troia

6. A Odisseia

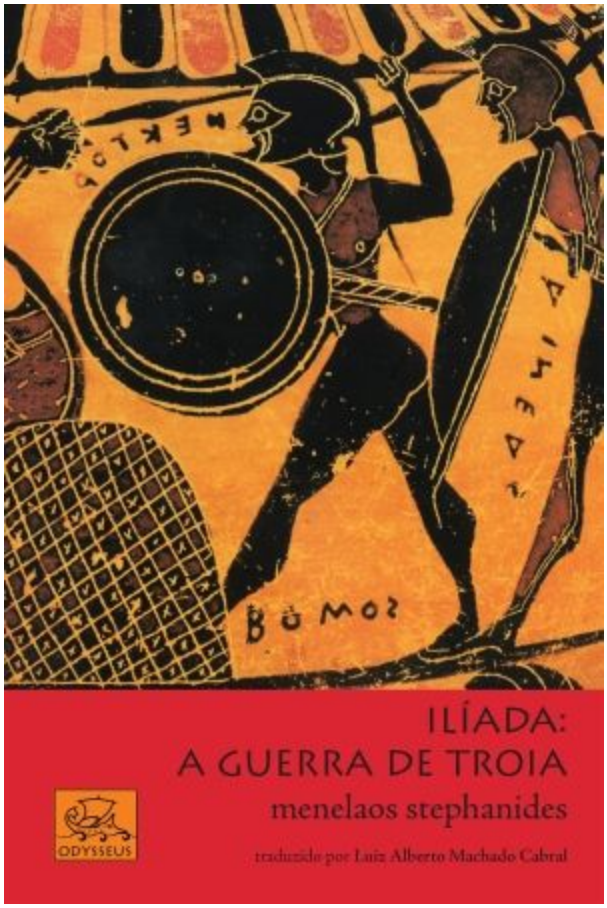
7. Édipo

8. Os Deuses do Olimpo



Odysseus Editora Ltda.

www.odysseus.com.br



ILÍADA: A GUERRA DE TROIA

menelaos stephanides

traduzido por Luiz Alberto Machado Cabral

ODYSSEUS

Ilíada: a guerra de Troia

Menelaos, Stephanides

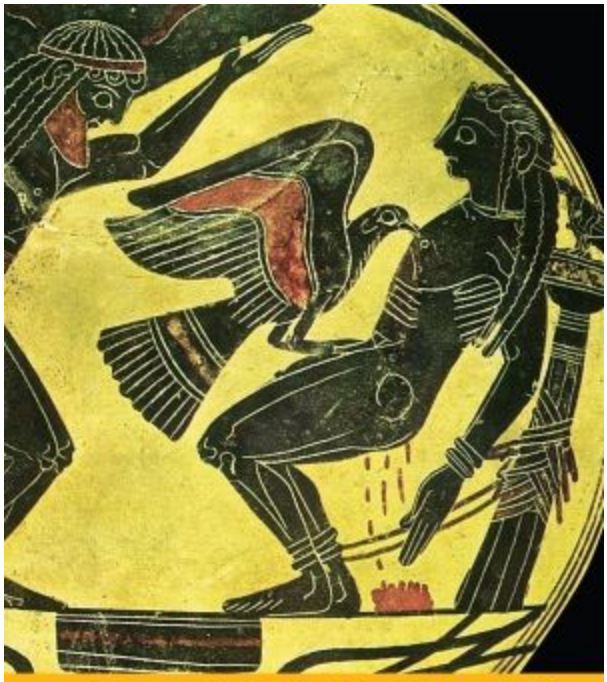
9788578760557

200 páginas

Compre agora e leia

Recontada por Menelaos Stephanides "A guerra de Troia" foi a mais terrível daqueles tempos
antigos. Durou mais de dez anos, contou com a intervenção dos deuses olímpicos e com a participação de heróis
lendários como Odisseu, Agamêmnon, Aquiles, Heitor, entre outros. Essa guerra, cheia de sofrimento e beleza, que
começa pelo rapto de uma linda mulher, é o cenário da Ilíada de Homero, um clássico da literatura universal.

Compre agora e leia



PROMETEU, OS HOMENS E OUTROS MITOS

menelaos stephanides

traduzido por Marylene Pinto Michael

ODYSSEUS

Prometeu, os homens e outros mitos

Menelaos, Stephanides

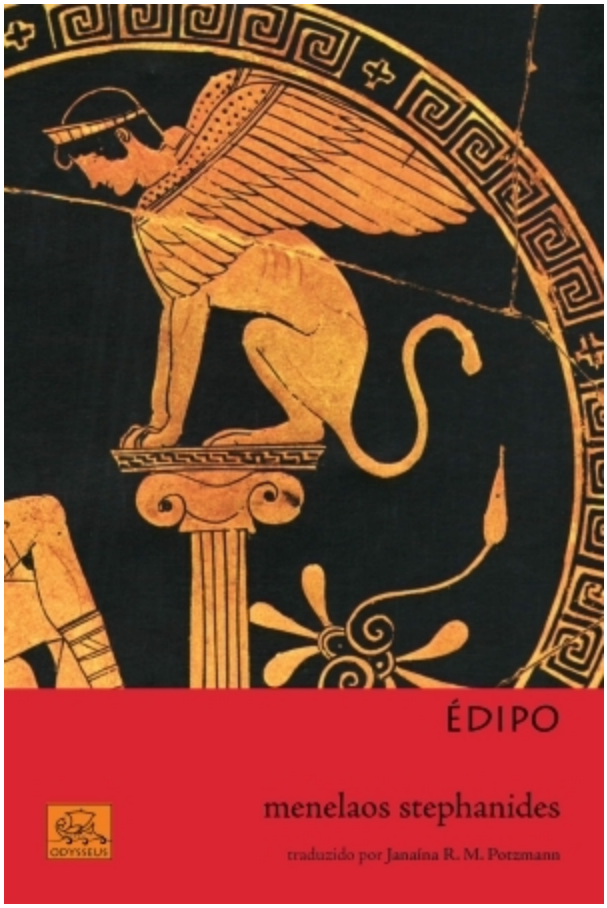
9788578760496

200 páginas

Compre agora e leia

Quando o titã Prometeu leva o fogo aos homens, desagrada profundamente a Zeus, senhor dos deuses e dos homens.
Inicia-se então a história de seus terríveis sofrimentos: o titã seria amarrado às encostas do Cáucaso e teria o
fígado devorado diariamente por uma ave de rapina.
Nesse volume temos, além da saga de Prometeu, o nascimento e a história de Dioníso; o amor de Orfeu e Eurídice; entre
outras histórias.

Compre agora e leia



ÉDIPO

menelaos stephanides

traduzido por Janaína R. M. Porzmann

ODYSSEUS

Édipo

Menelaos, Stephanides

9788578760526

200 páginas

Compre agora e leia

Nesse volume, a história de Édipo é recontada a partir da adaptação de várias tragédias clássicas gregas. O mito de Édipo que foi reinterpretado por Sigmund Freud e formou um dos pilares de sua obra, fala-nos da inescapável condição humana. O conhecimento dessa história é de extrema importância, pois torna possível uma reflexão profunda sobre nossa existência.

Compre agora e leia


UMA VIAGEM À GRÉCIA
Os Jogos Olímpicos e os Deuses
Stylianos Tsirakis

Uma viagem à Grécia

Tsirakis, Stylianos

9788578760564

200 páginas

Compre agora e leia

Um grupo de estudantes viaja à Grécia para pesquisar sobre a origem dos Jogos Olímpicos na Antiguidade. Em suas andanças pelos museus e sítios arqueológicos, descobrem que a prática esportiva na Grécia antiga, um dos pilares da formação do homem grego, era o caminho que ligava o jovem aos heróis e deuses.

Compre agora e leia



TESEU, PERSEU E OUTROS MITOS

menelaos stephanides

traduzido por Janaina R. M. Potzmann

ODYSSEUS

Teseu, Perseu e outros mitos

Menelaos, Stephanides

9788578760540

200 páginas

Compre agora e leia

Nesse volume são narrados os mitos de alguns dos mais conhecidos heróis gregos, como Teseu e Perseu, além de Belerofonte, Pégaso e Atalanta.
Os heróis, por sua nobreza e coragem, são tão importantes na mitologia grega quanto os próprios deuses. Como escreveu Stephanides, "sempre
houve e sempre haverá heróis".

Compre agora e leia